

BIBLIOTÉCA DE FILOSOFIA ESPIRITUALISTA
MODERNA E CIÊNCIAS PSÍQUICAS

FRANCISCO CANDIDO XAVIER

CRONICAS
DE
ALÉM
TUMULO

(DE HUMBERTO DE CAMPOS)



LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO
AV. PASSOS, 30 - RIO

F. CANDIDO XAVIER

CRONICAS
DE ALÉM
TUMULO

Livraria Editora da Federação

OBRAS DE

GABRIEL

DELANE:

**A ALMA É
IMORTAL**

Br.... 9\$000
Enc.. 12\$000

**O ESPIRI-
TISMO
PERANTE A
CIENCIA**

Br.... 9\$000
Enc.. 12\$000

**A EVOLU-
ÇÃO
ANÍMICA**

Br.... 9\$000
Enc.. 12\$000

**REINCAR-
NAÇÃO**

Br.... 9\$000
Enc.. 12\$000

Pelo correio :
— 1 vol., mais
1\$; varios, \$500
cada.

1991

CRONICAS DE ALÉM TUMULO

DE

HUMBERTO DE CAMPOS

Produções do médium
Francisco Candido Xavier

**BRASIL, COEAÇÃO DO MUNDO,
PATRIA DO EVANGELHO**

(Ditado pelo espirito de HUBERTO DE CAMPOS).

EMMANUEL

Trata-se de mensagens ditadas por esse bondoso espirito ao médium Francisco Candido Xavier, cheias de coloridos que nos enchem de consolo e suavidade. — Broch. 4\$, enc. 7\$.

A CAMINHO DA LUZ

Historia da Civilização, á Luz do Espiritismo. Obra prima ditada pelo espirito lucido de Emmanuel. — Broch. 4\$, enc. 7\$.

PAENASO DE ALÉM TUMULO

Neste livro, verdadeiramente unico até agora nos anais da bibliografia espirita, temos uma das provas mais robustas da identidade pessoal, «post mortem», de um Castro Alves, Guerra Junqueiro, Casemiro de Abreu, João de Deus e tantos outros da nossa e das passadas gerações. — Broch. 7, enc. 10.

CRONICAS DE ALÉM TUMULO

(Ditado pelo espirito de HUBERTO DE CAMPOS).

Coletanea de mensagens para serem relidas de quando em quando e para consulta nesses momentos tão ameudados em que o animo se nos abate e o espirito quasi desialece. — Broc. 5\$, enc. 8\$.

NOVAS MENSAGENS

(Ditado pelo Espirito de HUBERTO DE CAMPOS).

Este livro deve ser lido e recomendado a todos quantos se interessam pelo assunto do espiritualismo e por todos os admiradores da prosa deliciosa e instrutiva do imortal escritor. — br. 4\$, enc. 6\$.

HA DOIS MIL ANOS

Unico pela sua singularidade de concepção e de fatura, este livro de original beleza descreve, através do cérebro e pela pena magica do médium Francisco Candido Xavier, a passagem de Emmanuel pela terra como patricio romano, ao tempo de Tibério, de quem foi legado, na Palestina, onde conheceu Jesus e assistiu ao sacrificio do Golgotha. — br. 7\$, enc. 10\$.

50 ANOS DEPOIS

(Ditado pelo Espirito de EMMANUEL).

E' mais um florão de graças estimuladoras da Fé, que reconforta os lamintos de luz e beleza divinas. Quem houver lido «Ha Dois Mil Anos», não pôde deixar de ler «50 Anos Depois», visto que só assim abrangerá «in totum» o pensamento do grande Espirito que o ditou, com líros de atualidade. - br. 7\$, enc. 10\$.

Porte : — 1 volume, 1.000 rs. — Diversos, .500 rs. por exemplar.

FRANCISCO CANDIDO XAVIER

CRONICAS
DE
ALÉM TUMULO

Ditadas pelo Espirito de

HUBERTO DE CAMPOS

eminente homem de letras
desencarnado em 5 de De-
zembro de 1934.

3.^a EDIÇÃO



1940

Livraria da Federação Espirita Brasileira
Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro — Brasil

INDICE

	pags.
Ao leitor	7
De um casarão do outro mundo	13
Carta aos que ficaram	20
Aos meus filhos	26
Na mansão dos mortos	31
Judas Iscariotes	39
Aos que ainda se acham mergulhados nas som- bras do mundo	45
A suave compensação	51
Do Além-tumulo	57
Oh! Jerusalém!... Jerusalém!	61
Falando a Piratininga	66
Coração de mãe	71
O tête-à-tête das sombras	76
No dia da Patria	83
Um céptico	88
A ordem do Mestre	95
A passagem de Richet	102
Hauptman	109
A casa de Ismael	116
Carta a Maria Lacerda de Moura	123
Pedro, o Apostolo	130
O grande Missionario	136
A lenda das lagrimas	142
Carta aberta ao Sr. Prefeito do Rio de Janeiro	149
A paz e a verdade	156
Sócrates	165
Escrevendo a Jesus	172
A maior mensagem	178
Respondendo a uma carta	185
Tiradentes	191
O problema da longevidade	198
O elogio do operario	204
Aniversario do Brasil	210
Uma veneravel instituição	215
Carta á minha mãe	223
Trago-lhe o meu adeus, sem prometer voltar breve	229
Em saudação a Humberto de Campos	234

Imp. of. REFORMADOR.

AO LETTOR

Por enquanto, poucos intellectuais, na Terra, são suscetiveis de considerar a possibilidade de escreverem um livro, depois de "mortos". Eu mesmo, em toda a bagagem de minha produção literaria, no mundo, nunca deixei transparecer qualquer laivo de crença nesse sentido. Apegando-me ao resignado materialismo dos meus ultimos tempos, desalentado em face dos problemas transcendentales do além-Tumulo, não tive coragem de enfrenta-los, como, um dia, fizeram Medeiros e Albuquerque e Coelho Netto, receoso do fracasso de que deram testemunho, como marinheiros inquietos e imprudentes, regressando ao porto árido dos preconceitos humanos, mal se haviam feito de vela ao grande oceano das expressões fenomenicas da doutrina, onde os espiritos sinceros, desassombrados e incompreendidos, são aqueles arroçados e rudes navegadores da Escola de Sagres que, á força de sacrificios e abnegações, acabaram suas atividades descobrindo um novo continente para o mundo, dilatando as suas esperanças e santificando os seus trabalhos . .

Dentro da sinceridade que me caracterizava, não perdi ensejos para afirmar as minhas dúvidas, expressando mesmo a minha descrença acerca da sobrevivência espiritual, desacomodado de qualquer possibilidade de viver além dos meus ossos e das minhas células doentes...

E' verdade que os assuntos de Espiritismo seduziam a minha imaginação, com a perspectiva de um mundo melhor do que esse, onde todos os sonhos das criaturas caminham para a morte; sua literatura fascinava o meu pensamento com o magnetismo suave da esperança, mas a fé não conseguia florescer no meu coração de homem triste, sepultado nas experiências difíceis e dolorosas. Os livros da doutrina eram para o meu espírito como soberbos poemas de um idealismo superior do mundo subjetivo, sem qualquer feição de realidade prática, onde afundava as minhas faculdades de análise nas ficções encantadoras; suas promessas e a sua mística de consolos eram o brando anestésico que conseguira aliviar muitos corações infelizes e doloridos, mas o meu era já inacessível á atuação do sedativo maravilhoso e o pior enfermo é sempre aquele que já experimentou a ação de todos os específicos conhecidos.

Em 1932, um dos meus companheiros da

Academia de Letras solicitou a minha atenção para o texto do "Parnaso de Além-Túmulo". As rimas do outro mundo enfileiravam-se com a sua pureza originária nessa antologia dos mortos, através da mediunidade de Francisco Xavier, o caixeiro humilde de Pedro Leopoldo, impressionando os conhecedores das expressões estilares da língua portuguesa. Por minha vez, procurei ouvir a palavra de Augusto de Lima, com respeito ao fato insólito, mas o meu grande amigo esquivou-se ao assunto, afirmando:

— "Certamente, entre as novidades de minha terra, Pedro Leopoldo concorre com um novo Barão de Munkausen."

A verdade, porém, é que pude atravessar as águas pesadas e escuras do Aqueronte e voltar do mundo das sombras, testemunhando a grande e consoladora verdade. E' incontestável que nem todos me puderam receber, segundo as realidades da sobrevivência. A visita de um "morto", na maioria das hipóteses, constitui sempre um fato importuno e desagradável. Para os vivos, que pautam a sua existência no pentagrama das convenções sociais, o morto com as suas verdades será invariavelmente um fantasma importuno e temos de acomodar os imperativos da lógica ás concepções do tempo em que se vive.

Feitas essas considerações, eis-me frente

ao leitor, com um livro de crônicas de além-tumulo.

Desta vez, não tenho necessidade de mandar os originais de minha produção literaria a determinada casa editora, obedecendo a dispositivos contratuais, ressalvando-se a minha estima sincera pelo meu grande amigo José Olimpio. A lei já não cogita mais de minha existencia, pois, do contrario, as atividades e os possiveis direitos dos mortos representariam uma séria ameaça á tranquillidade dos vivos.

Enquanto aí consumia o fosfato do cerebro para acudir aos imperativos do estomago, posso agora dar o volume sem retribuição monetaria. O médium está satisfeito com a sua vida singela, dentro da pauta evangelica do "dai de graça o que de graça recebestes" e a Federação Espirita Brasileira, instituição veneravel que o Prefeito Pedro Ernesto reconheceu de utilidade publica, cuja Livraria vai imprimir o meu pensamento, é sobejamente conhecida no Rio de Janeiro, pelas suas respeitaveis finalidades sociais, pela sua assistencia aos Necessitados, pelo seu programa cristão, enfim, cheio de renúncias e abnegações santificadoras.

Aí está o livro com a minha lembrança humilde. Que ele possa receber a benção de Deus, constituindo um conforto para os aflitos e para os tristes do microcosmo onde vivi sobre a Terra.

Que não se precipitem em suas apreciações os que não me puderem compreender. A morte será a mesma para todos. A cada qual será reservado um bungalow subterraneo e a sentença clara da justiça celeste. Quanto aos espiritos superiores da critica contemporanea, cristalizados nas concepções da época, que esperem pacientemente pelo Juizo Final, com as suas milagrosas revelações. Não serei eu que lhes vá esclarecer o entendimento, contando quantos pares de meias usei em toda a vida, ou descobrindo o numero exato de seus anos, através de mesas festivas e alegres. Aguardem com calma o toque de reunir das trombetas de Josaphat.

HUMBERTO DE CAMPOS

52 de Junho de 1937.

DE UM CASARÃO DO OUTRO MUNDO

Muitas vezes pensei que outras fossem as surpresas que aguardassem um morto, depois de entregar á terra os seus despojos.

Como um menino que vai pela primeira vez a uma feira de amostras, imaginava o conhecido chaveiro dos grandes palacios celestiais. Via S. Pedro de mãos enclavinhadas debaixo do queixo, oculos de tartaruga, como os de Nilo Peçanha, assestados no nariz, percorrendo com as suas vistas sonolentas e cansadas os estudos tecnicos, os relatorios, os mapas e livros imensos, enunciadores do movimento das almas que regressavam da Terra, como um amanuense destacado de secretaria. Presumia-o um velhote bem conservado, igual aos senadores do tempo da monarquia no Brasil, cofiando os longos bigodes e os fios grisalhos da barba respeitavel. Talvez que o bom do apostolo, desentulhando o baú de suas memorias, me contasse algo de novo: algumas anedotas a respeito de sua vida, segundo a versão popu-

lar; fatos do seu tempo de pescarias, certamente cheios das estroinices de rapazola. As jovens de Séforis e de Cafarnaum, na Galiléia, eram criaturas tentadoras com os seus lábios de romã amadurecida. S. Pedro por certo diria algo de suas aventuras ocorridas, está claro, antes da sua conversão á doutrina do Nazareno.

Não encontrei, porém, o chaveiro do céu. Nessa decepção, cheguei a supor que a região dos bem-aventurados deveria ficar encravada em alguma cordilheira de nuvens inacessíveis. Tratava-se, certamente, de um recanto de maravilhas, onde todos os lugares tomariam denominações religiosas, na sua mais alta expressão simbolica: Praça das Almas Benditas, Avenida das Potencias Angelicas. No coração da cidade prodigiosa, em paços resplandecentes, Sta. Cecilia deveria tanger a sua harpa acompanhando o côro das onze mil virgens, cantando ao som de harmonias deliciosas para acalentar o sono das filhas de Aqueronte e da Noite, afim de que não viessem com as suas achas incandescentes e viboras malditas perturbar a paz dos que ali esqueciam os sofrimentos, em repouso beatifico. De vez em quando se organizariam, nessa região maravilhosa, solenidades e festas comemorativas dos mais importantes acontecimentos da Igreja. Os papas desencarnados seriam os officiantes

das missas e Te-Deums de grande gala, a que compareciam todos os santos do calendario: S. Francisco Xavier com o mesmo hábito esfarrapado com que andou pregando nas Indias; S. José na sua indumentaria de serralheiro; S. Sebastião na sua armadura de soldado romano; Sta. Clara com o seu perfil lindo e severo de madona, sustentada pelas mãos minúsculas e inquietas dos arcanjos, como rosas de carne loura. As almas bem conceituadas representariam, nas galerias deslumbrantes, os santos que a Igreja inventou para o seu agiologio.

Mas... não me foi possível encontrar o céu.

Julguei, então, que os espiritas estavam mais acertados em seus pareceres. Deveria reencontrar os que haviam abandonado as suas carcassas na terra, continuando a mesma vida. Busquei relacionar-me com as falanges de brasileiros emigrados no outro mundo. Idealizei a sociedade antiga, os patricios ilustres aí refugiados, imaginando encontra-los em uma residência principesca como a do Marquês de Abrantes, instalada na antiga chacara de Dona Carlota, em Botafogo, onde recebiam a mais fina flor da sociedade carioca das ultimas décadas do segundo imperio, cujas reuniões, compostas de fidalgos escravocratas da época,

ofuscavam a simplicidade monacal dos Paços de S. Cristovão.

E pensei de mim para comigo: Os rabinos do Sinhedrio, que exararam a sentença condenatoria de Jesus Cristo quererão saber as novidades de Hitler, na sua furia contra os Judeus. Os remanescentes do principe de Bismarck, que perderam a ultima guerra, desejariam saber qual a situação dos negocios franco-alemães. Contaria aos Israelitas a historia da esterilização e aos seguidores do illustre filho de Schoenhausen as questões do plebiscito do Sarre. Cada bem-aventurado me viria fazer uma solicitação, ás quais eu atenderia com as habilidades de um porta-novas acostumado aos prazeres maliciosos do boato.

Enganara-me, todavia. Ninguem se preocupava com a Terra, ou com as coisas da sua gente.

Tranquilizem-se, contudo, os que ficaram, porque, se não encontrei o Padre Eterno com as suas longas barbas de neve, como se fossem feitas de paina alva e macia, segundo as gravuras catolicas, não vi tambem o Diabo.

Logo que tomei conta de mim, conduzi-ram-me a um solar confortavel como a Casa dos Bernardelli, na praia de Copacabana. Semelhante a uma abadia de frades na Estiria, espanta-me o seu aspecto imponente e grandioso. Procurei saber nos anais desse casa-

rão do outro mundo as noticias relativas ao planeta terreno. Examinei os seus in-folios. Nenhum relato havia a respeito dos santos da côrte celestial, como eu os imaginava, nem alusões a Mefistofeles e ao Amaldiçoado. Ignorava-se a historia do fruto proibido, a condenação dos anjos rebelados, o decreto do diluvio, as espantosas visões do evangelista no Apocalipse. As religiões estão na Terra muito prejudicadas pelo abuso dos simbolos. Poucos fatos relacionados com elas estavam naqueles documentos.

O nosso mundo é insignificante demais, pelo que pude constatar na outra vida. Conforta-me, porém, haver descoberto alguns amigos velhos, entre muitas caras novas.

Encontrei o Emilio radicalmente transformado. Contudo, ás vezes, faz questão de aparecer-me de ventre rotundo e rosto bonacheirão, como recebia os amigos na Pascoal, para falar da vida alheia.

— “Ah! filho — exclama sempre — ha momentos nos quais eu desejava descer ao Rio como o homem invisivel de Wells e dar muita paulada nos bandidos de nossa terra.”

E, na graça de quem, esvasiando copos, andou enchendo o tonél das Danaides, desfolha o caderno de suas anedotas mais recentes.

A vida, entretanto, não é mais identica á da Terra. Novos habitos. Novas preocupações

e panoramas novos. A minha situação é a de um enfermo pobre que se visse de uma hora para outra em luxuosa estação de águas, com as despesas custeadas pelos amigos. Restabelecendo a saúde, estudo e medito. E meu coração, ao descerrar as folhas diferentes dos compendios do infinito, pulsa como o do estudante novo.

Sinto-me novamente na infancia. Calço os meus tamanquinhos, visto as minhas calças curtas, arranjo-me ás pressas com a má vontade dos garotos incorrigíveis e vejo-me outra vez diante da Mestra Sinhá, que me olha com indulgencia através da sua tristeza de virgem desamada, e repito, apontando as letras na cartilha: — A B C... A B C D E...

Ah! meu Deus, estou aprendendo agora os luminosos alfabetos que os teus dedos imensos escreveram com giz de ouro resplandecente nos livros da natureza. Faze-me novamente menino para compreender a lição que me ensinam! Sei hoje, relendo os capitulos da tua gloria, porque vicejam na Terra os cardos e os jasmineiros, os cedros e as ervas, porque vivem os bons e os máus, recebendo, numa atividade promiscua, os beneficios da tua casa.

Não trago do mundo, Senhor, nenhuma offenda para a tua grandeza! Não possuo senão o coração, exausto de sentir e bater, como um vaso de iniquidades. Mas, no dia em que te

lembrares do misero pecador que te contempla no teu doce misterio como lampada de luz eterna, em torno da qual bailam os sóis como pirilampos acesos dentro da noite, fecha os teus olhos misericordiosos para as minhas fraquezas e deixa cair nesse vaso imundo uma raiz de açucenas. Então, Senhor, como já puseste lume nos meus olhos que ainda choram, plantarás o lirio da paz no meu coração que ainda sofre e ainda ama.

27 de março de 1935.

CARTA AOS QUE FICARAM

No antigo Paço da Bôa Vista, nas audiências dos sabados, quando recebia toda gente, atendeu D. Pedro II a um negro velho, de carapinha branca e em cujo rosto, enrugado pelo frio de muitos invernos, se descobria o sinal de muitas penas e muitos máus tratos.

— “Ah! meu senhor grande — exclamou o infeliz — como é duro ser escravo!...”

O magnanimo imperador encarou suas mãos cansadas no leme da direção do povo e aquelas outras, engelhadas nas excrecencias dos calos adquiridos na rude tarefa das senzalas, e tranquilizando-o comovido: — “Oh! meu filho, tem paciencia! Tambem eu sou escravo dos meus deveres e eles são bem pesados... Teus infortunios vão diminuir...”

E mandou libertar o preto.

Mais tarde, nos primeiros tempos do seu destêrro, o bondoso monarca, a bordo do “Alagoas”, recebeu a visita do seu ex-ministro; ás

primeiras interpelações de Ouro Preto, respondeu-lhe o grande exilado:

— “Em suma, estou satisfeito e tranquilo”; e, aludindo á sua expatriação: — “E’ a minha carta de alforria, agora posso ir aonde quero ”

A corôa era pesada demais para a cabeça do monarca republicano.

Aos que me perguntarem no mundo sôbre a minha posição em face da morte, direi que ela teve para mim a fulguração de um Treze de Maio para os filhos de Angola.

A morte não veio buscar minha alma quando esta se comprazia nas redes douradas da ilusão. Sua tesoura não me cortou fios da mocidade e do sonho, porque eu não possuia senão neves brancas e rigidas, á espera do sôl para se desfazerem. O gêlo dos meus desganhos necessitava desse calor de realidade, que a morte espalha no caminho em que passa com a sua foice derrubadora. Resistí, porém, ao seu cêrco, como Aquiles, no heroismo indomavel de quem vê a destruição de suas muralhas e redutos. Na minha trincheira de sacos de agua quente eu a via chegar quasi todos os dias... Mirava-me nas pupilas chamejantes dos seus olhos pedindo-lhe complacencia e ela me sorria, consoladora nas suas promessas. Eu não podia, porém, adivinhar o seu fundo misterio, porque a dúvida obsidiava o meu espirito,

enrodilhando-se no meu raciocínio como tentáculos de um polvo.

E, na minha alegria bárbara, sentia-me encurralado no sofrimento, como um lutador romano aureolado de rosas.

Triunfava da morte e, como Ajax, recolhi as últimas esperanças no rochedo da minha dor, desafiando o tridente dos deuses.

Minha excessiva vigilância trouxe-me a insônia, que arruinou a tranquilidade dos meus últimos dias. Perseguido pela surdez, já meus olhos se apagavam como as derradeiras luzes de um navio sossobrando em mar encapelado, no silêncio da noite. Sombra movendo-se dentro das sombras, não me acovardei diante do abismo. Sem esmorecimentos, atirei-me ao combate, não para repelir mouros na costa, mas para erguer muito alto o coração, retalhado nas pedras do caminho, como um livro de experiências para os que vinham depois dos meus passos, ou como a réstea luminosa que os faroleiros desabotoam na superfície das águas, prevenindo os incautos do perigo das sirtes traiçoeiras do oceano.

Muitos me supuseram corroído de lepra e de vermina, como se eu fôsse Bento de Labre, raspando-se com a escudela de Jó. Eu, porém, estava apenas refletindo a claridade das estrelas do meu imenso crepúsculo. Quando me encontrava nessa faina de semear a resignação,

a primeira e última flor dos que atravessam o deserto das incertezas da vida, a morte abeirou-se do meu leito, devagarinho, como alguém que temesse acordar um menino doente. Esperou que tapassem com a anestesia todas as janelas e interstícios dos meus sentimentos. E quando o cáos mais absoluto se fez sentir no meu cérebro, zás! cortou as algemas a que me conservava retido por amor aos outros condenados, irmãos meus, reclusos no calabouço da vida. Adormeci nos seus braços, como um ébrio nas mãos de uma deusa. Despertando dessa letargia momentânea, compreendi a realidade da vida que eu negara, além dos ossos que se enfeitam com os cravos rubros da carne.

— Humberto!... Humberto!... — exclamou uma voz longínqua — recebe o que te enviam da Terra!

Arregalei os olhos com horror e com ênfase: — “Não! Não quero saber de panegíricos e agora não me interessam as secções necrológicas dos jornais.”

— “Enganas-te — repetiu — as homenagens da convenção não se equilibram até aqui. A hipocrisia é como certos microbios de vida muito efêmera. Toma as preces que se elevaram por ti a Deus, dos peitos sufocados onde penetraste com as tuas exortações e conselhos. O sofrimento entornou no teu coração um cantaro de mel.”

Vi descerem de um ponto indeterminado do espaço braçadas de flores inebriantes, como se fôsem feitas de neblina resplandecente e escutei, envolvendo o meu nome pobre, orações tecidas com suavidade e doçura. Ah! eu não vira o céu e a sua côrte de bem-aventurados; mas Deus receberia aquelas deprecações no seu sólio de estrelas encantadas, como a hóstia simbólica do catolicismo se perfuma na onda envolvente dos aromas de um turíbulo. Nossa Senhora deveria ouvi-las no seu trono de jasmims bordados de ouro, contornado dos anjos que eternizam a sua glória.

Aspirei com fôrça aqueles perfumes. Pude locomover-me para investigar o reino das sombras, onde penso sem miólos na cabeça. Amava ainda e ainda sofria, reconhecendo-me no pórtico de uma nova luta.

Encontrei alguns amigos a quem apertei fraternalmente as mãos. E voltei cá. Voltei para falar com os humildes e com os infelizes, confundidos na poeira da estrada de suas existencias, como frangalhos de papel rodopiando ao vento. Voltei para dizer aos que não pude interpretar no meu cepticismo de sofredor:

— “Não sois os candidatos ao casarão da Praia Vermelha. Plantai, pois, nas almas a palmeira da esperança. Mais tarde, ela des-

dobrará sôbre as vossas cabeças encanecidas os seus leques enseivados e verdes...”

E posso acrescentar, como o neto de Marco Aurelio, no tocante á morte que me arrebatou da prisão nevoenta da Terra: — “E’ a minha carta de alforria... Agora posso ir aonde quero.”

Os amargores do mundo eram pesados demais para o meu coração.

28 de março de 1935.

AOS MEUS FILHOS

Meus filhos, venho falar a vocês como alguém que abandonasse a noite de Tirésias, no carro fulgurante de Apolo, subindo aos cumes dourados e perfumosos do Hélicon. Tudo é harmonia e beleza, na companhia dos numes e dos genios, mas o pensamento de um cego em reabrindo os olhos nas rutilancias da luz, é para os que ficaram lá longe, dentro da noite, onde apenas a esperança é uma estrela de luz doce e triste.

Não venho da minha casa subterranea de São João Batista como os mortos que os larápios, ás vezes, fazem regressar aos tormentos da Terra por mal dos seus pecados. Na derradeira morada do meu corpo ficaram os meus olhos enfermos e as minhas indisposições organicas. Cá estou, como se houvesse sorvido um nétar de juventude no banquete dos deuses.

Entretanto, meus filhos, levanta-se entre nós um rochedo de misterio e de silencio.

Eu sou eu. Fui o pai de vocês e vocês

foram meus filhos. Agora somos irmãos. Nada ha de mais belo do que a lei de solidariedade fraterna, delineada pelo Criador na sua glória inacessível. A morte não suprimiu a minha afetividade e ainda possuo o coração de homem, para o qual vocês são as melhores criaturas desse mundo.

Dizem que Orfeu, quando tangia as cordas da sua lira, sensibilizava as feras que se agrupavam enternecidas para escuta-lo. As arvores vinham de longe, transportadas na sua harmonia. Os rios sustavam o curso das correntes impetuosas, quedando-se para ouvi-lo. Havia deslumbramentos na paisagem musicalizada. A morte, meus filhos, cantou para mim, tocando o seu alaúde. Todas as minhas convicções deixaram os seus lugares primitivos, para sentir a grandeza do seu canto.

Não posso transmitir esse misterio maravilhoso, através dos métodos imperfeitos de que disponho. E, se pudesse, existe agora entre nós o fantasma da dúvida.

Convidado pelo Senhor, eu tambem estive no banquete da vida. Não nos palacios da popularidade ou da juventude efêmera, mas no átrio pobre e triste do sofrimento, onde se conservam temporariamente os mendigos da sua casa. Minha primeira dor foi a minha primeira luz. E quando os infortunios formaram uma teia imensa de amarguras para o meu des-

tino, senti-me na posse do celeiro de claridades da sabedoria. Minhas dores eram a minha prosperidade. Porém, qual o cortesão de Dicnisio, vi a dúvida como espada afiadíssima balouçando-se sobre a minha cabeça. Aí, na Terra, entre a crença e a descrença está sempre ela, a espada de Dâmocles. Isto é uma fatalidade.

Venho até vocês cheio de amorosa ternura e se não me posso individualizar, apresentando-me como o pai carinhoso, não podem vocês garantir a impossibilidade da minha sobrevida. A dúvida entre nós é como a noite. O amor, entretanto, luariza estas sombras. Um morto, como eu, não pôde esperar a certeza ou a negação dos vivos que receberem a sua mensagem, para a qual ha de prevalecer o argumento dubitativo. E nem pôde exigir outra coisa quem no mundo não procederia de outra fôrma.

Sinto hoje, mais que nunca, a necessidade de me impessoalizar, de ser novamente o filho ignorado de Dona Anica, a bôa e santa velhinha que continúa sendo para mim a mais santa das mães. Tenho necessidade de me esquecer de mim mesmo. Todavia, antes que se cumpra este meu desejo, volto para falar a vocês paternalmente como no tempo em que destruía o fosfato do cerebro, afim de adquirir combustível para o estomago.

— Meus filhos!... meus filhos!... estou vivendo... Não me vêem?... Mas, olhem, olhem o meu coração como está batendo ainda por vocês!...

Aqui, meus filhos, não me perguntaram se eu havia descido gloriosamente as escadas do Petit Trianon; não fui inquirido a respeito dos meus triunfos literarios, não me solicitaram informes sobre o meu fardão academico. Em compensação, fui arguido acerca das causas dos humildes e dos infortunados, pelas quais me batí.

Vivam, pois, com prudencia na superficie desse mundo de futilidades e glórias vãs.

Num dos mais delicados poemas de Wilde, as Orcades lamentam a morte de Narciso, junto de sua fonte predileta, transformada numa taça de lagrimas.

— Não nos admira — suspiram elas — que tanto tenhas chorado!... Eras tão lindo!...

— Era belo, Narciso? — perguntou o lago.

— Quem melhor do que tu poderia sabe-lo, se ele nos desprezava a todas para extender-se nas relvas da tua margem, baixando os olhos para contemplar, no diamante da tua onda, a sua formosura?...

A fonte respondeu:

— Eu chorava Narciso porque, quando me procurava com os olhos eu via, no espelho das

suas pupilas, o reflexo da minha propria beleza.

Em sua generalidade, meus filhos, os homens quando não são Narciso, enamorado da sua propria formosura, são a fonte de Narciso.

Não venho exortar a vocês como sacerdote; conheço de sobra as fraquezas humanas. Vivam, porém, a vida do trabalho e da saúde, longe da vaidade corrutora. E, na religião da conciencia retilinea, não se esqueçam de rezar. Eu, que era um homem tão perverso e tão triste, estou aprendendo de novo a minha préce, como fazia na infancia, ao pé de minha mãe, na Parnaíba.

Venham, meus filhos!... Ajoelhemos de mãos postas... Não vêem que cheguei de tão longe?! Fui mais feliz que o Rico e o Lazaro da parábola, que não puderam voltar... Ajoelhemos no templo do Espírito; inclinem vocês a frente sôbre o meu coração. Cabem todos nos meus braços? Cabem, sim...

Vamos rezar com o pensamento em Deus, com a alma no infinito. Padre Nosso... que estais no céu... santificado seja o vosso nome...

8 de abril de 1935.

NA MANSÃO DOS MORTOS

— O amigo sabe que os fotógrafos ingleses registaram a presença de Sir Conan Doyle no entérro de Lady Gaillard?

Esta pergunta me foi dirigida pelo coronel C. da C. (1), que eu conhecera numa das minhas viagens pelo Nordeste. O coronel lia, por desfastio, as minhas crônicas e em poucos minutos nos tornámos camaradas. Ha muito tempo, todavia, soubera eu da sua passagem para o outro mundo, em virtude de uma artério-esclerose generalizada. Tempo vai, tempo vem, defrontámo-nos de novo no vagão infinito da Vida, em que todos viajamos através da eternidade. E, como o melhor abraço é o que podemos dar longe dos vivos, ali estávamos os dois, "tête-à-tête", sem pensar no relógio

(1) No original da mensagem foram dados por extenso os nomes das pessoas nela mencionadas. Como, porém, essas pessoas deixaram descendentes que poderiam molestar-se com as referencias que lhes fez Humberto de Campos, resolvemos indicá-las apenas pelas iniciais.

que regulava os nossos atos no presídio da Terra, nem nos ponteiros do estomago que aí trabalham com demasiada pressa.

C. tinha no mundo idéias espiritas e continuava, na outra vida, a interessar-se pelas coisas da sua doutrina.

— Então, coronel, a vida que levaremos por aqui não será muito diversa da que observávamos lá em baixo? Um morto, por exemplo, pôde apresentar-se nas solenidades dos vivos, participar das suas alegrias e das suas tristezas, como no presente caso? Aliás, já sabemos do capítulo evangelico que manda os mortos enterrar seus mortos.

— Pôde, sim, menino — replicou o meu amigo, como quem evocasse uma cena dolorosa — mas, nisso de acompanhar enterros, sobra-me experiencia para não mais fazê-lo. Costumamos observar que, se os vivos têm medo dos que já regressaram para cá, nós igualmente, ás vezes, sentimos repulsa de topar os vivos. Porém, o que lhe vou contar, ocorreu entre os considerados mortos. Tive medo de dois espectros, num ambiente soturno de cemiterio.

E o meu amigo com o olhar mergulhado no preterito longinquo, monologava:

— Desde essa noite, nunca mais acompanhei enterros de amigos... Deixo isso para os encarnados, que vivem brincando de cabra-céga no seu temporario esquecimento...

— Conte-me, coronel, o acontecido, disse eu mal sopitando a curiosidade.

— Lembra-se — começou ele — da admiração que eu sempre manifestava pelo Dr. A. F., que você não chegou a conhecer em pessoa?

— Vagamente...

— Pois bem, o Antonico, nome pelo qual respondia na intimidade, era um dos meus amigos do peito. Advogado de renome na minha terra, já o conheci na elevada posição que usufruia, no seio da sociedade que lhe acatava todas as ações e pareceres.

Pardavasco insinuante, era o tipo do mulato brasileiro. Simpatico, inteligente, captava a confiança de quantos se lhe aproximavam. Era de uma felicidade sem igual. Ganhava todas as causas que lhe eram entregues. O crime mais negro apresentava, para a sua palavra percuciente, uma argumentação infalível na defesa. Os réus, absolvidos com a sua colaboração, retiravam-se da sala de sessões da justiça quasi canonizados. O Antonico se metera em alguma pendencia? O triunfo era dele. Isto era certo. Gozava de toda a nossa consideração e estima. Criara a sua familia com irrepreensivel moralidade. Em algumas cerimonias religiosas a que comparecí, recordo-me de lá o haver encontrado como bom católico, em cuja personalidade o nosso vigario via um dos mais prestigiosos paroquianos.

Chefiava iniciativas de caridade, presidia a associações religiosas e primava pela austeridade intransigente dos costumes.

Quando voltei desse mundo, que hoje representa para nós uma penitenciária, trouxe dele saudosas recordações.

Imagine, pois, o meu desejo de reencontra-lo, quando vim a saber, nestas paragens, que ele se achava ás portas da morte. Obtive permissão para excursionar á Terra e fui revê-lo na sua cama de luxo, rodeado de zelos extremos, numa alcôva ensombrada de sua confortavel residencia. As poções eram ingeridas. Injeções eram applicadas. Os medicos eram atenciosamente ouvidos. Contudo, a morte rondava o leito de rendas com o seu passo silencioso. Depois de ter o abdomen rasgado por um bisturí, uma infecção sobreviera inesperadamente.

Aparece uma pleurisia e todas as punções foram inuteis. Antonico agonizava. Vi-o nos seus derradeiros momentos, sem que ele me visse na sua semi-inconciencia. Os medicos, á sua cabeceira, deploravam o desaparecimento do homem próbo. O padre, que sustinha naquelas mãos de cêra um delicado crucifixo, recitando a oração dos moribundos, fazia ao céu piedosas recomendações. A espôsa chorava o espôso, os filhos o pai. Aos meus olhos aquele quadro era o da morte do justo. Trans-

corridas algumas horas, acompanhei o funebre cortejo que ia entregar á terra aqueles despojos frios.

Desnecessario é que lhe diga das pompas exéquias que a igreja dispensou ao morto, em virtude da sua posição eminente. Preces, aspersões com hissopes ensopados nagua benta e latim agradável.

Mas, como nem todos os que morrem se desapegam imediatamente dos humores e das vísceras, esperei que o meu amigo acordasse para ser o primeiro a abraça-lo.

Era crepusculo. E, naquela tarde de Agosto, as nuvens estavam enrubecidas em meio do fumo das queimadas, parecendo uma espumurada de sangue. Havia um cheiro de terra brava entre as lousas silenciosas, ao pé dos salgueiros e dos ciprestes. Eu esperava. De vez em quando, o vento agitava a ramaria dos chorões, que pareciam soluçar numa toada esquisita. Os coveiros abandonaram a tarefa sinistra e eu vi um vulto de mulher esgueirando-se entre as lápides enegrecidas. Parou junto daquela cova fresca. Não se tratava de nenhuma alma encarnada. Aquela mulher pertencia tambem ao reino das sombras. Observei-a de longe. Todavia, gritos estentóricos ecoaram aos meus ouvidos.

— A. F., exclamou o espectro, chegou o momento da minha vingança!... Ninguem

poderá advogar a tua causa. Nem Deus, nem o Demonio poderão interceder pela tua sorte, como não puderam cicatrizar no mundo as feridas que abriste em meu coração. Todas as nossas testemunhas, agora, são mudas. Os anjos aqui são de pedra e as capelas de mármore, cheias de cruces caladas, são estojos de carne apodrecida. Lembras-te de mim? Sou R. S., que infelicistaste com a tua infamia!

Já não és aquele moreno insinuante que surripiou a fortuna de meus pais, destruindo-lhes a vida e atirando-me no meretricio abominavel. A fortuna que te deu um nome foi edificada no pedestal do crime.

Recordas-te das promessas mentirosas que me fizeste? Envergonhada, abandonei a terra que me vira nascer, para ganhar o pão no mais horrendo comércio. Corri mundo sem esquecer a tua perversidade e sem conseguir afogar o meu infortunio na taça dos prazeres.

Entretanto, o mundo foi teu. Réu de um crime nefando, foste sacerdote da justiça; eu, a vítima desconhecida, fui obrigada a sufocar minha fraqueza nas sentinas sociais, onde os homens pagam o tributo das suas miserias. Tiveste a sociedade, eu os bordéis. O triunfo e a consideração te pertenceram; a mim coube o desprezo e a condenação. Meu lar foi o hospital donde se escapou o ultimo gemido do meu peito.

Meus braços, que haviam nascido para acariciar os anjos de Deus, como dois galhos de arvore cheios de passarinhos, foram por ti transformados em tentáculos de perdição. Eu poderia ter possuido um lar onde as crianças abençoassem os meus carinhos e onde um companheiro laborioso se reconfortasse com o beijo da minha afeição. Venho condenar-te, oh! desalmado assassino, em nome da justiça eterna que nos rege, acima dos homens. Ha mais de um lustro espero-te nesta solidão indevassavel, onde não poderás comprar a consciencia dos juizes... Viveste com o teu confôrto, enquanto eu penava com a minha miseria, mas, o inferno agora será de nós dois!...

O coronel fez uma pausa, enquanto eu meditava naquela história.

— A mulher chorava, continuou ele, de meter dó. Aproximei-me dela, não sendo, porém, notada a minha presença. Olhei a cruz modesta e carcomida que havia sido arrancada poucas horas antes, daqueles sete palmos de terra, para que ali fôsse aberto um novo sepulcro e, não sei se por artes do acaso, nela estava escrito um nome com pregos amarelos, já desfigurados pela ferrugem: R. S. — ORAI POR ELA.

Por uma coincidência sinistra, reencontravam-se os dois corpos e as duas almas. Procurei fazer tudo pelo Antonico, mas, quando

atravessei com o meu olhar a terra que lhe cobria os despojos, afigurou-se-me ver um monte de ossos que se moviam. Craneo, tibias, húmero, clavículas se reuniam sob uma ação misteriosa e vi uma caveira chocalhando os dentes de fúria, ao mesmo tempo que umas falangetas de aço pareciam apertar o pescoco do cadaver do meu amigo.

— E ele, coronel, isto é, o Espirito, estava presente?

— Estava, sim. Presente e desperto. Lá o deixei, sentindo os horrores daquela sufocação...

— Mas, e Deus, coronel? Onde estava Deus que não se compadeceu do pecador arrependido?

O coronel me olhou, como se estivesse interrogando a si mesmo, e declarou por fim:

— Homem, sei lá!... Acredito que Deus tenha criado o mundo; porém, acho que a Terra ficou mesmo sob a administração do Diabo.

9 de Abril de 1935

JUDAS ISCARIOTES

Silêncio augusto cai sobre a Cidade Santa. A antiga capital da Judéia parece dormir o seu sono de muitos seculos. Além, descansa Getsemani, onde o Divino Mestre chorou numa longa noite de agonia; acolá está o Gólgota sagrado, e em cada coisa silenciosa ha um traço da Paixão que as épocas guardarão para sempre. E, em meio de todo o cenario, como um veio cristalino de lágrimas passa o Jordão silencioso, como se as suas aguas mudas, buscando o Mar-Morto, quisessem esconder das vistas tumultuosas dos homens os segredos insondaveis do Nazareno..

Foi assim, numa destas noites que vi Jerusalém, vivendo a sua eternidade de maldições.

Os Espiritos podem vibrar em contacto direto com a história. Buscando uma relação íntima com a cidade dos profetas, procurava observar o passado vivo dos Lugares Santos. Parece que as mãos iconoclastas de Tito por ali passaram como executoras de um decreto irrevogavel. Por toda a parte ainda persiste um

sôpro de destruição e desgraça. Legiões de duendes, embuçados nas sua vestimentas antigas, percorrem as ruínas sagradas e, no meio das fatalidades que pesam sobre o imperio morto dos Judeus, não ouvem os homens os gemidos da humanidade invisível.

Nas margens caladas do Jordão, não longe talvez do lugar sagrado onde o Precursor bati-
zou a Jesus Cristo, divisei um homem sentado sôbre uma pedra. De sua expressão ficionômica irradiava-se uma simpatia cativante.

— Sabe quem é este? — murmurou alguém aos meus ouvidos — Este é Judas.

— Judas?

— Sim. Os Espiritos apreciam, às vezes, não obstante o progresso que já alcançaram, volver atrás, visitando os sitios onde se engrandeceram ou prevaricaram, sentindo-se momentaneamente transportados aos tempos idos. Então, mergulham o pensamento no passado, regressando ao presente dispostos ao heroismo necessario do futuro. Judas costuma vir à Terra, nos dias em que se comemora a Paixão de Nosso Senhor, meditando nos seus atos de antanho...

Aquela figura de homem magnetizava-me. Eu não estou ainda livre da curiosidade do repórter, mas entre as minhas maldades de pecador e a perfeição de Judas existia um abismo. Meu atrevimento, porém, e a santa

humildade do seu coração ligaram-se, para que eu o entrevistasse, procurando ouvi-lo.

— O senhor é de fato o ex-filho de Iscariot? — perguntei.

— Sim, sou Judas, respondeu aquele homem triste, enxugando uma lagrima nas dobras da longa túnica. Como o Jeremias das Lamentações, contemplo às vezes esta Jerusalém arruinada, meditando no juizo dos homens transitorios...

— E' uma verdade tudo quanto reza o Novo Testamento a respeito da sua personalidade, na tragedia da condenação de Jesus?

— Em parte... Os escribas que redigiram os evangelhos não atenderam às circuntâncias e às tricas politicas que, acima dos meus atos, predominaram na nefanda crucificação. Poncio Pilatos, o tetrarca da Galiléia, além dos seus interesses individuais na questão, tinha ainda a seu cargo salvaguardar os interesses do Estado romano, empenhado em satisfazer às aspirações religiosas dos anciãos judeus. Sempre a mesma história. O Sanhedrim desejava o reino do céu pelejando por Jeová a ferro e fogo; Roma queria o reino da Terra. Jesus estava entre essas forças antagonicas, com a sua pureza imaculada. Ora, eu era um dos apaixonados pelas idéias socialistas do Mestre; porém, o meu excessivo zêlo pela doutrina me fez sacrificar o seu fundador. Acima dos co-

rações eu via a politica, unica arma com a qual poderia triunfar e Jesus não obteria nenhuma vitória com o seu desprendimento das riquezas. Com as suas teorias nunca poderia conquistar as rédeas do poder, já que, no seu manto de pobre, sentia-se possuido de um santo horror á propriedade. Planejei, então, uma revolta surda, como se projeta hoje em dia na Terra a queda de um chefe de Estado. O Mestre passaria a um plano secundário e eu arranjaria colaboradores para uma obra vasta e energica, como a que fez mais tarde Constantino Primeiro, o Grande, depois de vencer Maxencio ás portas de Roma, o que, aliás, apenas serviu para desvirtuar o Cristianismo. Entregando, pois, o Mestre a Caifás, não julguei que as coisas atingissem um fim tão lamentavel e, ralado de remorsos, presumí que o suicidio era a unica maneira de me redimir aos seus olhos.

— E chegou a salvar-se pelo arrependimento?

— Não. Não conseguí. O remorso é uma fôrça preliminar para os trabalhos reparadores. Depois da minha morte tragica, submergi-me em seculos de sofrimento expiatorio da minha falta. Sofrí horrores nas perseguições infligidas em Roma aos adéptos da doutrina de Jesus. e as minhas provas culminaram em uma fogueira inquisitorial, onde, imitando o Mestre fui traído, vendido e usurpado. Vítima da

felonia e da traição, deixei na Terra os derraideiros resquícios do meu crime, na Europa do seculo XV. Desde esse dia em que me entreguei por amor do Cristo a todos os tormentos e infamias que me aviltravam, com resignação e piedade pelos meus verdugos, fechei o ciclo das minhas dolorosas reencarnações na Terra, sentindo na frente o ósculo de perdão da minha propria consciencia...

— E está hoje meditando nos dias que se foram... — pensei com tristeza.

“— Sim... estou recapitulando os fatos como se passaram. E agora, irmanado com Ele, que se acha no seu luminoso Reino das Alturas, que ainda não é deste mundo, sinto nestas estradas o sinal dos seus divinos passos. Vejo-o ainda na cruz, entregando a Deus o seu Destino... Sinto a clamorosa injustiça dos companheiros que o abandonaram inteiramente e me vem uma recordação carinhosa das poucas mulheres que o ampararam no doloroso transe... Em todas as homenagens a Ele prestadas, eu sou sempre a figura repugnante do traidor... Olho complacentemente os que me acusam sem refletir se podem atirar a primeira pedra... Sobre o meu nome pesa a maldição milenaria, como sobre estes sitios cheios de miseria e de infortunio. Pessoalmente, porém, estou saciado de justiça, porque já fui absol-

vido pela minha consciencia, no tribunal dos suplicios redentores.

Quanto ao Divino Mestre, continuou Judas com os seus prantos, infinita é a sua misericordia e não só para comigo, porque, se recebi trinta moedas vendendo-o aos seus algoszes, ha muitos seculos Ele está sendo criminosamente vendido no mundo, a grosso e a retalho, por todos os preços, em todos os padrões do ouro amoedado...

— E' verdade — concluí — e os novos negociadores do Cristo não se enforcam depois de vendê-lo.

Judas afastou-se tomando a direção do Santo Sepulcro, e eu, confundido nas sombras invisiveis para o mundo, vi que no céu brilhavam algumas estrelas sobre as nuvens pardacentas e tristes, enquanto o Jordão rolava na sua quietude como um lençol de aguas mortas procurando um mar-morto.

19 de Abril de 1935.

AOS QUE AINDA SE ACHAM MERGULHADOS NAS SOMBRAS DO MUNDO

Antigamente eu escrevia nas sombras para os que se conservavam nas claridades da Vida. Hoje escrevo na luz branca da espiritualidade para quantos ainda se acham mergulhados nas sombras do mundo. Quero crêr, porém, que tão dura tarefa me foi imposta nas mansões da Morte, como exquisita penitencia ao meu bom gosto de homem que colheu, quanto pôde, dos frutos saborosos da arvore paradisiaca dos nossos primeiros pais, segundo as Escrituras.

Contudo, não desejo imitar aquele velho Tirésias que, á fôrça de proferir alvitres e sentenças, conquistou dos deuses o dom divinatório em troca dos preciosos dons da vida.

Por esta razão, meu pensamento não se manifesta entre vocês que aqui acorreram para ouvi-lo, como o daquelas entidades batedoras que, em Hydesville, na America do Norte, por intermedio das irmãs Fox, viviam nos primordios do Espiritismo, contando historias e

dando respostas surpreendentes com as suas pancadas ruidosas e alegres.

Devo também esclarecer ao sentimento de curiosidade que os tangeu até aqui, que não estou exercendo ilegalmente a medicina como grande parte dos defuntos, os quais hoje em dia vivem diagnosticando e receitando mézinhos e águas milagrosas para os enfermos.

Nem tampouco, na minha qualidade de repórter “falecido”, sou portador de alguma mensagem sensacional dos paredros comunistas que já se foram dessa vida para a melhor, êmulos dos Lenine, dos Kropotkine, cujos cérebros, a esta hora, devem estar transbordando teorias momentosas para o instante amargo que o mundo está vivendo.

O objetivo das minhas palavras póstumas é sómente demonstrar o homem... desencarnado e a imortalidade dos seus atributos. O fato é que vocês não me viram.

Mas, cõtem lá fóra que enxergaram o médium. Não afirmem que ele se parece com o Mahatma Gandhi, em virtude de lhe faltar uma tanga, uma cabra e a experiencia “anosa” do “Leader” nacionalista da India. Mas, historiem com sinceridade o caso das suas roupas remendadas e tristes, de proletario e da sua pobreza limpa e honesta, que anda por esse mundo arrastando tamancos para a remissão de suas faltas nas anteriores encarna-

ções. Quanto a mim, digam que eu estava por detrás do véu de Isis.

Mesmo assim, na minha condição de intangibilidade, não me furto ao desejo de lhes contar algo a respeito desta “outra vida” para onde todos têm de regressar. Se não estou nos infernos de que fala a teologia dos cristãos, não me acho no setimo paraíso de Mahomé. Não sei contar as minhas aperturas na amarga perspectiva de completo abandono em que me encontrei, logo após abrir os olhos no reino extravagante da Morte. Afigurou-se-me que eu ia diretamente consignado ao Aqueronte, cujas águas amargas deveria transpôr, como as sombras, para nunca mais voltar, porque não cheguei a presenciar nenhuma luta entre São Gabriel e os Demonios, com as suas balanças tragicas, pela posse de minha alma. Passados, porém, os primeiros instantes de inusitado receio, divisei a figura miúda e simples do meu Tio Antoninho, que me recebeu nos seus braços carinhosos de santo.

Em companhia, pois, de afeições ternas, no recanto fabuloso que é a minha temporaria morada, ainda estou como aparvalhado entre todos os fenômenos da sobrevivencia. Ainda não cheguei a encontrar os sóis maravilhosos, as esferas, os mundos cometaryos, portentos celestes que Flammarion descreve na sua “Pluralidade dos Mundos”. Para o meu espirito

a Lua ainda prossegue na sua carreira como esfinge eterna do espaço, embuçada no seu burél de freira morta.

Uma saudade doida e uma ânsia sem termo fazem um turbilhão no meu cérebro: é a vontade de rever no reino das sombras meu pai e minha irmã. Ainda não pude fazê-lo. Mas, num movimento de maravilhosa retrospectão, pude volver á minha infancia na Miritiba longinqua. Reví suas velhas ruas semi-arruinadas pelas aguas do Piriá e pelas areias implacaveis... Reví os dias que se foram e senti, novamente, a alma expansiva de meu pai como um galho forte e alegre do tronco robusto dos Véras, e á minha frente, nos quadros vivos da memória, abracei minha irmãzinha inesquecida, que era em nossa casa modesta como um anjo pequenino da Assunção de Murilo, que se tivesse corporificado de uma hora para outra sobre as lamas da terra...

Descansei á sombra das arvores largas e fartas, escutando ainda as violas caboclas repinicando os sambas da gente das praias nordestistas, e que tão bem ficaram arquivados na poesia encantadora e simples de Juvenal Galeno.

Da Miritiba distante transportei-me á Parnaíba, onde vibrei com o meu grande mundo liliputiano... Em espirito, contemplei com minha mãe as folhas enseivadas do meu ca-

jueiro, derramando-se na Terra entre as harmonias do canto choroso das rôlas morenas dos recantos distantes da minha terra.

De almas entrelaçadas contemplei o vulto de marfim antigo daquela santa que, como um anjo, espalmou muitas vezes sobre o meu espirito cansado as suas asas brancas. Beijei-lhe as mãos encarquilhadas genuflexo e segurei as contas do seu rosario e as contas miúdas e claras que corriam furtivamente dos seus olhos, acompanhando a sua oração...

Ave-Maria... Cheia de graça... Santa Maria... Mãe de Deus...

Ah! de cada vez que o meu olhar se espria tristemente sobre a superficie do mundo, volvo minha alma aos firmamentos, tomado de espanto e de assombro... Ainda ha pouco, nas minhas surpresas de recém-desencarnado, encontrei na existencia dos espaços, onde não se contam as horas, uma figura de velho, um Espirito ancião, em cujo coração milenario presumo refugiadas todas as experiencias. Longas barbas de neve, olhos transudando piedade infinita e infinita doçura, da sua fisionomia de Doutor da Lei nos tempos apostolicos, irradiava-se uma corrente de profunda simpatia.

— "Mestre! — disse-lhe eu, na falta de outro nome — que podemos fazer para melhorar a situação do orbe terreno? O espectáculo do mundo me desola e espanta... A

familia parece que se dissolve... o lar está balançando como os frutos pôdres na iminencia de cair... a Civilização, com os seus numerosos seculos de leis e instituições, afigura-se-me haver tocado os seus apogeus... De um lado, existem os que se submergem num gôzo aparente e ficticio e, do outro, estão as multidões famintas, aos milhares, que não têm senão rasgado, no peito ferido, o sinal da cruz desenhado por Deus com as suas mãos prestigiosas, como os simbolos que Constantino gravara nos seus estandartes... E, sobretudo, Mestre, é a perspectiva horrorosa da guerra... Não ha tranquillidade e a Terra parece mais um fogareiro imenso, cheio de materias em combustão..."

Mas, o bondoso Espirito-ancião me respondeu com humildade e brandura:

— “Meu filho... Esquece o mundo e deixa o homem guerrear em paz!...”

Achei graça no paradoxo, porém, só me resta acrescentar:

— “Deixem o mundo em paz com a sua guerra e a sua indiferença!”

Não será minha boca quem vá soprar na trombeta de Josafá. Cada um guarde aí a sua crença ou o seu preconceito.

23 de Abril de 1935.

A SUA VE COMPENSAÇÃO

Foi Wells que, em uma das suas audaciosas fantasias, descreveu o vale escuro e triste onde um punhado de homens havia perdido as facultades visuais. Tudo para eles era a mesma noite uniforme, onde se arrastavam como sombras da vida.

As gerações se haviam sucedido incessantemente, os seculos passaram e aqueles sêres apagaram da lembrança as tradições dos antepassados que lhes falavam do estranho poder dos olhos, os quais, em seus organismos nada mais eram que duas conchas de treva.

O mundo para eles estava circunscrito àquela prisão escura. Os trovões e o vozerio lamentoso dos ventos da tarde significavam, para a sua acuidade auditiva, as advertencias das bruxas que povoavam o seu deserto; e o chilrear dos passarinhos o suave consôlo que lhes prodigalizavam os genios carinhosos e alegres.

Eis, porém, que um dia, desce ao vale mis-

terioso um homem que vê. Fala aos filhos da treva das grandes maravilhas do mundo, dos tesouros amontoados nos seus imperios, das faiscentes grinaldas de luz dos plenilunios, do entusiasmo colorido das auroras de primavera, de tudo o que as mãos prestigiosas do Senhor puseram nas paginas imensas do livro da natureza, para o encanto fugitivo dos homens.

Em resposta, contudo, ouve-se no calabouço um clamor de gargalhadas e de apreensões.

O homem da noite examina com as suas mãos o homem do dia e supõe descobrir a origem dos seus disparates, em descrevendo coisas inverosímeis para ele, atribuindo aos seus olhos a causa da sua loucura, concluindo pela necessidade de se lhe arrancarem esses órgãos incomodos, como excrescencias daninhas.

Essa fantasia é applicavel ao mundo terreno, em se tratando das verdades novas. Eu sei disso porque tambem perambulei entre as furnas sombrias desse vale de treva misteriosa, onde se reúnem os que tiveram a infelicidade de perder os olhos dalma, desviando-se do progresso moral.

Envergando a minha camisa pobre na penitenciária do mundo, ri-me dos que me vinham contar as maravilhas deslumbrantes da patria das almas. E, readquirindo os meus olhos nos países da Morte, onde não cheguei

a encontrar as aguas tenebrosas do Tártaro e do Stix, venho hoje, como o viajante incompreendido, falar aos que são objeto da ação inibitoria de uma cegueira cruel.

Não acredito na compreensão dos outros, com respeito aos meus argumentos de agora. Um morto nada tem a fazer no mundo daqueles que se presumem os unicos sobreviventes do Universo e preferi, por isso, o retraimento, quando os jornais abriram as suas colunas aos debates em tórno das minhas palavras póstumas, recompensa justa ao meu pessimo gosto de voltar á essa prisão nevoenta da Vida.

Cheguei mesmo a ponderar que, na passagem evangelica em que o Senhor não permitiu a caridosa atenção de Lazaro para com a súplica do Rico, não foi com o objetivo de justiça-los na balança do merito e do demerito. Ainda aí, nessa hora de surpresas da lei das compensações, não poderia o Senhor fazer a apologia da indelicadeza. Nem o Rico voltou das labaredas fumegantes da sua consciencia culpada e nem o Pobre do seu banquete de delicias, porque, não valeria a pena transportar-se imensuraveis distancias para dizer aos encarnados apenas aquilo que constitue para o seu entendimento uma verdade inacessivel.

Muito antes de Hermes Tot, os homens já se curvavam ante os misterios indevassados da Morte. Todos conhecem as suas reali-

dades terríveis. Alexandre tinha conhecimento de que, sob o seu látego impiedoso, teria de apodrecer, apesar da opulencia da sua glória, da pompa de suas conquistas, tendo as suas cinzas nobres confundidas, talvez, com a poeira do ultimo dos miseráveis.

Mas, se ha essa vida onde predominam a Justiça e o Amor, com o divino caracteristico da eternidade esplendorosa, os homens estão absortos no Letes, afogados na carne para chorar e esquecer.

Os vivos são os vivos. Os mortos são os mortos. Toda a logica da ciencia humana está nessas frases curtas. Quando, porém, me entregava aos soliloquios do meu espirito, que nunca se considerou um vencido, ouvi a voz solene dos genios que velam por nós das regiões azuladas para onde se elevam todas as nossas aspirações como fios de rosa e de ouro:

— “Não desanimes, tu que vieste da luta insana na amargurada existencia das provas! Leva aos teus irmãos que sofrem o lenitivo da tua mensagem!... Dize-lhes da Misericordia de Deus e da Suprema Justiça que rege os destinos! Se, na Terra, inumeros Espiritos se perdem nos desfiladeiros do orgulho e da impiedade, lembra o microcosmo em que viveste, onde os mais pesados tributos são pagos ao céu, em súplicas e esperanças...”

Energias novas infiltraram-se no meu sêr.

Uma atração incoercível conduziu-me a Sebastianopolis, que faiscava. As luzes do dia arrancavam das suas praias uma paisagem fulgurante.

E gritei a todos, do alto do meu deslumbramento:

— “Não me vêem?... Eu estou vivendo sem a tutela de espiritos malignos. Quasi já não sou mais o homem carrancudo e triste, fechado na sua amargura de sofredor. E’ verdade que não poderei comparecer ás reuniões de Espiritismo, como ás sessões das quintas-feiras na Academia; mas, a morte não aniquilou a minha vida. Penso, luto e soffro como dantes, crendo, porém, na eternidade luminosa!...”

Ninguém, contudo, me ouvia. Não pude fazer-me sentir nas avenidas ruidosas, regorgitando de transeuntes, parecendo-me, sob a influencia das minhas impressões fisicas, que estava prestes a ser esmagado pelos automoveis de luxo.

Na minha desilusão, porém, oiço uma voz humilde e saltitante:

— “Olhem as mensagens de Além-Tumulo!... Mensagens de Humberto de Campos!...”

Era a figura miúda do vendedor de jornais. Mãos generosas extendiam-lhe os seus níqueis em troca da minha lembrança.

O seu mercado, nesse dia, foi certamente farto de compensações, porque um sorriso triunfante lhe aflorava nos lábios, enfeitando-lhe o corpo magrinho.

Bastou a tua alegria, oh! menino amargurado dos Mórros que és o triste ornamento da Cidade Maravilhosa, para que eu me sentisse compensado de muitas labutas, porque, se os meus companheiros não me compreenderam no patrimonio rico da sua intelectualidade, tu tiveste nesse dia, em memoria do meu humilde nome, um pouco de alegria, de conforto e de pão.

31 de Julho de 1935.

DO ALÉM-TUMULO

Dizem que os fantasmas dos mortos têm preferencia pelas sombras da noite, para trazerem aos vivos um reflexo esbatido do misterio em que se lhes fecharam os olhos. Em todos os lugares, conhece-se a historia das almas aflitas, que, agrilhoadas ao mundo pelo pensamento obsidiante acerca dos que ficaram para trás, regressam dos orbes indevassados, onde quasi todas as religiões collocaram o seu inferno e o seu céu.

Eu não venho nessa "hora que apavora", copiando as deliberações das "damas brancas", que surgem nas casas solarengas como aban-tesmas de luar e de neblina, contrastando com a pesada escuridão da meia noite.

E' até muito cedo para que um "morto" apareça, contrariando as opiniões gerais. Ainda ha résteas de sol evadindo-se entre os arvoredos, como as rôlas morenas e ariscas, fugindo á noite cheia de sombras. Ha uma grandiosa placidez na paisagem que se aquieta

como ovelha mansa para ouvir a voz carinhosa do pastor. Vem aos olhos do meu pensamento aquele quadro de ha dois mil anos. Quando o Cristo pregou o Sermão da Montanha, especificando as bem-aventuranças celestes, devia ser assim o crepusculo. A mesma paz evangelica, os mesmos perfumes entornando-se da taça imensa do céu, a mesma esperança florindo no coração atormentado dos homens, beduinos extenuados desses desertos. Um alvoroço suave de recordações me conduz ao passado...

E' de balde, porém, essa tentativa de confinarmos a Palestina nas montanhas do sertão brasileiro. Se é verdade que os Espiritos sempre falaram sobre os pontos alcantilados da Terra, como no Sinai e no Tabor, nós não somos o Divino Mestre. Ha quem afirme que nós, os desencarnados, somos precursores, como João Batista. Mas, ainda não encontrei aqui vivalma nessa situação excentríssima. Como os que hoje andam aí atribulados com o progresso, estamos longe da epoca messianica, em que os homens puros, para viverem sob a guarda de Deus, nada mais precisavam que um cantaro de mel.

Mas, não venho hoje para tecer considerações dentro da mística religiosa.

Venho para falar a quantos estranham as minhas palavras depois da morte, admirando-se de que eu não apareça clamando perdão e

misericórdia, penitenciando-me dos mais nefandos pecados.

Desejariam que o Senhor derramasse sobre mim todas as suas cóleras sagradas; todas as torturas do Averno seriam poucas para me consumir a alma. Os vermes que corroeram o corpo leproso do patriarca da Biblia seriam, para as minhas culpas, como leves carícias. Meus tormentos de além-tumulo deveriam exceder os de Tântalo. E tudo porque andei espalhando umas anedotas lidas pelas consciencias que, condenando-me hoje lá das suas sacristias, vivem pensando no céu, sentindo na boca um gosto rubro de pecado.

São as almas imaculadas que se esqueceram das minhas feições humanas, olvidando que os palhaços tambem divertem o público para conquistar os vintens negros da vida. Se existem aí os que se confortam no luxo dos seus automóveis, deslizando no asfalto das avenidas, outros, para baterem á porta de uma padaria é preciso que hajam passado através de um picadeiro.

Já tive ocasião de afirmar que não encontrei o paraíso mussulmano.

Encontrei, nesse "outro mundo", a minha propria bagagem. Meus pensamentos, minhas obras, frutos dos meus labores, da minha regeneração no sofrimento. Sem estar na beatitude do céu, não conheço igualmente a topo-

grafia do inferno. Os uivos de Cérbero ainda não ecoaram aos meus ouvidos. O "nessun maggior dolor", que Dante escutou dos labios de Francesca da Rimini em sua peregrinação pelas masmorras do tormento, constituiu provavelmente um resultado da perturbação dos seus nervos auditivos, porque eu afirmo o contrario. Não ha maior prazer que recordar, na paz daqui, as nossas dôres na Terra.

E todos aqueles que vêm á ribalta lamentando o meu relativo sossêgo, cuidem de conservar a sua pureza. A Terra é tão inçada de abismos que, ás vezes, procurando olhar em excesso pelos que nos acompanham, costumamos cair neles.

Eu sou, de fato, grande culpado, não pelos meus esgares de caveira para arrancar o riso dos outros, mas diante da minha consciencia, pela minha teimosia e incompreensão referentes aos problemas da verdade. Todavia, Deus é a misericordia suprema e, sem me acorrentar a colunas incandescentes, já prendeu meu coração de filho pródigo nas algemas suaves do seu amor.

5 de Agosto de 1935.

Oh! JERUSALÊM!... JERUSALÊM!

E' possivel a estranheza dos que vivem na Terra, com respeito á atitude dos desencarnados, esmiuçando-lhes as questões e opinando sobre os problemas que os inquietam.

E' logico, porém, que os recém-libertos do mundo falem mais com o seu cabedal de experiencias do passado, do que com a sua ciencia do presente, adquirida á custa de faculdades novas, que o homem não está ainda á altura de compreender.

Podem imaginar-se, na Terra, determinadas condições da vida sobre a superficie de Marte; mas, que interessa, por enquanto, ao mundo semelhantes descobertas, se os enigmas que o assoberbam ainda não foram decifrados? Para o exilado da Terra não vale a psicologia do homem desencarnado. Tateando na prisão escura da sua vida, seria quasi um crime augmentar-lhe as preocupações e ansiedades. Eu teria muitas coisas novas a dizer; todavia, apraz-me, com o objeto de me fazer compreendido, debruçar nas bordas do abismo em que

andei vacilando, subjugado nos tormentos, perquirindo os seus logogrifos inextricaveis, para arrancar as lições da sua inutilidade.

Tambem o homem nada tolera que venha infringir o metro da sua rotina.

Presumindo-se rei da criação, não admite as verdades novas que esfacelam a sua corôa de argila.

Os mortos, para serem reconhecidos, deverão tanger a tecla da mesma vida que abandonaram.

Isso é intuitivo.

O jornalista, para alinhar os argumentos da sua cronica, busca os noticiarios, aproveita-se dos acontecimentos do dia, tirando a sua ilação das ocorrencias do momento.

E meu espirito volve a contemplar o espetaculo angustioso dessa Abissinia abandonada no seio dos povos, como o derradeiro reduto da liberdade de uma raça infeliz, cobigada pelo imperialismo do seculo, lembrando-me de Castro Alves nas suas amarguradas "Vozes d'Africa":

*Deus, oh! Deus, onde estás que não respondes?
Em que mundo, em que estrela tu te escondes,*

Embuçado nos céus?

*Ha dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde, desde então, corre o infinito.*

Onde estás, Senhor Deus?

Da Roma poderosa partem as caravanas de guerreiros. Cartago agoniza no seu desgraçado heroismo. Públio Cornelio consegue a mais estrondosa das vitorias. Os cerebros dos patricios illustres embriagam-se no vinho do triunfo; e nas galeras suntuosas onde as aguias simbolizam o orgulhoso poder da Roma eterna, lamentam-se os escravos nos seus nefandos martirios.

Os cesares enchem a cidade das Sabinas de troféus e glórias. Todos os deuses são venerados. Os países são submetidos e os povos então o hino da obediencia á senhora do mundo.

Já não se ouve a melodiosa flauta de Pan nos bosques da Tessalia, e nas margens do Nilo apagam-se as luzes dos mais suaves misterios.

Vítima, porém, dos seus proprios excessos, o grande imperio vê apressar-se a sua decadencia. No esboroamento dos seculos, a invencivel potencia dos cesares é um montão de ruinas. Sobre os seus marmores suntuosos crescem as destruições.

Roma dormiu o seu grande sono.

Ei-la, contudo, que desperta.

Mussolini deixa escapar um grito do seu peito de ferro e a Roma antiga acorda do letargo, reconhecendo a perda dos seus imensos dominios.

Urge, porém, recuperar o poderio, empenhando-se em alargar o seu imperio colonial.

Onde e como?

O mundo está cheio de leis, de tratados de amparo recíproco entre as nações.

A França já ocupou todos os territorios ao alcance das suas possibilidades, a Alemanha está fortificada para as suas aventuras, o Japão tem as suas vistas sobre a China e a Inglaterra, calculista e poderosa, não pôde ceder um milímetro no terreno das suas conquistas.

Mas, Roma quer a expansão da sua força economica e prepara-se para roubar a derradeira ilusão de um povo desgraçado, ao qual não basta a lembrança amarga dos cativeiros multisseculares, julgando-se livre na obscura faixa da terra para onde recuou, batido pela crueldade das potencias imperialistas.

Que mal fizeste á civilização corrompida dos brancos, oh! pequena Abissinia, grande pela expressão resignada do teu ardente heroismo?

Como pudeste, das areias calcinantes do deserto, onde apuras o teu espirito de sacrificio, penetrar nas instituições européias, provocando a furia das suas armas?

Deixa que passem sob o teu sól de fogo as hordas de vandalas, sedentas de chacina e de sangue.

Sóbre as tuas esperanças malbaratadas

derramará o Senhor o perfume da sua misericordia. Os humildes têm o seu dia de bem-aventurança e de glória.

Não importa sejas o joguête dos caprichos condenaveis dos teus verdugos, porque sobre o mundo, todas as fronte orgulhosas desceram do pináculo da sua grandeza para o esterquilínio e para o pó.

Se tanto for preciso, recebe sobre os teus ombros a mortalha de sangue, porque, junto do maravilhoso imperio da civilização apodrecida dos brancos, ouve-se a voz lamentosa de um novo Jeremias: — Oh! Jerusalém... Jerusalém!...

11 de Agosto de 1935.

FALANDO A PIRATININGA

Tive ensejo de afirmar aí no mundo, que, se algum dia conseguisse liquidar todo o meu débito para com a terra maranhense e o Senhor decidisse mergulhar meu espirito no Létes da carne, eu desejaria ser paulista ou baiano.

São Paulo e Baía foram os dois braços fortes que me ampararam na provação. Minha dívida para com ambos é sagrada e irredimível. Era do seio afetuoso da Baía, terra mãe do Brasil, que me chegavam os brados de incitamento para a luta; e dos celeiros fartos e generosos de São Paulo vinha a maior parte do meu pão.

Em seu território vivem os meus melhores amigos e do santuário do seu affecto subiram para Deus, em favor do escritor humilde e enfermo, as preces mais comovedoras e mais sinceras, as quais não lhe iluminaram apenas as estradas pedregosas da Vida, mas constitui-

ram igualmente uma lampada suave no seu caminho da Morte.

Ignoro quando o Senhor resolverá o retorno do meu espirito aos tormentos da Terra, mas quero, antes de meditar nos calabouços da carne, falar do reconhecimento do meu coração.

Todas as coisas do Brasil falam particularmente á nossa alma: Piratininga é, porém, o poema de ouro e de aço das energias do seu povo. Sua história, dentro da história da Patria, é uma afirmação gloriosa de heroísmo sagrado. O mesmo espirito de liberdade e de autonomia que nos primórdios de sua organização lhe motivou o desejo de aureolar a fronte de Amador Bueno com uma corôa de rei, emancipando-se da sua condição subalterna, trabalha hoje, como trabalhou no passado, para eternizar com o braço realizador a epopéia da sua grandeza.

Entre as energias moças da terra ha um delírio contagioso de ação e de trabalho. O esforço carinhoso do homem une-se á exuberância da seiva e São Paulo desfralda, nas linhas vanguardistas, o lábaro do seu progresso e das suas conquistas. Do conforto de suas cidades modernas eleva-se para o céu a oração do labor que Deus escuta, premiando-lhe a operosidade com as alegrias da fartura.

E dizem que Anchieta, ainda hoje, em

companhia daqueles que lançaram a primeira pedra na base do glorioso edificio piratiniano, passeia, entre as bênçãos dos seus cafezais e das suas estradas, enviando uma saagrada exortação aos que pelejam. Ele, que soube aliar no mundo a energia do homem ás virtudes do apóstolo, vê, do espaço infinito, a sublimidade da sua obra, e quando se aproxima das praias antigamente desertas e dos lugares onde as florestas desapareceram sob os milagres do progresso, as juritís morenas da terra fremem as asas de arminho, tecendo um pálio inesperado para cobrir a frente do homem prodigioso que lhes levou a palavra do Evangelho.

Abençoam-no das alturas os indigenas redimidos pela sua fraterna solicitude e sob a proteção afetuosa das aves, Anchieta sorri, contemplando a sua Piratininga que trabalha e florece.

Sempre me referi ás coisas de São Paulo com o carinhoso enternecimento da minha admiração.

E agora, longe das perturbações a que nos submete a carne inflingindo-nos a mais amargosa das escravidões, posso apreciar melhormente as suas afirmações de grandeza. Tenho a visão nitida dos seus valorosos feitos, da energica projecção dos ideais da sua gente intrépida, cuja atividade se desdobra no ambiente

da confraternização de todas as raças, fundindo-se no seu seio os mais enobrecedores sentimentos da fraternidade humana.

São Paulo de hoje é a bússola dos que não de estudar amanhã a etnologia brasileira.

Ao lado dos seus numerosos institutos de civilização e cultura, Piratininga terá a sua "Sociedade de Estudos Psiquicos" como realidade nova do ideal espiritualista, que, arrematando as fileiras dos estudiosos, se prepara afim de constituir a luz da humanidade futura.

Abre-se, desse modo, no cenario da sua evolução mais um centro de benemeritos, cuja ação não estará circunscrita á pesquisa científica, mas tambem ao levantamento do nivel moral da sociedade, intensificando os élos da fraternidade cristã; porque os verdadeiros estudiosos sabem que, se a ciencia contemporanea não está falida, não pôde, nas suas condições do momento, oferecer ao homem a chave das felicidades imortais.

A humanidade está faminta desse amor que só Deus pôde outorgar.

Um frio terrivel de desespero e desgraça sopra entre os homens, que se esqueceram da meditação e da préce. E a Ciencia é a figura de Édipo eletrizado sob os fatalismos inelutaveis do destino. O êrro dos que investigam é buscar a sabedoria sem preparar o coração,

invertendo as determinações imperiosas da Vida.

Piratininga está, pois, preparando o coração de seus filhos, e das suas arcas ricas e generosas se derramará muito pão espiritual para os celeiros empobrecidos.

Dos empórios da sua grandeza, saíram no passado as bandeiras civilizadoras, rasgando o coração das selvas compactas e, na atualidade, novas bandeiras sairão, rompendo o cipoal da descrença em que os homens se emaranharam, para dizer a palavra da verdade e do amor. As suas armas de agora serão os ensinamentos do Evangelho, e o seu objetivo a descoberta do filão do ouro espiritual.

Um júbilo inexprimível entorna-se do meu coração, dirigindo aos paulistas a minha palavra inexpressiva da tribuna da Morte; e tomado de orgulhosa alegria, posso hoje exclamar:

— “Eu te agradeço, oh! Senhor! tão preciosos favores, porque, graças á tua bondade, pude hoje falar com S. Paulo, no momento em que se entregava com valoroso desassombro á obra da imortalidade, que é a obra do Evangelho...”

18 de Agosto de 1935.

CORAÇÃO DE MÃE

Dolorosa e comovedora é a carta dessa mulher maranhense que te chegou ás mãos, trazida nas asas de um avião trepidante e ruidoso.

Mãe desesperada, apela para os sentimentos de paternidade que não me abandonaram no tumulto, e grita aflitivamente como se as suas letras tremidas fossem vestígios arroxeados do sangue do seu coração:

“Eu peço a Humberto de Campos que, mesmo do Além, salve o meu filho! Ele que não se esqueceu dos que deixou na Terra, não pode negar uma esmola á minh'alma de mãe extremosa!...”

E eu me lembro, comovido, dos apêlos que me eram dirigidos pelos sofredores, nos derradeiros tempos da minha vida, enquanto eu naufragava devagarinho no veleiro da Dôr, entre as aguas pesadas do oceano da Morte.

Eu daria tudo para enviar a essa mulher sofredora da terra que foi minha, a certeza de

que o seu filho é uma criatura predileta dos deuses. Tudo faria para imitar aquelas mãos ternas e misericordiosas que descansaram sobre a fronte abatida do órfão da viuva de Naim, ressuscitando para um coração maravilhoso de Mãe as energias do filho que padece sob as provações mais penosas.

A Morte, porém, não afasta do nosso caminho a visão estranha da fatalidade e do destino. Ha um determinismo no cenario das nossas existencias, criado por nós mesmos. O mal, com o seu cortejo de horrores, não está dentro dessa corrente impetuosa e irrefreavel, mas todos os seus élos são formados pelos sofrimentos.

Os homens de barro têm de batalhar a vida inteira, repelindo o Crime e o Pecado, mas inevitavelmente andarão atolados no pantanal da Dôr e da Morte.

O que mais me pungia, depois de haver perquirido as lições dos sabios daí, era a inutilidade dos seus argumentos ante as determinações irrevogaveis do destino. Após haver atravessado as estradas da ignorancia desprezenciosa, no limiar do imenso palacio das experiencias alheias, presumia encontrar a solução dos enigmas que confundem o cerebro humano. Mas, em todas achei o mesmo tormento, as mesmas ansiedades angustiosas.

Frente á frente do pulso inflexivel da

Morte, toda a ciencia do mundo é de uma insignificancia irremediavel. Nesse particular, todo o portentoso edificio da filosofia de Pitágoras não valia mais que as extravagantes teorias doutrinarias propaladas no mundo.

Todos quantos laboram em favor do homem da terra esbarram nos muros indevassaveis da Sombra. O Cristo foi o unico que espalhou, na masmorra da carne, uma claridade suave, porque não se dirigiu á criatura terrena, mas á criatura espiritual.

Assombrava-me o espetaculo pavoroso do mundo, onde as leis, liberalissimas para a aristocracia do ouro e severa em face dos infelizes que palmilham o caminho espinhoso com os pés descalços e feridos, refletem o o carater humano com os seus incorrigiveis defeitos.

E, despertando de longos pesadelos na porta de claridade da sepultura, a minha primeira inquirição, com respeito aos problemas que me atormentavam foi uma pergunta dolorosa acerca dos contrastes amargos do mundo. Ainda aqui, porém, os genios carinhosos da Sabedoria abençoam e sorriem aos que os interpelam, porque a decifração dos enigmas das nossas existencias está em nós proprios. Apesar do destino inflexivel, ha uma fôrça em nós que dele independe, como origem de todas as nossas ações e pensamentos. Somos obreiros da trama

caprichosa das nossas próprias vidas. As mãos que hoje cortam as felicidades alheias, amanhã se recolherão como galhos ressequidos nas frondes verdes da Vida. As iniquidades de um Heródes podem desaparecer sob o manto de renúncias de um Vicente de Paulo. O sensualismo de Madalena foi expurgado nos prantos amargosos da expiação e do arrependimento. Quando pudermos ver o passado em todo o seu desdobramento, depois de contemplarmos a Messalina na sua noite de regalados prazeres, vê-la-emos de novo arrastando-se nas margens do Tibre, enfiada num vestido horripilante de negras monstruosidades.

Faltou-me na vida terrena semelhante compreensão, para entender a Verdade.

Que essa pobre mãe maranhense considere esses realismos que nos edificam e nos salvam.

E, como um anjo de Dôr á cabeceira do seu filho, eleve o seu apêlo ao coração augusto d'Aquele que remove as montanhas com o sôpro suave do seu amor. Sua oração subirá ao Infinito como um cálice de perfume, derramado ao clarão das estrelas que enfeitam o trono invisível do Altíssimo e, certamente, os anjos da Piedade e da Doçura levarão a sua prece, como candida oferta da sua alma sofredora, á magnanimidade daquela que foi a Rosa Mística de Nazaré. Então, nesse momento, talvez que o coração angustiado de mãe que chora na

Terra, se ilumine de uma claridade estranha e misericordiosa. Seu lar desditoso e humilde será, por instantes, um altar dessa luz invisível para os olhos mortais. Duas mãos de névoa translúcida pousarão como açucenas sobre a sua alma oprimida e uma voz carinhosa, embaladora, murmurará aos seus ouvidos:

— “Sim, minha filha! . . . ouvi a tua prece e vim suavizar o teu martirio, porque também tive um filho que morreu ignominiosamente na “cruz.”

23 de Agosto de 1935.

O TÊTE-A-TÊTE DAS SOMBRAS

Quando ainda no mundo, não me era dado avaliar o "tête-a-tête" amigável dos Espiritos, á maneira dos homens, apenas com a diferença de que as suas palestras não se desdobram á porta dos cafés ou das livrarias.

E é com surpresa que me reúno áqueles que estimo, quando se me apresentam oportunidades para uns dedos de prosa.

Estavamos nós, quatro almas desencarnadas, como se fôssemos no mundo quatro figuras apocalípticas, discutindo ainda as coisas mesquinhas da Terra e a palestra versava, justamente, sobre a evolução das idéias espiritas no Brasil.

— "Infelizmente — exclama um do grupo, propecta figura dessas doutrinas, desencarnado ha bons anos no Rio de Janeiro, — o que infesta o Espiritismo em nossa terra é o mau gôsto pelas discussões estéreis. O nosso trabalho é contínuo para que muitos confrades não se engalfinhem pela imprensa, demons-

trando-lhes com lições indiretas a inutilidade das suas polemicas. Mesmo assim, a doutrina tem realizado muito. Suas obras de caridade cristã estão multiplicadas por toda parte, atestando o labor do Evangelho."

Foi lembrada, então, a figura respeitável de Bittencourt Sampaio, no princípio da organização espirita no país, recordando-se igualmente a covardia de alguns companheiros que, guindados a prestigiosas posições na sociedade e na politica, depressa esqueceram o seu entusiasmo de crentes, bandeando-se para o oportunismo das ideologias novas.

Ia a conversação nessa altura, quando o Dr. C., um dos mais caridosos facultativos do Rio, recentemente desencarnado e cujo nome não devo mencionar, respeitando os preconceitos que se estendem ás vezes até aqui, explicou:

— "E" pena que venhamos a compreender tão tarde o Espiritismo, reconhecendo a sua logica e grandeza moral só depois do nosso regresso do mundo.

"Nós, os medicos, temos sempre o cerebro trabalhado de canseiras, na impossibilidade de resolver o problema da sobrevivencia. E' certo que nunca se encontrará o sêr na autópsia de um cadaver, mas, tudo na vida é uma vibração profunda de espiritualidade. Como, porém, a ciencia vigia as suas conquistas do Passado, a ciencia dos seus dominios, ainda que sejamos

inclinados ás verdades novas, somos obrigados muitas vezes a nos retrair, temendo os Zaratrustras da sua infalibilidade.

“Eu mesmo, nos meus tempos de clínica do Rio de Janeiro, fui testemunha de casos extraordinarios, desenrolados sob as minhas vistas. Todavia, fui tambem presa do comodismo e do preconceito.”

E o Dr. C., como se mergulhasse os olhos no abismo das coisas que passaram, continuou pausadamente:

— “Eu já me encontrava com residencia na praia de Botafogo quando lavrou na cidade um surto epidemico de gripe, aliás com minima repercussão, comparado á epidemia de após a guerra. E como sempre contava, entre aqueles que recorriam á minha atividade profissional, diversos amigos pobres dos Mórros e particularmente da Prainha, foi sem surpresa que, numa noite fria e nevoenta, abri a porta para receber a visita de uma garota de seus dez anos, humilde e descalça, que vinha trêmula e acanhada solicitar os meus serviços.

— “Doutor, dizia ela, a mamãe está muito mal e só o senhor pode salvá-la... Quer fazer a caridade de vir comigo?”

“Impressionaram-me a sua graça infantil e o estranho fulgor dos olhos, bem como o sorriso melancólico que lhe brincava na boca miúda.

“Considerarei tudo quanto esperava a minha atenção urgente e procurei convence-la da impossibilidade de a seguir, prometendo atende-la no dia imediato. Todavia, a minha pequena interlocutora exclamou com os olhos razos dagua:

— “Oh! doutor, não nos abandone. Ninguém, a não ser a proteção de Deus, vela por nós neste mundo. Se o senhor não nos quiser auxiliar, a mamãe estará perdida e ela não pode morrer agora. Venha!... o senhor não teve tambem uma mãe que foi o anjo de sua vida?”

“A última frase dessa menina tocou fundo o meu coração e lembrei-me dos tempos longínquos, em que minha mãe embalava os sonhos da minha existencia, comprando-me com o suor da sua pobreza honesta os alfarrabios e o pão.

“Eu devia auxiliar aquela pequena, fosse onde fosse. A medicina era o meu sacerdócio e dentro da noite chuvosa que amortalhava todas as coisas, como se o céu invisível chorasse sobre as trevas do mundo, o táxi rolava conosco, como um fantasma barulhento, atravessando as ruas alagadas e desertas. Aquela menina, triste e silenciosa, tinha os olhos brilhantes, perdidos no vácuo. Seu corpo magrinho recostava-se inteiramente nas almofadas, enquanto os pés minúsculos se escondiam nas

franjas do tapete. Lembrando as suas frases significativas, quis reatar o fio do nosso diálogo: “Ha muito tempo que sua mãe se acha doente?”

— “Não, senhor. Primeiro, fui eu; enquanto estive mal, tanto a mamãe cuidou de mim que até caiu cansada e enfêrma, também.”

— “Que sente a sua mãe?”

— “Muita febre. As noites são passadas sem dormir. Às vezes grito para os vizinhos, mas parece que não me ouvem, pois estamos sempre as duas isoladas... Costumamos chorar muito com esse abandono; mas, diz a mamãe que a gente precisa sofrer, entregando a Deus o coração.”

— “E como soube você onde moro?”

— “Foi a visita de um homem que eu não conhecia. Chegou devagarinho á nossa porta, chamando-me á rua, dizendo-se amigo que o senhor muito estima; e, ensinando-me a sua casa prometeu que o senhor me atenderia, porque também havia tido uma mãe boa e carinhosa.”

“Nosso diálogo foi interrompido. A pequena enigmatica mandou parar o carro. Apontou o local de sua residencia extendendo a mão descarnada e miúda e, com poucos passos, batiámos á porta modesta de uma choupana miseravel.

— “Espere, doutor, disse ela, eu lhe abri-

rei a porta passando pelos fundos:”

“E, já inquieta, desembaraçada, desapareceu das minhas vistas. Uma taramela deslisou com cuidado, no meio da noite e entrei no casebre. Uma lamparina bruxoleante e humilde, que iluminava a saleta com o seu clarão palido, deixava ver no catre limpo um corpo de mulher desfigurado e disforme. Seu rosto sulcado de lagrimas era o atestado vivo das mais cruéis privações e dificuldades. Níobe estava ali petrificada na sua dor. Todos os martirios se concentravam naquele pardieiro abandonado. Às minhas primeiras perguntas, respondeu numa voz suave e débil:

— “Não, doutor, não tente arrancar minha alma desesperada das garras da Morte! Nunca precisei tanto, como agora, deixar para sempre o calabouço da Vida!”

“E prosseguiu, delirando: — “Nada me resta... Deixem-me morrer!...”

“Sobrepús, porém, minha voz ás suas lamentações e exclamei com energia:

— “Minha senhora, vou tomar todas as providencia que o seu caso está exigindo. Hoje mesmo cessará esse desamparo. Urge reanimar-se! Resta-lhe muita coisa no mundo, resta-lhe essa filha afetuosa, que espera o seu carinho de mãe extremosa!...”

— “Minha filha? — retrucou aquela criatura, meio-mulher e meio-cadaver — enquanto

duas grossas lagrimas feriram fundo as suas faces empalidecidas. — minha filha está morta desde ante-ontem!... Olhe, doutor, aí no quarto e não procure devolver a saúde a quem tanto necessita morrer!...”

“Então, espantado, passei ao apartamento contíguo. O corpo de cêra daquela criança misteriosa, que me chamara nas sombras da noite, ali estava envolvido em panos pobres e claros. Seu rosto imovel de boneca magrinha era um retrato da privação e da fome. Os grandes olhos fulgurantes estavam agora fechados, e na boca miúda pairava o mesmo sorriso suave das almas resignadas e tristes.

“Eu deslisara nas avenidas com uma sombra dos mortos.”

E, cobrindo melancolicamente o painél das suas lembranças, o nosso amigo terminou:

— “Decorridos tantos anos, ainda oiço a voz do fantasma pequenino e gracioso; e, na luta da Vida, muita vez me ocorreu o seu conselho suave, que me ensinou a sofrer, entregando a Deus o coração.”

28 de Agosto de 1935.

NO DIA DA PATRIA

O Brasil celebra hoje o seu “Dia da Pátria”. As bandeiras ouro e verde serão desfraldadas aos quatro ventos. Nas grandes cidades serão ouvidos os écos dos clarins, nas paradas militares e uma vibração de entusiasmo percorrerá o coração dos patriotas.

Sei também que muitas personalidades desencarnadas, que antigamente lutaram pela organização da nacionalidade, hoje se voltam para São Sebastião do Rio de Janeiro, onde pretendem participar das cerimônias comemorativas; muitos dos chefes tapúias e tupís, legítimos donos da terra conquistada pelos portugueses, ainda no espaço, não desdenharão igualmente de passear os olhos pelo cenário das suas passadas existências, recordando hoje as suas tabas solitárias, os seus costumes que os brancos perverteram, a imensidade das selvas e as belezas melancólicas das suas praias desertas.

Todavia, lembrando Paicolás, reconhecerão

alguns beneficios de sua influencia, ao lado de seus inumeraveis defeitos. Hão de contemplar, enlevados, a Avenida Central, a Avenida Atlantica, a praia de Copacabana, o Russell, o Leblon, as obras de saneamento e o casario imenso da cidade maravilhosa, derramando-se pelos vales, pelas serras e planicies, numa alucinação de progresso vertiginoso.

Os homens e os Espiritos desencarnados se reunirão, celebrando a data festiva.

Essas solenidades são sempre lindas e alegres, quando encaradas dentro da sua formosa significação.

As patrias devem ser as casas imensas das familias enormes. Unidas fraternalmente, realizariam o sonho da Canaan das Escrituras, na face da Terra. Contudo, quanto mais avançou a civilização nas suas estradas, mais o conceito de patria foi viciado na essencia da sua legitima expressão.

O progresso científico eliminou quasi todos os problemas da incomunicabilidade. A radiotelephonia fez do planeta uma sala minuscula, onde os países conversam, como as pessoas. Os paquetes para as viagens transoceanicas são cidades flutuantes, como hifens gigantescos, unindo os povos. As máquinas aéreas, aperfeiçoadas e admiravelmente dispostas, sulcam os ares devorando as distancias. Por toda parte rasgam-se estradas. Ha uma

ansia de comunhão em todas as coisas. Tudo tende a unir-se, aproximando-se.

Entretanto, nunca as patrias estiveram tão afastadas umas das outras, como agora. Jamais se fez uma apologia tão grande da politica de isolamento. As patrias andam esquecidas de que a existencia depende de trocas incessantes. Os maiores desequilibrios financeiros e economicos são infligidos ás nações no seu egoismo coletivo.

Deslumbrada, num periodo esplendoroso de sua evolução e sentindo-se no limiar de transformações radicais em todos os sectores de sua atividade, a sociedade humana escuta a voz dos seus genios e dos seus apóstolos, desejando eliminar as fronteiras de todos os matices que separam os seus membros, fundindo-se nesse abraço de Unidade que ela começa a compreender. Mas, a politica representa o passado multi-milenario. Os governos se concentram á base da força e o antagonismo que impera entre todos os elementos da atualidade apresenta um espetaculo interessantissimo. Todos os pactos de paz são mentirosos. Haverá maior contradição que a de um instituto de paz, que deve ser pura e espontanea, guardado por exercitos armados até os dentes?

Em todos os sistemas politicos dos tempos modernos predominam, apenas, os pruridos da hegemonia internacional. Em virtude

de semelhantes disparates, a guerra é inevitável. Não haverá confabulações diplomaticas que a eliminem, por enquanto, do caminho dos homens. E a guerra de agora será mais dolorosa e terrível. Todas as conquistas da ciência serão mobilizadas a seu serviço. A bacteriologia, a electricidade, a mecanica, a química, todos os elementos serão requeridos pelo povo insaciavel.

Deus criou a Paz, o Amor, a Fraternidade, mas os homens criaram os seus proprios destinos. Confundidos no labirinto de suas maldades, só têm podido iluminar os caminhos da Vida com os fachos incendiados da Morte.

Na actualidade, a guerra das patrias representa a guerra dos sentimentos; porque uma era-nova, de fraternidade cristã, desabrochará nos horizontes do mundo. Todos os Espiritos falam nessa renovação e ela apparecerá, clareando o dia novo da humanidade.

Nessa epoca de ouro espiritual, que talvez não venha longe, o mundo entenderá a mensagem de paz do Divino Cordeiro. Uma brisa suave de confôrto e de alivio descerá do Céu sobre as fronte atormenteadas das criaturas. Terminará o dilúvio de expiações em que o homem ha seculos está envolvido, e um passaro simbolico trará novamente a oliva da esperanza.

E o Brasil que, embora com sacrificios

ingentes, vem colaborando na disseminação da mensagem da immortalidade e da esperanza, nessa era-nova entoará, com as nações irmanadas, o hino da Paz, compreendendo, pela evolução moral dos seus filhos, a beleza maravilhosa da Patria Universal.

7 de Setembro de 1935.

UM CÉPTICO

Ainda não me encontro bastante desapegado desse mundo, para que não me sentisse tentado a voltar a ele no dia que assinalou o meu desprendimento da carcassa de ossos.

Se o vinte e sete de outubro marcou o meu ingresso no reino das sombras, que é a vida daí, o cinco de dezembro representou a minha volta ao país de claridades benditas, cujas portas de ouro são escancaradas pelas mãos poderosas da morte.

Nessa noite, o ambiente no cemiterio de São João Batista parecia sufocante. Havia um "que" de misterios entre as catacumbas silenciosas, que me enervava, apesar da ausencia dos nervos tangiveis no meu corpo estranho, de espirito. Todavia, toquei as flores cariciosas que a Saudade me levava, piedosa e compungidamente. Seu aroma penetrava meu coração como um consôlo brando, conduzindo-me num retrospecto maravilhoso ás minhas

afeições comovidas, que haviam ficado á distancia.

E foi entregue a essas cogitações a que são levados os mortos quando penetram o mundo dos vivos, que vi, acororado sobre a terra, um dos companheiros que me ficavam proximos ao "bungalow" subterraneo com que fui mimoseado na terra carioca.

— O senhor é o dono desses ossos que estão por aí apodrecendo? interpelou-me.

— Sim, e a que vem a sua pergunta?

— Ora, é que me lembro do dia da sua chegada ao seu palacete subterraneo. Recordame bem, apesar de sair pouco dessa toca para onde fui relegado ha mais de trinta anos... O senhor se lembra? A urna funeraria, portadora dos seus despojos, saiu solenemente da Academia de Letras, altas personalidades da politica dominante se fizeram representar nas suas exéquias e ouvi sentidos panegiricos pronunciados em sua homenagem. Muito trabalho tiveram as máquinas fotograficas na camara-dagem dos homens da imprensa e tudo fazia sobressair a imponencia do seu nome illustre. Procurei aproximar-me e notei que as suas mãos, que tanto haviam acariciado o espadim academico, estavam inermes; os seus miolos, que tanto haviam vibrado, tentando aprofundar os problemas humanos, estavam reduzidos a um punhado de massa informe, onde apenas

os vermes encontrariam algo de util. Entretanto, embora as homenagens, as honrarias, a celebridade, o senhor veio humildemente repousar entre as tibias e os húmeros daqueles que o antecederam na jornada da Morte. Lembra-se o senhor de tudo isso?

— Não me lembro bem... Tinha o meu espirito perturbado pelas dores e emoções sucessivas.

— Pois eu me lembro de tudo. Daqui, quasi nunca me afasto, como um olho de Argos, aivando a memória dos vizinhos. O senhor conhece as criptas de Palermo?

— Não.

— Pois nessa cidade os monges, um dia, conjugando a piedade com o interesse, inventaram um cemiterio bizarro. Os mortos eram mumificados e não baixavam á sepultura. Prosseguiam de pé a sua jornada de silencio e de mudez espantosa. Milhares de esqueletos ali ficaram em marcha, vestidos ao seu tempo, segundo os seus gostos e opiniões. Muito rumor causou essa parada de caveiras e de canelas, até que um dia um inspetor da hygiene visitando essa casa de sombras da vida, enojado com a presença dos ratos que roiam displicentemente as costelas dos trespassados ricos e illustres, que se davam ao gosto de comprar ali um lugar de descanso, mandou cerrar-lhe as portas pelo ministro Crispi, em 1888. Ora,

bem: eu sou uma especie dos defuntos de Palermo. Aqui estou sempre de pé, apesar dos meus ossos estarem dissolvidos na terra, onde se encontraram com os ossos dos que foram meus inimigos.

— A vida é assim, disse-lhe eu; mas por que se dá o amigo a essa ingloria tarefa na solidão em que se martiriza? Não teria vindo do órbe com bastante fé, ou com alguma credencial que o recomendasse a este mundo cujas fileiras agora integramos?

— Credenciais? Trouxe muitas. Além da honorabilidade de velho politico do Rio de Janeiro, trazia as insígnias da minha fé catolica, apostolica, romana. Morri com todos os sacramentos da igreja; mas, apesar das palavras sacramentais da liturgia e das felicitações dos hissope, não encontrei viv'alma que me buscasse para o caminho do Céu, ou mesmo do Inferno. Na minha condição de defunto incompreendido, procurei os templos catolicos, que certamente estavam na obrigação de me esclarecer. Contudo, depressa me convenci da inutilidade do meu esforço. As igrejas estão cheias de mistificações. Se Jesus voltasse agora ao mundo, não poderia tomar um átomo de tempo prégando as virtudes cristãs, á base luminosa da humildade. Teria de tomar incontinenti, ao regressar a este mundo, um látego de fogo e trabalhar anos a fio no sanea-

mento da sua casa. Os vendilhões estão muito multiplicados e a época não comporta mais o "Sermão da Montanha". O que se faz necessário no tempo atual e no tocante a esse problema, é a creolina de que falava Guerra Junqueiro nas suas blasfemias.

— Mas, o irmão está muito céptico. E' preciso esperança e crença...

— Esperança e crença? Não acredito que elas salvem o mundo, com essa geração de condenados. Parece que maldições infinitas perseguem a moderna civilização. Os homens falam de fé e religião, dentro do snobismo e da elegancia da época. A religião é para uso externo, perdendo-se o espirito nas materialidades do seculo. As criaturas parecem muito satisfeitas sob a tutela estranha do diabo. O nome de Deus, na atualidade, não deve ser evocado senão como máscara, para que os enigmas do demonio sejam resolvidos.

Não estamos nós aqui, dentro da terra da Guanabara, paraíso dos turistas, cidade maravilhosa? Percorra o senhor, ainda depois de morto, as grandes avenidas, as arterias gigantes da capital e verá as crianças famintas, as mãos enauseantes dos leprosos, os rostos desfigurados e palidos das mães sofredoras, enquanto o governo remodela os teatros, incentiva as orgias carnavalescas e multiplica regalos e distrações. Vá ver como o cancer devora

os corpos enfermos no hospital da Gambôa; ande pelos mórros, para onde fugiu a miseria e o infortunio; visite os hospícios e leprosaes. Ha de se convencer da inutilidade de todo o serviço em favor da esperança e da crença. Em materia de religião, tente materializar-se e corra aos predios elegantes e aos bungalows adoraveis de Copacabana e do Leblon, suba a Petropolis e grite a verdade. O seu fantasma seria corrido a pedradas. Todos os homens sabem que hão de chocalhar os ossos, como nós, algum dia; mas, um vinho diabolico envenenou no berço essa geração de infelizes e descrentes.

— Por que o amigo não tenta o Espiritismo? Essa doutrina representa hoje toda a nossa esperança.

— Já o fiz. E' verdade que não comparecí a uma reunião de sabedores da doutrina, conhecedores do terreno que perquiriam; mas, estive numa assembléa de adéptos e procurei falar-lhes dos grandes problemas da existencia das almas. Exprobrei os meus êrros do passado, penitenciando-me das minhas culpas para escarmenta-los; mostrei-lhes as vantagens da prática do bem como base unica para encontrarmos a senda da felicidade, relatando-lhes a verdade terrivel na qual me achei um dia, com os ossos confundidos com os ossos dos miseraveis. Todavia, um dos componentes

da reunião interpelou-me a respeito das suas tricas domesticas, acrescentando uma pergunta quanto á marcha dos seus negocios.

Desiludí-me.

Não tentarei coisa alguma. Desde que temos vida depois da morte, prefiro esperar a hora do Juizo Final, hora essa em que deverei buscar um outro mundo, porque, com respeito á Terra, não quero chafurdar-me na sua lama. Por estranho paradoxo, vivo depois da morte, serei adêpto da congregação dos descrentes...

— Então, nada o convence?

— Nada. Ficarei aqui até a consumação dos évos, se a mão do Diabo não se lembrar de me arrancar dessa toca de ossos moidos e cinzas asquerosas. E, quanto ao senhor, não procure afastar-me desta misantropia. Continue gritando para o mundo que lhe guarda os despojos. Eu não o farei.

E o singular personagem recolheu-se á escuridão do seu canto imundo, enquanto pesava no meu espirito a certeza dolorosa da existencia dessas almas vãs e incompreendidas, na parada eterna dos tumulos silenciosos, para onde os vivos levam, de vez em quando, as flores perfumadas da sua saudade e da sua afeição.

13 de Dezembro de 1935.

A ORDEM DO MESTRE

Avizinhando-se o Natal, havia tambem no Céu um reboiço de alegrias suaves. Os Anjos acendiam estrelas nos cómoros de neblinas douradas e vibravam no ar as harmonias misteriosas que encheram um dia, de encantadora suavidade, a noite de Belém. Os pastores do paraiso cantavam e, enquanto as harpas divinas tangiam suas cordas sob o esfôrço caricioso dos zéfiros da imensidade, o Senhor chamou o Discipulo Bem Amado ao seu trono de jasmims matizado de estrelas.

O vidente de Pátmos não trazia o estigma da decrepitude, como nos seus ultimos dias entre as Espórades. Na sua fisionomia pairava aquela mesma candura adolescente que o caracterizava no princípio do apostolado.

— João — disse-lhe o Mestre — lêmbraste do meu aparecimento na Terra?

— Recordo-me, Senhor. Foi no ano 749 da éra romana, apesar da arbitrariedade de Frei Dionisios, que colocou erradamente o vos-

so natalício em 754, calculando no seculo VI da era cristã.

— Não, meu João — retornou docemente o Senhor — não é a questão cronologica que me interessa, em te arguindo sobre o passado. E' que nessas suaves comemorações vêm até mim o murmúrio doce das lembranças!...

— Ah! sim, Mestre Amado, retrucou pressuroso o Discipulo, compreendo-vos. Falais da significação moral do acontecimento. Oh!... se me lembro... a manjedoura, a estrela guiando os poderosos ao estábulo humilde, os canticos harmoniosos dos pastores, a alegria ressoante dos inocentes, afigurando-se-nos que os animais vos compreendiam mais que os homens, aos quais ofertaveis a lição da humildade, com o tesouro da fé e da esperança. Naquela noite divina, todas as potencias angelicas do paraíso se inclinaram para a Terra cheia de gemidos e de amargura, por exaltar a mansidão e a piedade do Cordeiro. Uma promessa de paz desabrochava para todas as coisas, com o vosso aparecimento no mundo. Estabelecera-se um noivado meigo entre a Terra e o Céu e recordo-me do júbilo com que vossa Mãe vos recebeu nos seus braços, feitos de amor e de misericórdia. Dir-se-ia, Mestre, que as abelhas de ouro do paraíso fabricaram, naquela noite de aromas e de radiosidades in-

definiveis, um mel divino no coração piedoso de Maria!...

Retrocedendo no tempo, meu Senhor bem amado, vejo o transcurso da vossa infancia, sentindo o martirio de que fostes objeto; o exterminio das crianças da vossa idade, a fuga nos braços carinhosos da vossa progenitora, os trabalhos manuais em companhia de José, as vossas visões maravilhosas no Infinito, em comunhão constante com o vosso e nosso Pai, preparando-vos para o desempenho da missão unica que vos fez abandonar, por alguns momentos, os palacios de sól da mansão celestial, afim de descer sôbre as lamas da Terra...

— Sim, meu João, e, por falar nos meus deveres: como seguem no mundo as coisas atinentes á minha doutrina?

— Vão mal, meu Senhor. Desde o concílio ecumênico de Nicéia, efetuado para combater o cisma de Ario em 325, as vossas verdades são deturpadas. Ao arianismo seguiu-se o movimento dos iconoclastas, em 787, e tanto contrariaram os homens o vosso ensinamento de pureza e de simplicidade, que eles proprios nunca mais se entenderam na interpretação dos textos evangelicos.

— Mas, não te recordas, João, que a minha doutrina era sempre acessivel a todos os entendimentos? Deixei aos homens a lição do

caminho, da verdade e da vida, sem lhes haver escrito uma só palavra.

— Tudo isso é verdade, Senhor, mas, logo que regressastes aos vossos imperios resplandecentes, reconhecemos a necessidade de legar á posteridade os vossos ensinamentos. Os Evangelhos constituem a vossa biografia na Terra; contudo, os homens não dispensam, em suas atividades, o véu da materia e do simbolo. A todas as coisas puras da espiritualidade adicionam a extravagancia de suas concepções. Nem nós e nem os Evangelhos poderíamos escapar. Em diversas basílicas de Ravena e de Roma, Mateus é representado por um jóven; Marcos por um leão; Lucas por um touro e eu, Senhor, estou ali sob o simbolo estranho de uma aguia.

— E os meus representantes, João, que fazem eles?

— Mestre, envergonho-me de o dizer. Andam quasi todos mergulhados nos interesses da vida material. Em sua maioria, aproveitam-se das oportunidades para explorar o vosso nome e, quando se voltam para o campo religioso, é quasi que apenas para se condemnarem uns aos outros, esquecendo-se de que lhes ensinastes a se amarem como irmãos.

— As discussões e os simbolos, meu querido, disse-lhe suavemente o Mestre, não me impressionam tanto. Tiveste, como eu, neces-

sidade destes ultimos para as predicções e, sobre a luta das idéias, não te lembras quanta autoridade fui obrigado a despender, mesmo depois da minha volta da Terra, para que Pedro e Paulo não se tornassem inimigos? Se entre os meus apóstolos prevaleciam semelhantes desuniões, como poderíamos eliminá-las do ambiente dos homens que não me viram, sempre inquietos nas suas indagações?... O que me contrista é o apêgo dos meus missionarios aos prazeres fugitivos do mundo!...

— E' verdade, Senhor.

— Qual o nucleo da minha doutrina que detem no momento maior fôrça de expansão?

— E' o departamento dos bispos romanos, que se recolheram dentro de uma organização admiravel pela sua disciplina, mas altamente pernicioso pelos seus desvios da verdade. O Vaticano, Senhor, que não conheceis, é um amontoado suntuoso das riquezas das traças e dos vermes da Terra. Dos seus palacios confortaveis e maravilhosos irradia-se todo um movimento de escravidão das consciencias. Enquanto vós não tinheis uma pedra onde repousar a cabeça dolorida, os vossos representantes dormem a sua sésta em almofadas de veludo e ouro; enquanto trazieis os pés macerados nas pedras do caminho escabroso, quem se inculca como vosso embaixador trás a vossa imagem nas sandalias matizadas de

pérolas e brilhantes. E junto de semelhantes superfluidades e absurdos, surpreendemos os pobres chorando de cansaço e de fome; ao lado do luxo nababesco das basílicas suntuosas, erigidas no mundo como um insulto á glória da vossa humildade e do vosso amor, choram as crianças desamparadas, os mesmos pequeninos a que extendeis vossos braços compassivos e misericordiosos. Enquanto sobram as lágrimas e os soluços entre os infelizes, nos templos, onde se cultúa a vossa memória, transbordam moedas a mãos cheias, parecendo, com amarga ironia, que o dinheiro é uma defecação do demonio no chão acolhedor da vossa casa.

— Então, meu Discipulo, não poderemos alimentar nenhuma esperança?

— Infelizmente, Senhor, é preciso que nos enganemos. Por um estranho contraste, ha mais ateus benquistos no Céu, do que aqueles religiosos que falam em vosso nome na Terra.

— Entretanto — susurraram os labios divinos, docemente — consagro o mesmo amor á humanidade sofredora. Não obstante a negativa dos filosofos, as ousadias da ciencia, o apôdo dos ingratos, a minha piedade é inalteravel... Que sugeres, meu João, para solucionar tão amargo problema?

— Já não dissestes um dia, Mestre, que cada qual tomasse a sua cruz e vos seguisse?

— Mas, prometi ao mundo um Consolador em tempo oportuno!...

E, olhos claros e límpidos, postos na visão piedosa do amor de seu Pai Celestial, Jesus exclamou:

— Se os vivos nos traíram, meu Discipulo Bem Amado, se traficam com o objeto sagrado da nossa casa profligando a fraternidade e o amor, mandarei que os mortos falem na Terra em meu nome. Deste Natal em diante, meu João, descerrarás mais um fragmento dos véus misteriosos que cobrem a noite triste dos tumulos, para que a verdade ressurja das mansões silenciosas da Morte. Os que voltaram pelos caminhos ermos das sepulturas retornarão á Terra, para difundirem a minha mensagem, levando aos que sofrem, com a esperança posta no Céu, as claridades benditas do meu amor!...

E desde essa hora memoravel, ha mais de cincoenta anos, o Espiritismo veio com as suas lições prestigiosas felicitar e amparar na Terra a todas as criaturas.

20 de Dezembro de 1935.

A PASSAGEM DE RICHEL

O Senhor tomou lugar no tribunal da sua justiça e, examinando os documentos que se referiam ás atividades das personalidades eminentes sobre a Terra, chamou o Anjo da Morte, exclamando:

— “Nos meados do seculo findo partiram daqui diversos servidores da Ciencia, que prometeram trabalhar em meu nome, no orbe terráqueo, levantando o moral dos homens e suavizando-lhes as lutas. Alguns já regressaram enobrecidos nas ações dignificadoras, desse mundo longinquo. Outros, porém, desviaram-se dos seus deveres, e outros ainda lá permanecem no turbilhão das dúvidas e das descreanças, laborando no estudo.

“Lêmbra-te daquele que era aqui um inquieto investigador, com as suas análises incessantes, e que se comprometeu a servir aos ideais da Imortalidade adquirindo a fé que sempre lhe faltou?

— “Senhor, aludís a Charles Richet, reen-

carnado em Paris, em 1850, e que escolheu uma notabilidade da medicina para lhe servir de pai?”

— “Justamente. Pelas notícias dos meus emisarios, apesar da sua sinceridade e da sua nobreza, Richet não conseguiu adquirir os elementos de religiosidade que fôra buscar, em favor do seu proximo. Tens conhecimento dos favores que o Céu lhe ha adjudicado no transcurso da sua existencia?

— “Tenho, Senhor. Todos os vossos mensageiros lhe cercaram a inteligencia e a honestidade com o halo da vossa sabedoria. Desde os primordios das suas lutas na Terra, os Genios da imensidade o rodeiam com o sôpro divino de suas inspirações. Dessa assistencia constante lhe nasceram os poderes intellectuais, tão cedo revelados no mundo. Sua passagem pelas academias da Terra, que serviu para excitar a potencia vibratoria da sua mente em favor da ressurreição do seu tesouro de conhecimentos, foi acompanhada pelos vossos emisarios com especial carinho. Ainda na mocidade, lecionou na Faculdade de Medicina, obtendo a cadeira de fisiologia. Nesse tempo, já seu nome, com o vosso auxilio, estava cercado de admiração e respeito. As suas produções granjearam-lhe a veneração e a simpatia dos contemporaneos. De 1877 a 1884, publicou estudos notaveis sobre a circulação do

sangue, sobre a sensibilidade, sobre a estrutura das circunvoluções cerebrais, sobre a fisiologia dos musculos e dos nervos, perquirindo os problemas graves do sêr, investigando no círculo de todas as atividades humanas, conquistando para o seu nome a admiração universal.”

— “E em materia de espiritualidade, replicou austeramente o Senhor, que lhe deram os meus emissarios e de que fórma retribuiu o seu espirito a essas dádivas?”

— Nesse particular, exclamou solícito o Anjo, muito lhe foi dado. Quando deixastes cair, mais intensamente, a vossa luz sobre os misterios que me envolvem, ele foi dos primeiros a receber-lhe os raios fulgurantes. Em Carqueiranne, em Milão e na ilha Roubaud, muitas claridades o bafejaram junto de Eusapia Paladino, quando seu genio se entregava a observações positivas com os seus colegas Lodge, Myers e Sidgwick. De outras vezes, com Delanne analisou as célebres experiencias de Alger, que revolucionaram os ambientes intellectuais e materialistas da França, que então representava o cérebro da civilização occidental.

“Todos os portadores das vossas graças levaram as sementes da Verdade á sua poderosa organização psiquica, apelando para o seu coração, afim de que ele afirmasse as realidades da sobrevivencia; povoaram-lhe as noites de severas meditações com as imagens mara-

vilhosas das vossas verdades, porém, apenas conseguiram que ele escrevesse o “Tratado de Metapsiquica” e um estudo proveitoso, a favor da concordia humana, que lhe valeu o Premio Nôbel da Paz, em 1913.

“Os mestres espirituais não desanimaram, nem descansaram nunca em tórno da sua individualidade; mas, apesar de todos os esforços despendidos, Richet viu nas expressões fenomenologicas de que foi atento observador, apenas a exteriorização das possibilidades de um sexto sentido nos organismos humanos. Ele que fôra o primeiro organizador de um dicionario de fisiologia, não se atreveu a ir além das demonstrações histológicas. Dentro da espiritualidade, todos os seus trabalhos de investigador se caracterizam pela dúvida que lhe martiriza a personalidade. Nunca pôde, Senhor, encarar as verdades imortalistas senão como hipótese, mas o seu coração é generoso e sincero. Ultimamente, nas reflexões da velhice, o grande lutador se veiu inclinando para a fé, até hoje inacessível ao seu entendimento de estudioso. Os vossos mensageiros conseguiram inspirar-lhe um trabalho profundo, que apareceu no planeta como “A Grande Esperança” e, nestes ultimos dias, sua formosa inteligencia realizou para o mundo uma mensagem entusiastica em pról dos estudos espirituistas.”

— “Pois bem, exclamou o Senhor: Richet terá de voltar agora a penates. Traz de novo, aqui, a sua individualidade para as necessarias interpelações.”

— “Senhor, assim tão depressa? — tornou o Anjo advogando a causa do grande cientista. — O mundo vê em Richet um dos seus genios mais poderosos, guardando nele sua esperança. Não conviria protelar a sua permanencia na Terra, afim de que ele vos servisse servindo á Humanidade?”

— “Não — disse o Senhor tristemente. — Se após oitenta e cinco anos de existencia na face da Terra ele não pôde adquirir, com a sua consciencia, a certeza da Imortalidade, é desnecessaria a continuação da sua estadia nesse mundo. Como recompensa aos esforços honestos em beneficio dos seus irmãos em humanidade, quero dar-lhe agora, com o poder do meu amor, a centelha divina da crença, que a ciencia planetaria jamais lhe concedeu nos seus labores ingratos e frios.

* * *

No leito de morte Richet tem as palpebras cerradas e o corpo na posição derradeira, a caminho da sepultura. Seu Espirito inquieto de investigador não dormiu o grande sono.

Ha ali, cercando-lhe os despojos, uma multidão de fantasmas.

Gabriel Delanne estende-lhe os braços de amigo. Denis e Flammarion o contemplam com bondade e carinho. Personalidades eminentes da França antiga, velhos colaboradores da “Revista dos Dois Mundos”, cooperadores devotados dos “Anais das Ciências Psiquicas” ali estão para abraçarem o mestre no limiar do seu tumulo.

Richet abre os olhos para as realidades espirituais que lhe eram desconhecidas. Parece-lhe haver retrocedido ás materializações da Vila Carmen; mas, a seu lado repousam os seus despojos, cheios de detalhes anatomicos. O eminente fisiologista reconhece-se no mundo dos verdadeiros vivos. Suas percepções estão intensificadas, sua personalidade é a mesma e, no momento em que volve a atenção para a atitude carinhosa dos que o rodeiam, ouve uma voz suave e profunda, falando do Infinito:

— “Richet — exclama o Senhor no tribunal da sua misericordia — por que não afirmaste a Imortalidade e por que desconheceste o meu nome no teu apostolado de missionario da ciencia e do labor? Abrí todas as portas de ouro, que te poderia reservar lá no mundo. Perquiriste todos os livros. Aprendeste e ensinaste, fundaste sistemas novos do pensamento, á base das dúvidas dissolventes. Oitenta e cinco anos se passaram, esperando eu que a tua honestidade me reconhecesse, sem que a

fé desabrochasse em teu coração. Todavia, decifraste com o teu esforço abençoado muitos enigmas dolorosos da ciencia do mundo, e todos os teus dias representaram uma sêde grandiosa de conhecimentos... Mas, eis, meu filho, onde a tua razão positiva é inferior á revelação divina da fé. Experimentaste as torturas da morte com todos os teus livros e diante dela desapareceram os teus compendios, ricos de experimentações no campo das filosofias e das ciencias. E agora, premiando os teus labores, eu te concedo os tesouros da fé que te faltou, na dolorosa estrada do mundo!"

Sobre o peito do abnegado apóstolo desce do Céu um punhal de luz opalina, como um venábulo maravilhoso de luar indescritivel.

Richet sente o coração tocado de luminosidade infinita e misericordiosa, que as ciencias nunca lhe haviam dado. Seus olhos são duas fontes abundantes de lagrimas de reconhecimento ao Senhor. Seus labios, como se voltassem a ser os labios de um menino, recitam o "Pai Nosso que estais no Céu..."

Fórmias luminosas e aéreas arrebatam-no pela estrada de éter da eternidade, e, entre prantos de gratidão e de alegria, o apóstolo da ciencia caminhou da grande esperança para a certeza divina da Imortalidade.

21 de Janeiro de 1936.

HAUPTMANN

Na Casa da Morte, em Trenton, Bruno Richard Hauptmann desfolha pela ultima vez o seu calendario de recordações. E' de tarde. O condenado sente esvaecer-se-lhe a derradeira esperança. Já não ha mais possibilidade de adiamento da execução, depois das decisões do Grande Juri de Mercer e o caso de Wendel representava o unico elemento que modificaria o epílogo doloroso da tragedia de Mopwell. O Governador do Estado de Nova Jersey já havia desempenhado a sua imitação de Pilatos e o Sr. Kimberling nada mais poderia fazer que o cumprimento austero das leis, que condenaram o carpinteiro alemão á cadeira elétrica.

Hauptmann sente-se perdido diante do irremediavel e chora, protestando a sua inocencia. Recapitula a serie de circunstancias que o conduziram á situação de indigitado matador do Baby Lindberg e espera, ainda, que a justiça dos homens reconheça o seu êrro, salvando-o, á ultima hora, das mãos do carrasco.

Mas, a justiça dos homens está cega; tacteando na noite escura de suas vacilações, não viu senão a ele no amontoado das sombras.

A policia norte-americana precisava que alguém viesse á barra do tribunal responder-lhe por um crime nefando, satisfazendo assim ás exigencias da civilização, salvaguardando o seu renome e a sua integridade.

E o carpinteiro de Bronx, o olhar mareado de lagrimas, recorda os pequenos episodios de sua existencia: a sua velha casa humilde de Kamenetz, o ideal da fortuna nas terras americanas, a espôsa aflita e desventurada e a imagem do filhinho, brincando nas suas pupilas cheias de pranto. Hauptmann esquece-se então dos seus nervos de aço e de sua serenidade, perante as determinações da justiça e chora, convulsivamente, temendo enfrentar os misterios silenciosos da Morte. Paira no seu cerebro a desilusão de todo o esforço diante da fatalidade e, sentindo o escoamento dos seus derradeiros minutos, foge espiritualmente do torvelinho das coisas humanas para se engolfar na meditação das coisas de Deus. Suas mãos cansadas tomam a Biblia do padre Werner e o seu espirito excursiona no labirinto das lembranças. Ao cerebro atormentado voltam as orações aprendidas na infancia, quando sua mãe lhe punha na boca os Salmos de David e o nome santo de Deus. Depois viera

para o mundo largo, onde os homens se devoraram uns aos outros, no círculo nefasto das ambições. Suas preces de menino perderam-se como restos de um naufragio em noite de procela. Ele não conhecera nenhum apostolo e jamais lhe mostraram, no turbilhão das lutas humanas, uma figura que se assemelhasse ao Homem-Suave dos Evangelhos. Entretanto, nunca, como naquela hora, sentiu tanto o desejo de ouvir-lhe a palavra sedutora do Sermão da Montanha. Aos seus ouvidos ecoavam as derradeiras notas daquele cantico de glorificação aos bem-aventurados do mundo, pronunciado num crepusculo, ha dois mil anos, para aqueles que a vida condenou á miseria e ao infortunio, e uma voz misteriosa lhe segredava aos ouvidos, da grandeza da cruz, cheia de belezas ocultas e ignoradas.

Hauptmann toma o Salmo XXIII, repetindo com o Profeta: — “O Senhor é o meu Pastor, nada me faltará”.

O relógio da penitenciária prosseguia decifrando os enigmas do tempo e o carrasco já havia chegado para o seu terrível mestér. Cincoenta testemunhas ali se conservam para presenciarem a cena de supremo desrespeito pelas vidas humanas. Medicos, observadores das atividades judiciárias, autoridades e guardas ali se reúnem para encerrar tragicamente um drama sinistro, que emocionou o mundo inteiro.

O condenado, á hora precisa, cabelos raspados á maquina e a calça fendida para que a execução não falhasse entra, calado e sereno, na Camara da Morte. Havia no seu rosto um suor pastoso, como o dos agonizantes. Nenhuma sílaba se lhe escapou da garganta silenciosa. Contemplou calmamente o olhar curioso e angustiado dos que o rodeavam representando ironicamente o testemunho das leis humanas. No seu peito não havia o perdão do Cristo para os verdugos, mas um vulcão de prantos amargos torturava-lhe o íntimo, nos instantes derradeiros. Considerando toda a inutilidade de sua ação, diante do Destino e da Dôr, deixou-se amarrar á poltrona da Morte, enquanto seus olhos tangíveis não viam mais os benefícios alegres da claridade, mergulhando-se nas trevas em que iam entrar.

Elliot imprime o primeiro movimento á roda fatídica; correntes elétricas anestesiavam o cerebro do condenado e, dentro de quatro minutos, pelo preço mesquinho de alguns centavos, os Estados Unidos da America do Norte exercem a sua justiça, não obstante as dúvidas tremendas que pairam sôbre a culpabilidade do homem em cuja cabeça recaiu o rigor da sentença.

Muito se tem escrito sôbre o doloroso drama de Hopwell.

Os jornais de todo o mundo focalizaram

o assunto e as estações de radio encheram as atmosferas com as repercussões dessa historia emocionante. Não é demais, portanto, que "um morto" se interesse por esse processo que apaixonou a opinião pública mundial, não para exercer a função de revisor dos erros judiciarios, mas para extrair a lição da experiencia e o beneficio do ensinamento.

As leis penais da America do Norte não possulam elementos comprobatorios da culpa de Richard Hauptmann como autor do nefando infanticidio. Para conduzi-lo á cadeira da Morte não prevaleceram senão argumentos dubitativos, inadmissiveis dentro da cultura juridica dos tempos modernos. Muitas circunstancias preponderavam no desenrolar dos acontecimentos, que não foram tomadas na consideração que lhes era devida: a historia de Isidoro Fisch, a ação de Betty Cow e de Violette Scharp, a leviandade das acusações de Jafsie Condon e a dúvida profunda empolgando todos os corações que acompanharam, em suas etapas dolorosas, o desdobramento do processo sinistro.

Mas, em tudo isso, nessa tragedia que feriu cruélmente a sensibilidade cristã, ha uma justiça pairando mais alto que todas as decisões dos tribunais humanos, somente acessivel aos que penetram o escuro misterio da Vida, no ressurgimento das reencarnações.

Hauptmann sacrificado na sua inocencia, Harold Hoffman com o desprestigio politico perante a opinião pública do seu país e Lindberg, herói do seculo, ídolo de sua patria e um dos homens mais afortunados do mundo, fugindo de sua terra a bordo do "American Importer", onde quasi lhe faltava o conforto mais comeseinho, como se fôra um criminoso vulgar, são personalidades interpeladas na Terra pela Justiça Suprema.

Nos mundos e nos espaços ha uma figura de Argos observando todas as coisas. No seu tribunal do direito incorrutivel, a Têmis Divina arquiteta a trama dos destinos de todas as criaturas. E só nessa justiça pode o homem guardar a sua esperança, porque o direito humano, quasi sempre filho da supremacia da força, é ás vezes falho de verdade e sabedoria.

Dia virá em que a justiça humana compreenderá a extensão do seu êrro condenando um inocente. As autoridades judicarias hão de preparar-se para a enunciação de uma sentença nova, mas o processo terá subido integralmente para a alçada suprema da equidade absoluta. Debalde os juizes da Terra tentarão restabelecer a realidade dos fatos com os recursos de sua tardia argumentação, porque nesse dia, quando Bruno Richard Hauptmann for convocado para o último depoimento em

favor do resgate de sua memória, o carpinteiro de Bronx, que os homens electrocutaram, não passará de um punhado de cinzas.

6 de Abril de 1936.

A CASA DE ISMAEL

Um dia, o Senhor reunindo seus Apostolos ao pé das aguas claras e alegres do Jordão descortinou-lhes o panorama imenso do mundo.

Lá estavam as grandes metrópoles, cheias de faustos e grandezas.

Alexandria e Babilonia, junto da Roma dos Cesares, acendiam na terra o fogo da luxuria e dos pecados.

E Jesus adivinhando a miseria e o infortunio do Espirito mergulhado nos humanos tormentos, alçou a mão compassiva em direção á paisagem triste do planeta, declarando aos discipulos:

“Ide e pregai! Eu vos envio ao mundo como ovelhas ao meio de lobos, mas não vim senão para curar os doentes e proteger os desgraçados”.

E os Apostolos partiram, no afã de repartir as dádivas do seu Mestre.

Ainda hoje, afigura-se-nos que a voz con-

soladora do Cristo mobiliza as almas abnegadas, articulando-as no caminho escabroso da moderna civilização. Os filhos do sacrificio e da renúncia abrem clareiras divinas no cipoal escuro das descrenças humanas, constituindo exercitos de salvação e de socorro aos homens, que se debatem no naufragio triste das esperanças; e, se a vida póde cerrar os nossos olhos e restringir a acuidade das nossas percepções, a morte vem descerrar-nos um mundo novo, afim de que possamos entrever as verdades mais profundas do plano espiritual.

Foi Miguel Couto que exclamou em um dos seus momentos de amargura, diante da miseria exibida em nossas praças públicas:

“Ai dos pobres do Rio de Janeiro se não fôssem os Espiritas”.

E hoje que a morte reacendeu o lume dos meus olhos, que aí se apagava nos derradeiros tempos de minha vida como luzes bruxoleantes dentro da noite, posso ver a obra maravilhosa dos espiritas, edificada no silencio da caridade evangelica.

Eu não conhecia sómente o Asilo São Luís, que se derrama pela enseada do Cajú como uma esteira de pombais claros e tranquilos, onde a velhice desamparada encontra remanso de paz, no seio das tempestades e das dolorosas experiencias do mundo, como realização da piedade pública, aliada á pro-

paganda das idéias católicas. Conhecia, igualmente, o Abrigo Tereza de Jesus, o Amparo Tereza Cristina e outras casas de proteção aos pobres e desafortunados do Rio de Janeiro, que um grupo de criaturas abnegadas do proselitismo espirita havia edificado. Mas, meu coração que as dores haviam esmagado, trucidando todas as suas aspirações e todas as suas esperanças, não podia entender a vibração construtora da fé dos meus patricios, que Xavier de Oliveira taxára de loucos no seu estudo mal avisado do Espiritismo no Brasil.

A verdade hoje é para mim mais profunda e mais clara. Meu olhar percuciente de desencarnado pôde alcançar o fundo das coisas, e a realidade é que a organização das consoladoras doutrinas dos Espiritos, no Brasil não está formada á revelia da vontade soberana, do amor e da justiça que nos presidem aos destinos. Obra extreme da direção especializada dos homens, é no Alto que se processam as suas bases e as suas diretrizes.

Por uma estranha coincidência defrontam-se, na Avenida Passos, quasi frente a frente, o Tesouro Nacional e a Casa de Ismael.

Tesouros da Terra e do Céu, guardam-se no primeiro as caixas fortes do ouro tangível, ou das suas expressões fiduciárias; e no segundo reúnem-se os cofres imortalizados das moedas do Espirito.

De um, parte a corrente fertilizante das economias do povo, objetivando a vitalidade física do país; e do outro parte o manancial da agua celeste que sacia toda sede, derramando energias espirituais e intensificando o bendito labor da salvação de todas as almas.

A obra da Federação Espirita Brasileira é a expressão do pensamento imaterial dos seus diretores do plano invisível, indene de qualquer influenciação da personalidade dos homens. Semelhantes áqueles discipulos que partiram para o mundo como o "Sal da Terra", na feliz expressão do Divino Mestre, os seus administradores são intérpretes de um ditame superior, quando alheados de sua vontade individual, para servir ao programa de amor e de fé a que se propuseram. O roteiro de sua marcha é conhecido e analisado no mundo das verdades do Espirito, a sua orientação nasce da fonte das realidades superiores e eternas, não obstante todas as incompreensões e todos os combates. A historia da Casa de Ismaél, nos espaços, está cheia de exemplos edificantes, de sacrificios e dedicações.

Se Augusto Comte afirmou que os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos, nas intuições do seu positivismo, nada mais fez que refletir a mais sadia de todas as verdades. A Federação, que guarda consigo as primicias da sede do Tesouro espiritual da

Terra de Santa Cruz, não está de pé sómente á custa do esforço dos homens, que, por maior que seja, será sempre caracterizado pelas fragilidades e pelas fraquezas humanas. Muitos dos seus diretores, desencarnados aí se conservam, como aliados do exército de salvação que ali se reúne.

Ainda ha poucos dias, enquanto a Avenida fervilhava de movimento, vi ás suas portas uma figura singela e simpatica de velhinho, pronto para esclarecer e abençoar com as suas experiencias.

— Conhece-o? — disse-me alguém, rente aos ouvidos.

— ?...

— Pedro Richard...

Nesse ínterim, passa um companheiro da humanidade, cheio de instintos perversos, que a morte não conseguiu converter á piedade e ao amor fraterno.

E Pedro Richard abre os braços paternos para a entidade cruel.

— Irmão, não queres a benção de Jesus? Entra comigo ao seu banquete!...

— Por que? — replica-lhe o infeliz transbordando perversidade e zombaria. — Eu sou

ladrão e bandido, não pertenco á sociedade do teu Mestre.

— Mas, não sabes que Jesus salvou Dimas, apesar das suas atrocidades, levando em consideração o arrependimento de suas culpas? — diz-lhe o velhinho com um sorriso fraterno.

— Eu sou o máu ladrão, Pedro Richard... Para mim não ha perdão nem paraíso.

Mas, o irmão dos infelizes abraça em plena rua movimentada o leproso moral e lhe diz suavemente aos ouvidos:

— Jesus salvou o bom ladrão e Maria salvou o outro...

E o que eu vi foi uma lagrima suave e clara rolando na face do pecador arrependido.

Senhor, eu não estive, aí no mundo, na companhia dos teus servos abnegados e nem comunguei á mesa de Ismaél, onde se guarda o sangue do teu sangue e a carne da tua carne, que constituem a essencia de luz da tua doutrina.

Eu não te vi senão como Tomé, na sua indiferença e na sua amargura, e como os teus discipulos no caminho de Emaús, com os olhos enevoados pelas neblinas da noite. Todavia, podia ver-te na tua casa, onde se recebe a agua divina da fé, portadora de todo o amor, de toda a crença e de toda a esperança. Mas, não é tarde, Senhor!... Desdobra sobre o meu espirito a luz da tua misericordia e deixa que

desabroche, ainda agora, no meu coração de pecador, as açucenas perfumadas do teu perdão e da tua piedade, para que eu seja incorporado ás falanges raiosas que operam na tua casa, exibindo com o meu esforço de espirito a mais clara e a mais sublime de todas as profissões de fé.

12 de Junho de 1936.

CARTA A MARIA LACERDA DE MOURA

E' para você, Maria Lacerda, que envio hoje meu pensamento de espirito. Tarefa excessivamente arriscada, essa de dirigir-se um morto aos literatos da Terra, quasi sempre dobrados ás injunções de ordem politica e social. E' verdade que Berilo Neves, o ano passado, teve a precisa coragem de se referir, na Associação Brasileira de Imprensa, ás minhas mensagens póstumias; mas, você, na serenidade do seu ânimo e na incorrutibilidade do seu carater, pode entender o meu pensamento e ouvir a minha voz.

Não sou estranho ás suas atividades e aos seus estudos, no plano das investigações espiritualistas. Saturada de sociologia, você reconhece agora, como eu nos derradeiros anos de minha peregrinação pela Terra, a possibilidade remota de se concertar o edificio esburacado dos costumes humanos, dentro de uma civilização de barbaria, onde a moral cai aos pedaços e, voltando sua atenção para o mundo

invisível, você conversa com as sombras tornando-se a confidente abençoada dos mortos. Seu olhar, acostumado ás assembléias seletas das grandes cidades sul-americanas, passeia agora, ás vezes, no imperio do silencio dos que já partiram do mundo, onde o seu juizo crítico vai buscar um motivo novo para falar caridosamente, acordando os homens. Quis ainda você constituir o seu novo ninho junto das catacumbas e dos salgueiros e, desse calado retiro, estende-se o seu pensamento para o misterio da noite, povoada de sonhos e constelações.

Os pensadores, Maria Lacerda, são impotentes para salvar o mundo da desgraça em que ele proprio submergiu. A confusão tem de processar-se, para que se destrua o edificio milenar dos habitos e dos preconceitos de toda ordem. Uma vida nova terá de florescer sobre os alicerces da morte. Todos os que lutaram e os que se encontram lutando ainda pelo esclarecimento da coletividade são frutos extemporaneos da civilização do futuro. Eles oferecem um roteiro de liberdades fulgurantes; mas, em torno do homem contemporaneo respira-se ainda uma atmosfera terrivel de destruição.

Ha varios decenios, luta-se teóricamente para que um novo estado de coisas se estabeleça no mundo. Clama-se por leis economicas que regulem nos países a distribuição do necessa-

rio e queimam-se produtos em quasi todas as regiões do planeta, objetivando o cumprimento de absurdas determinações da politica do isolamento. A palavra dos Kropotkines sôa em vão, conclamando os espiritos de boa vontade. Mussolini assina um programa socialista nos primordios da sua carreira politica, escondendo a pretensão exclusiva de conquistar um imperio. O presidente pacifista dos Estados Unidos idealiza a organização da paz internacional de Genebra, de cujas atividades o seu país não compartilha. O Japão fala dos seus direitos de nacionalidade, avançando sobre os territorios da China. A Russia institue o comunismo, entendendo-se ótimamente com todas as potencias capitalistas. De Roma, que se diz piedosa e cristã, saem as hordas de conquistadores para a mais absurda das guerras. A Alemanha hitlerista expulsa Einstein, dentro de suas preocupações de racismo. Nas republicas sul-americanas, ha movimento de comercio com a Internacional Armamentista. Na Inglaterra, o "Intelligence Service" fomenta o dissidio e a discordia nas suas cogitações imperialistas. A Espanha embriaga-se no desvairamento da guerra civil. Em toda parte, bebe-se um vinho de ruina e de morte e, entre os homens atordoados, sopra um furacão maligno de arrazamentos.

Os sociólogos vêem as suas atividades cir-

cunscritas ao castelo maravilhoso das palavras, porque os homens estão entregues ao seu infelizmente destino.

Não valeu o esforço dos espiritos avançados na solução das incognitas científicas, porquanto todas as descobertas destes ultimos tempos são brinquedos terriveis na mente infantil dessa civilização que se desenvolveu sem a educação individual.

A verdade é que o homem está vivendo para destruir o homem.

Um dos pensadores modernos, contemplando o aspecto doloroso da actualidade, concluiu tristemente que, se o homem contemporaneo considera natural o extermínio de mulheres e crianças nos ultimos movimentos belicos do planeta, não será extraordinario, daqui a alguns anos, que os homens se devorem uns aos outros. De facto, a criatura humana parece regredir á noite escura e misteriosa das suas origens. Todavia, o estudo psicologico dessa situação nos conduz a muitas reflexões sobre as suas causas profundas, e concluímos que os homens actuais são mais infelizes que reversos. O que se intensificou em toda parte da Terra, arruinando os sectores da actividade humana, foi aquella crise espiritual a que Gandhi se refere em suas exortações. O Ocidente poderia salvar-se conservando o equilibrio do mundo se o Cristianismo, em sua simplicidade

e pureza, não fôsse deturpado pelas igrejas mercenárias. A moral cristã teria fatalmente de evoluir para a simplificação suprema da vida, se os religiosos não a tivessem asfixiado no carcere estreito de suas cogitações politico-sociais. E o resultado de tão nefastos empreendimentos é a actualidade dos homens, inçada de morticínios e crivada de dores.

Contudo, ha uma providencia misericordiosa acompanhando os surtos evolutivos da Terra e, na hora justa dos abalos sociais de toda natureza, os tumulos se encham de vozes e de revelações consoladoras, realizando profecias.

Fascismo, ditaduras para o proletariado, falsas democracias, terão de desaparecer nos fragores da luta, para que a politica espiritualista inaugure o direito novo, a lei nova, controladores de todos os fenomenos da economia dos povos. O homem compreenderá então a necessidade de um imperativo de paz, solidario com o progresso espiritual dos outros mundos.

E' objetivando a construção do edificio da concordia universal sobre a base da educação de cada personalidade e de leis economicas que façam desaparecer para sempre o quadro doloroso da miseria e da fome, que os mortos voltam para falar aos encarnados, no turbilhão escuro de suas vidas.

Num dos seus ultimos artigos na impren-

sa de Paris, Mauricio Maeterlinck considerava erroneamente: — “Estes mortos que sobrevivem parecem bem fracos, bem precarios e bem miseraveis. Lembram os fantasmas vaporesos, arrebatados pelos turbilhões no inferno do grande poeta florentino. Preguiçosos, desamparados, exangues, nada mais tendo a fazer, não persistem eles senão á escuta de uma voz da Terra? E’ essa a prova de sua sobrevivencia e, se sobrevivem realmente, não poderão realizar outra coisa? Recomeçam a viver? ou acabam de morrer?”

Maeterlink, porém, não conseguiu uma visão exata das atividades dos que já partiram das fadigas da luta material. Dentro das preocupações do *high-life*, não viu a multidão das criaturas consoladas pela confortadora Doutrina dos Espiritos e nem logrou compreender que os mortos não podiam começar por onde os vivos acabaram. Os homens terminaram sua luta na organização exclusivista, na ciencia presunçosa e na suposta infalibilidade. Mas, os mortos iniciam a sua cruzada junto dos que sofrem e dos que raciocinam.

E, de você, Maria Lacerda, que vive espiritualmente na vanguarda dos tempos, nós esperamos um grande coeficiente de fôrças em favor do nosso triunfo na alma das massas. A sua acurada percepção póde reconhecer a vigorosa andaimaria do edificio do porvir, pois

não está longe o dia em que os homens se cansarão de lutar uns com os outros, espalhando a miseria e o exterminio. Os lobos famintos da civilização armamentista ficarão sob os escombros fumegantes de suas grandezas, e a alma cristã cantará a glória dos pacificos e dos bem-aventurados.

Você, Maria Lacerda, tem muito que fazer.

Decuplique as suas energias e as suas esperanças.

A sua palavra é a da rainha de Halicarnasso.

Reuna com o seu esforço todos os guerreiros inativos e vamos lutar.

24 de Julho de 1936.

PEDRO, O APOSTOLO

Enquanto a capital dos mineiros, dirigida pelos seus elementos eclesiasticos se prepara, esperando as grandes manifestações de fé do segundo Congresso Eucarístico Nacional, chegam os turistas elegantes e os peregrinos invisíveis. Também eu quis conhecer de perto as atividades religiosas dos conterraneos de Augusto de Lima.

Na praça Raul Soares, espaçosa e ornamentada, vi o monumento dos congressistas elevando-se em fôrma de altar, onde os atos religiosos serão celebrados. No tope a custódia, rodeada de arcanjos petrificados, guardando o simbolo suave e branco da eucaristia, e, cá em baixo, nas linhas irregulares da terra, as acomodações largas e fartas, de onde o povo assistirá, comovido, ás manifestações de Minas católica.

Foi nesse ambiente que a figura de um homem trajado á israelita, lembrando alguns tipos que em Jerusalém se dirigem, frequente-

mente, para o lugar sagrado das lamentações, aguçou a minha curiosidade incorrigível de jornalista.

— Um Judeu?! — exclamei, aguardando as novidades de uma entrevista.

— Sim, fui Judeu ha algumas centenas de anos — respondeu laconicamente o interpelado.

Sua réplica exaltou a minha bisbilhotice e procurei atrair a atenção do singular personagem.

— Vosso nome? — continuei.

— Simão Pedro.

— O Apostolo?

E a veneranda figura respondeu afirmativamente, colando ao peito os cabelos respeitáveis da barba encanecida.

Surpreso e sedento da sua palavra, contemplei aquela figura hebraica, cheia de simplicidade e simpatia. Ao meu cerebro afluíam dezenas de perguntas, sem que pudesse coordenar-las devidamente.

— Mestre — disse-lhe por fim — vossa palavra tem para o mundo um valor inestimavel. A cristandade nunca vos julgou acessível na face da Terra, acreditando que vos conservaveis no Céu, de cujas portas resplandescentes guardaveis a chave maravilhosa. Não teríeis algumas mensagens do Senhor para transmitir á Humanidade, neste momento angustioso que as criaturas estão vivendo?

E o Apostolo veneravel, dentro da sua expressão resignada e humilde, começou a falar:

— Ignoro a razão por que revestiram a minha figura, na Terra, de semelhantes honrarias. Como homem não fui mais que um obscuro pescador da Galiléia e, como discipulo do Divino Mestre, não tive a fé necessaria nos momentos oportunos. O Senhor não poderia, portanto, conferir-me privilegios, quando amava todos os seus apóstolos com igual amor.

— E' conhecida, na história das origens do Cristianismo, a vossa desinteligencia com Paulo de Tarso. Tudo isso é verdadeiro?

— De alguma fórma, tudo isso é verdade — declarou bondosamente o Apostolo. — Mas, Paulo tinha razão. Sua palavra energica evitou que se criasse uma aristocracia injustificavel, que, sem ele, teria de desenvolver-se fatalmente entre os amigos de Jesus, que se haviam retirado de Jerusalém para as regiões da Batanéia.

— Nada desejais dizer ao mundo sobre a autenticidade dos Evangelhos?

— Expressão autêntica da biografia e dos atos do Divino Mestre, não seria possível acrescentar qualquer coisa a esse livro sagrado. Muita iniquidade se tem verificado no mundo em nome do estatuto divino, quando todas as hipocrisias e injustiças estão nele sumariamente condenadas.

— E no capítulo dos milagres?

— Não é propriamente milagre o que caracterizou as ações práticas do Senhor. Todos os seus atos foram resultantes do seu imenso poder espiritual. Todas as obras a que se referem os Evangelistas são profundamente verdadeiras.

E, como quem retrocede no tempo, o apóstolo monologou:

— Em Cafarnaum, perto de Genesaré, e em Betsaida, muitas vezes acompanhei o Senhor nas suas abençoadas peregrinações. Na Samaria, ao lado de Cesaréia de Felipe, vi suas mãos carinhosas dar vista aos cegos e consolação aos desesperados. Aquele só claro e ardente da Galiléia ainda hoje ilumina toda a minha alma e, decorridos tantos seculos depois de minhas lutas no mundo, ao lado de alguns companheiros procuro reivindicar para os homens a vida perfeita do Cristianismo, com o advento do Reino de Deus, que Jesus desejou fundar, com o seu exemplo, em cada coração...

— Os filosofos terrenos são quasi unanimes em afirmar que o Cristo não conhecia a evolução da ciencia grega, naquela época, e que as suas parabolás fazem supôr a sua ignorancia acerca da organização politica do Imperio Romano: seus apólogos falam de reis e príncipes que não poderiam ter existido.

— A ação do Cristo — retrucou o aposto-

lo — vai mais longe que todas as atividades e investigações das filosofias humanas. Cada seculo que passa imprime um brilho novo á sua figura e um novo fulgor ao seu ensinamento. Ele não foi alheio aos trabalhos do pensamento dos seus contemporaneos. Naquele tempo, as teorias de Lucrecio, expendidas alguns anos antes da obra do Senhor, e as lições de Philon em Alexandria, eram muito inferiores ás verdades celestes que Ele vinha trazer á Humanidade atormentada e sofredora...

E, quando a figura veneranda de Simão parecia prestes a prosseguir na sua jornada, inquiri, abruptamente:

— Qual o vosso objetivo, atualmente, no Brasil?

— Venho visitar a obra do Evangelho aqui instituida por Ismaél, filho de Abrahão e de Agar, e dirigida dos espaços por abnegados apóstolos da fraternidade cristã.

— E estais igualmente associado ás festas do segundo Congresso Eucaristico Nacional? — perguntei.

Mas, o bondoso Apostolo expressou uma atitude de profunda incompreensão, em ouvindo as minhas derradeiras palavras.

Foi quando, então, lhe mostrei o rico monumento festivo, as igrejas enfeitadas de ouro, os movimentos de recepção aos prelados, exclamando ele, afinal:

— Não, meu filho!... Esperam-me longe destas ostentações mentirosas os humildes e os desconsolados. O Reino de Deus ainda é a promessa para todos os pobres e para todos os aflitos da Terra. A igreja romana, cujo chefe se diz possuidor de um trono que me pertence, está condenada no proprio Evangelho, com todas as suas grandezas bem tristes e bem miseraveis. A cadeira de São Pedro é para mim uma ironia muito amarga... Nestes tempos faustosos não ha lugares para Jesus, nem para os seus continuadores...

— E que sugeris, Mestre, para esclarecer a verdade?

Mas, nesse momento, o Apostolo venerando enviou-me um gesto compassivo e piedoso, continuando o seu caminho, depois de amarrar, resignadamente, o cordão das sandalias.

25 de Agosto de 1936.

O GRANDE MISSIONARIO

Com as demais criaturas terrenas, o grande missionario de Lyon, que se chamou Hipolite Rivail, ou Allan Kardec, foi tambem catalogado em 3 de outubro de 1804, nas estatisticas humanas, em retomando um organismo de carne para cumprimento de sua maravilhosa tarefa.

Cento e trinta e dois anos são passados sobre o acontecimento e o apóstolo francês é lembrado, carinhosamente, na memória dos homens.

Professor dedicado ao seu grandioso ideal de edificar as almas, discipulo eminente de Pestalozzi, Allan Kardec trazia, desde o início de sua mocidade, a paixão pelas utilidades das coisas do espirito.

Suas obras didaticas estão cheias de amor a esse apostolado. Até depois dos 50 anos, sua palavra confortadora e sábia dirigiu-se ás escolas, seus fosfatos foram consumidos nos mais nobres labores do intellecto, em favor da for-

mação da juventude; suas mãos de benfeitor edificaram o espirito da infancia e da mocidade de sua patria. Sua vida de homem está repleta de grandes renúncias e sublimes dedicações. Nunca os insultos e as ações dos traidores lhe entibiaram o animo de soldado do bem. Os espinhos das estradas do mundo não lhe trucidaram o coração temperado no aço da energia espiritual e no ouro das convicções sadias que lhe povoaram toda a existencia.

Recordando a beleza perfeita dos planos intangiveis que vinha de deixar para cumprir na Terra a mais elevada das obrigações de um missionario, sob as vistas amoveis de Jesus, Allan Kardec fez da sua vida um edificio de exemplos enobrecedores, esperando sempre a ordem do Mestre Divino para que as suas mãos intrépidas tomassem a charrúa das ações construtoras e edificantes.

Só depois dos 50 anos a sua personalidade adquiriu a precisa preponderancia e sua atividade o desdobramento necessario, prestigian-do-se a sua tarefa na codificação do Espiritismo, que vinha trazer á humanidade uma nova luz para a solução do amargo problema do destino e da dor. Ninguem como ele compreendeu tanto a necessidade da intervenção das forças celestes para que as conquistas do pensamento humano, sintetizadas no surto das civilizações, não se perdessem na noite dos materialismos

dissolventes. Ele sentiu, refletindo as poderosas vibrações do Alto, que os seus contemporaneos preparavam a extinção de toda a crença e de toda a esperança que deveriam fortalecer o espirito humano nas dolorosas transições do seculo XX. As especulações filosoficas e scientificas de Comte, Virchow, Buchner e Moleschot, aliadas ao sibaritismo dos religiosos, teriam eliminado fatalmente a fé da humanidade no seu glorioso porvir espiritual, em todos os sectores da civilização do ocidente, se o missionario de Lyon não viesse trazer aos homens a cooperação da sua renúncia e dos seus abençoados sacrificios.

Quando Jesus desceu um dia á Terra para oferecer ás criaturas a dádiva da sua vida e do seu amor, seus passos foram precedidos pelos de João Batista, que aceitara a tarefa terrível de precursor, experimentando todos os martirios no deserto. O Consolador prometido á Terra pelo coração misericordioso do Divino Mestre, e que é o Espiritismo, teve o sacrificio de Allan Kardec, — o precursor da sua gloriosa disseminação no peito atormentado das criaturas humanas. Seu retiro não foi a terra brava e estéril da Judéia, mas o deserto de sentimentos das cidades tumultuosas; no borbórinho das atividades dos homens, no turbilhão das suas lutas, ele experimentou na alma, muitas vezes, o fêl do apôdo e do insulto dos

malevolentes e dos ingratos. Mas, sua obra aí ficou como o roteiro maravilhoso do país abençoado da redenção. Espiritos eminentes foram ao mapa de suas atividades para conhecerem melhor o caminho. Flammarion se embriaga no perfume ignorado dessas terras misteriosas do novo conhecimento, descobertas pela sua operosidade de instrumento do Senhor, e apresenta ao mundo as suas novas teorias cosmologicas, enchendo a fria matemática astronomica de singular beleza e suave poesia. Sua obra — "*Les Forces Naturelles Inconnues*" é um caminho aberto ás indagações scientificas que teriam mais tarde, com Richet, mais amplos desenvolvimentos. Gabriel Delanne e Léon Denis se inflamam de entusiasmo diante das obras do mestre e ensaiam a filosofia espiritualista, inaugurando uma nova época para o pensamento religioso, alargando as perspectivas infinitas da ciencia universal.

E, desde os meados do seculo que passou, a figura de Kardec se eleva cada vez mais no conceito dos homens. O interesse do mundo pelas suas obras pôde ser conhecido pelo numero de edições dos seus livros, e, na hora que passa, cheia de nuvens nos horizontes da Terra e de amargas apreensões no seio de suas criaturas, nenhuma homenagem ha, mais justa e mais merecida, do que essa que se prepara em todos os recantos onde a consoladora doutrina

do Espiritismo plantou a sua bandeira, como preito de admiração ao seu ilustre e benemérito codificador.

O Brasil evangelico deve orgulhar-se das comemorações que levará a efeito, lembrando a personalidade inconfundível do grande missionario francês, porque a obra mais sublime de Allan Kardec foi a reedificação da esperança de todos os infelizes e de todos os infelizes do mundo, no amor de Jesus Cristo.

Conta-se que, logo após a sua desencarnação, quando o corpo ainda não havia baixado ao Père Lachaise para descansar á sombra do dolmen dos seus valorosos antepassados, uma multidão de Espiritos veio saudar o mestre no limiar do sepulcro. Eram antigos homens do povo, sêres infelizes que ele havia consolado e redimido com as suas ações prestigiosas, e, quando se entregavam ás mais santas expansões affectivas, uma lampada maravilhosa caiu do céu sobre a grande assembléia dos humildes, iluminando-a com uma luz que, por sua vez, era formada de expressões do seu "Evangelho segundo o Espiritismo", ao mesmo tempo que uma voz poderosa e suave dizia do Infinito:

— Kardec, regosija-te com a tua obra! A luz que acendeste com os teus sacrificios na estrada escura das descrenças humanas vem felicitar-te nos pórticos misteriosos da Imor-

talidade... O méi suave da esperança e da fé que derramaste nos corações soffredores da Terra, reconduzindo-os para a confiança na minha misericordia, hoje se entorna em tua propria alma, fortificando-te para a claridade maravilhosa do futuro. No Céu estão guardados todos os prantos que choraste e todos os sacrificios que empreendeste... Alegra-te no Senhor, pois teus labores não ficaram perdidos. Tua palavra será uma benção para os infelizes e desafortunados do mundo, e ao influxo de tuas obras a Terra conhecerá o Evangelho no seu novo dia!..."

Acrescenta-se, então, que grandes legiões de Espiritos eleitos entoaram na Imensidade um hino de hosanas ao homem que organizara as primicias do Consolador para o planeta terreno e que, escoltado pelas multidões de sêres agradecidos e felizes, foi o mestre em demanda das esferas luminosas, receber a nova palavra de Jesus.

* * *

Kardec! eu não te conheci e nem te poderia entender na minha condição de homem perverso da Terra, mas recebe, no dia em que o mundo lembra, comovido, a tua presença entre os homens, o preito da minha amizade e da minha admiração.

28 de Setembro de 1936.

A LENDA DAS LAGRIMAS

Rezam as lendas bíblicas que o Senhor, após os seis dias de grandes atividades da criação do mundo, arrancado do cáos pela sua sabedoria, descansou no sétimo para apreciar a sua obra.

E o Criador via os portentos da criação, maravilhado de paternal alegria. Sobre os mares imensos vojavam as aves alegres; nas florestas espessas desabrochavam flores radiantes de perfumes, enquanto as luzes, da imensidade, clarificavam as apoteóses da natureza, resplandecendo no Infinito para louvar-lhe a glória e lhe exaltar a grandeza.

Jeová, porém, logo após a queda de Adão e depois de expulsá-lo do paraíso, afim-de que ele procurasse na Terra o pão de cada dia com o suor do trabalho, recolheu-se entristecido aos seus imensos impérios celestiais, repartindo a sua obra terrena em departamentos diversos, que confiou ás potências angelicas.

O Paraíso fechou-se então para a Terra,

que se viu isolada no seio do Infinito. Adão ficou sobre o mundo, com a sua descendencia amaldiçoada, longe das belezas do éden perdido e no lugar onde se encontravam as grandiosidades divinas, não se viu mais que o vácuo levemente azulado da atmosfera.

E o Senhor, junto dos Serafins, dos Arcanjos e dos Tronos, na sagrada curúl da sua misericórdia, esperou que o tempo passasse. Escoavam-se os anos, até que um dia o Criador convocou os Anjos a que confiára a gestão dos negócios terrestres, os quais lhe deviam apresentar relatórios precisos, acerca dos varios departamentos de suas responsabilidades individuais. Prepararam-se no Céu festas maravilhosas e alegrias surpreendentes para esse movimento de confraternização das fôrças divinas e, no dia aprazado, ao som de musicas gloriosas, chegavam ao Paraíso os poderes angelicos encarregados da missão de velar pelo orbe terreno. O Senhor recebeu-os com a sua benção, do alto do seu trono bordado de lírios e de estrelas, e, diante da atenção respeitosa de todos os circunstantes, falou o Anjo das Luzes:

— “Senhor, todas as claridades que criastes para a Terra continuam refletindo as benções da vossa misericórdia. O sól ilumina os dias terrenos com os resplendores divinos, vitalizando todas as coisas da natureza e repar-

tindo com elas o seu calor e a sua energia. Nos crepúsculos, o firmamento recita os seus poemas de estrelas e as noites são ali clarificadas pelos raios tênues e puros dos plenilúnios divinos. Nas paisagens terrestres todas as luzes evocam o vosso poder e a vossa misericórdia, enchendo a vida das criaturas de claridades benditas!...

Deus abençoou o Anjo das Luzes, concedendo-lhe a faculdade de multiplica-las na face do mundo.

Depois, veio o Anjo da Terra e das Aguas, exclamando com alegria:

— “Senhor, sôbre o mundo que criastes, a terra continua alimentando fartamente todas as criaturas; todos os reinos da natureza retiram dela os tesouros sagrados da vida e as aguas, que parecem constituir o sangue bendito da vossa obra terrena, circulam no seu seio imenso, cantando as vossas glórias incensuráveis. Os mares falam com violencia, afirmando o vosso poder soberano e os regatos macios dizem, nos silvedos, da vossa piedade e brandura. As terras e as aguas do mundo são plenas afirmações da vossa magnífica complacência!...”

E o Criador agradeceu as palavras do seu servidor fiél, abençoando-lhe os trabalhos.

Em seguida, falou, radiante, o Anjo das Arvores e das Flores:

— “Senhor, a missão que concedestes aos vegetais da Terra vem sendo cumprida com sublime dedicação. As arvores oferecem sua sombra, seus frutos e utilidades a todas as criaturas, como braços misericordiosos do vosso amor paternal, estendidos sobre o solo do planeta. Quando maltratadas, sabem ocultar suas angustias, prestando sempre, com abnegação e nobreza, o concurso da sua bondade á existencia dos homens. Algumas como o sandalo, quando dilaceradas, deixam extravasar de suas feridas taças invisíveis de aroma, balsamizando o ambiente em que nasceram... E as flores, meu Pai, são piedosas demonstrações das belezas celestiais nos tapetes verdoengos da terra inteira. Seus perfumes falam, a todos os momentos, da vossa magnanimidade e sabedoria...”

E o Senhor, das culminancias do seu trono radioso abençoou o seu servo fiél, facultando-lhe o poder de multiplicar a beleza e as utilidades das arvores e das flores terrestres.

Logo após, falou o Anjo dos Animais, apresentando a Deus um relato sincero, a respeito da vida dos seus subordinados:

— “Os animais terrestres, Senhor, sabem respeitar as vossas leis, acatar a vossa vontade. Todos vivem em harmonia com as disposições naturais da existencia que a vossa sabedoria lhes traçou. Não abusam de suas

faculdades procriadoras e têm uma época própria para o desempenho dessas funções, consoante os vossos desejos. Todos têm a sua missão a cumprir e alguns deles se colocaram, abnegadamente, ao lado do homem, para substituí-lo nos mais penosos mesteres, ajudando-o a conservar a saúde e a buscar no trabalho o pão de cada dia. As aves, Senhor, são turbidos alados, incensando, do altar da natureza terrestre, o vosso trono celestial, cantando as vossas grandezas ilimitadas. Elas se revesam constantemente, para vos prestarem essa homenagem de submissão e de amor, e enquanto algumas cantam durante as horas do dia, outras se reservam para as horas da noite, de modo a glorificarem-se incessantemente as belezas admiráveis da Criação, louvando-se a sabedoria do seu Autor Inimitável.”

E Deus, com um sorriso de júbilo paternal, derramou sobre o seu dedicado mensageiro as vibrações do seu divino agradecimento.

Foi quando, então, chegou a vez da palavra do Anjo dos Homens. Taciturno e entre angústias, provocando a admiração dos demais, pela sua consternação e pela sua tristeza, exclamou cumpungidamente:

— “Senhor!... ai de mim! enquanto meus companheiros vos podem falar da grandeza com que são executados os vossos decretos

na face do mundo, pelos outros elementos da Criação, não posso afirmar o mesmo dos homens... A descendência de Adão se perde num labirinto de lutas criado por ela mesma. Dentro das possibilidades do seu livre arbitrio, é engenhosa e sutil a inventar todos os motivos para a sua perdição. Os homens já criaram toda sorte de dificuldades, desvios e confusões para a sua vida na Terra. Inventaram, ali, a chamada propriedade sobre os bens que vos pertencem inteiramente, e dão curso a uma vida abominável de egoísmo e ambição pelo domínio e pela posse; toda a Terra está dividida indêbitamente, e as criaturas humanas se entregam á tarefa absurda da destruição das vossas leis grandiosas e eternas. Segundo o que observo no mundo, não tardará que surjam os movimentos homicidas entre as criaturas, tal a extensão das ansias incontidas de conquistar e possuir...”

O Anjo dos Homens, todavia, não conseguiu continuar. Convulsivos soluços embargaram-lhe a voz; mas, o Senhor, embora amargurado e entristecido, desceu generosamente do sólio de magnificências divinas e, tomando-lhe as mãos, exclamou com bondade:

— A descendência de Adão ainda se lembra de mim?

— Não, Senhor!... Desgraçadamente, os

homens vos esqueceram... murmurou o Anjo com amargura.

— Pois bem, — replicou o Senhor paternalmente — essa situação será remediada!...

E, alçando as mãos generosas, fez nascer ali mesmo, no Céu, um curso de aguas cristalinas e, enchendo um cantaro com essas pérolas liquefeitas, entregou-o ao seu ultimo servidor, exclamando:

— “Volta á Terra e derrama no coração de seus filhos este licor celeste, que chamarás de agua das lagrimas... Seu gôsto tem ressaibos de fêl, mas esse elemento terá a propriedade de fazer com que os homens me recordem, lembrando-se da minha misericórdia paternal... Se eles sofrem e se desesperam pela posse efêmera das coisas atinentes á vida terrestre, é porque me esqueceram, olvidando a sua origem divina.”

E desde esse dia o Anjo dos Homens derrama na alma atormentada e aflita da humanidade a agua bendita das Lagrimas remissoras; e desde essa hora, cada criatura humana, no momento dos seus prantos e das suas amarguras, nas dificuldades e nos espinhos do mundo, recorda, instintivamente, a paternidade de Deus e as alvoradas divinas da vida espiritual.

27 de Novembro de 1936.

CARTA ABERTA AO SR. PREFEITO DO RIO DE JANEIRO

Sr. Prefeito do Distrito Federal. Dirirome á V. Exa. para ponderar um dos ultimos atos de sua administração na velha cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, não obstante as minhas condições de jornalista desencarnado, e apesar do estado de guerra vigente no país.

Todavia, declinando essas circunstancias, devo confessar, em defesa do meu gesto, que minha palavra humilde não visa nenhum instituto politico ou social do Brasil, para fixar-se somente na questão de humanidade.

E' uma verdade incontestante que S. Exa. se torna duplamente respeitavel, não só pela sua condição de autoridade suprema de uma cidade em que palpitam seguramente dois milhões de corações humanos, como tambem pela sua qualidade de sacerdote, e é talvez por isso que a minha ponderação se faz um tanto mais grave.

Não lhe venho falar dos inqueritos admi-

nistrativos nos departamentos publicos, afetos á sua autoridade, e sim dizer-lhe do seu ato pessoal, opondo o véto á subvenção de cinquenta contos, concedida pelos seus antecessores ao Abrigo Tereza de Jesus, instituição veneravel que um punhado de espirítistas abnegados fundou no Rio, ha alguns anos, e que todos os cariocas se habituaram a admirar, com o seu apoio e com o seu respeito.

A attitude de V. Exa. é estranhavel, não só em face da sua condição de ministro da igreja católica, como pelo seu conhecimento acerca das miserias da nossa urbs, que os apaixonados do samba brasileiro apelidaram de cidade maravilhosa.

Cincoenta contos, Sr. Prefeito, como subvenção a uma instituição dessa natureza, que já conseguiu afastar dos antros viciosos algumas centenas de criaturas infundindo-lhes a noção do dever social, civico e humano, modelando heróis para os combates com as adversidades terrenas, representa uma percentagem muito mesquinha em face das verbas despendidas com as obras suntuarias dos serviços publicos.

Antes de regressar desse mundo, onde perdi todas as illusões e todas as esperanças, com respeito á objetivação de uma sociedade organizada na base dos verdadeiros interesses cristãos, muitas vezes deixei escapar do peito

dilacerado o meu grito de dor pela nossa infancia desvalida. Enquanto os governos instituíam as mais grossas subvenções para as festas carnavalescas e para a propaganda turistica do Brasil no estrangeiro, via eu as nossas crianças desamparadas, doentes e esqueléticas, extendendo a mão mirrada á piedade das pragas publicas. Se as dores não me viessem sufocar tão cêdo os sagrados entusiasmos do coração, teria objetivado um largo movimento intelectual em favor da instituição do livro e do pão para o menino dos nossos morros, onde com as vozes inocentes do samba se misturam os gemidos de todas as miserias.

Veja pois, Excelencia, a necessidade de se subvencionarem, e largamente, todas as iniciativas sociais que se organizem para proteger a criança desamparada, que virá a ser o homem de amanhã. Nestes tempos de negro materialismo que parece invadir todos os institutos criados com o rótulo da civilização cristã, as autoridades legalmente constituídas têm de colocar os interesses humanos acima de todos os preconceitos sociais e religiosos. Seu coração de administrador e de cristão possui uma vasta experiencia desses assuntos, sendo desnecessario que a minha palavra lhe encareça a inoportunidade do seu véto pessoal a esse auxílio financeiro á instituição referida, que é um admiravel nucleo cultural do Rio de Janeiro,

onde se criam as células sadias do organismo coletivo de amanhã.

S. Exa. não ignora que todas as questões transcendentais, apresentadas como insolúveis às vistas dos sociólogos modernos, complicando o mecanismo da vida dos povos, são de natureza educativa. Os problemas brasileiros são quasi todos dessa ordem. Bem sabe que, mesmo em nossa história, existem paginas que implicam em si a veracidade do que afirmamos. Não se lembra da luta armada de Canudos, onde pereceram tantas energias da mocidade brasileira? O resultado dessa campanha seria outro, se em vez da primeira expedição militar mandássemos para ali uma dúzia de professores. As armas a serem detonadas naquele ambiente sertanejo deveriam ser as do alfabeto, como asseverava o nosso Euclides. O bandidismo do Nordeste, as falanges de Lampeão, as multidões místicas e delinquentes que, de vez em quando, surgem no quadro mesológico da nossa evolução coletiva, são problemas do livro e mais nada.

Desejaria, pois, o Sr. Prefeito do Distrito Federal absorver-se no partido político, nas intrigas de gabinete, nas homenagens dos louvaminheiros da autoridade pública, esquecendo-se da parte mais importante de suas atribuições, junto às coletividades do seu país?

Não acreditamos, igualmente, que o seu

ato seja o fruto de uma represalia à atitude desassombrada de criaturas estudiosas, que tentam elucidar as questões da igreja católica, da qual sois um dedicado servidor. A luta é de principios e não de personalidades; e esse combate ideológico é indispensável, nos bastidores em que se processa a evolução das consciências e das doutrinas. E, para todos os combatentes, irmanados no mesmo idealismo do Evangelho, deverá existir, indubitavelmente, um traço de união acima de todas as polemicas e de todas as controversias, que é o da fraternidade do Cristo. Um homem ou uma instituição podem crescer no conceito das coletividades pelas suas conquistas, pelos seus poderes transitórios, pela sua fortuna, mas serão sempre assinalados pela ilusão, se lhes faltarem os principios humanos da caridade.

Conta-se aqui, Sr. Prefeito, que um dia quis o Senhor reunir sob os seus olhos todos os sábios que chegavam da Terra. Teólogos eminentes, filosofos, artistas do pensamento e da ação, matemáticos, géometras e literatos illustres.

— “Senhor, dizia um deles, eu ampliei a técnica dos homens, no problema das ciencias...”

— “Eu, repetia outro, procurei imprimir uma fase nova às letras do mundo...”

— “Minha vida, Senhor, exclamava ainda

outro, foi toda empregada no laboratório, em favor da humanidade..."

Mas o Senhor replicou-lhes na sua misericórdia:

— "Todas as vossas ciencias são respeitáveis, mas valerão muito pouco se não tiverdes caridade. Toda a sabedoria sem a bondade é como luz que não aquece, ou como flor que não perfuma... A questão da felicidade humana está claramente resolvida na prática do meu Evangelho, como a solução algébrica define os vossos problemas de matemática. O Reino do Céu ainda é a mansão prometida aos simples e pobres da Terra, que vêm a mim isentos de soberba e de vaidade!..."

Aqui, Sr. Prefeito, não se mede o espirito pela posição que haja ocupado no mundo. A indumentaria nada representa para as leis sábias e justas da espiritualidade. Não obstante os seus conhecimentos teológicos, não se esqueça de que os manuais dos santos são compendios de teorias da Terra. A prática é bem outra e é desta que voltamos para lhe falar dos argumentos mais firmes.

Aproveite a oportunidade que Jesus lhe colocou em mãos e reconsidere o seu ato, reparando-o. Sua memoria será então abençoada pela infancia brasileira, votada ao desamparo pelos nossos politicos, que cuidam durante a vida inteira dos seus interesses e dos seus elei-

torados. E, um dia, quando não for mais o Sr. Prefeito Municipal e sim o nosso irmão Olímpio, seu coração ha de sentir nos mais reconditos refolhos, a suavidade das mãos veludosas do Jardineiro Divino, plantando os lirios perfumados da paz nas profundezas do seu mundo íntimo. E, quando essas flores distilarem nos seus olhos o aroma bendito das lagrimas de gratidão e reconhecimento, uma voz branda e suave murmurará aos seus ouvidos: — :Guarda, meu filho, a minha recomendação. Regosija-te no Senhor, pois que foste meu servo e tiveste caridade!..."

18 de Dezembro de 1936.

A PAZ E A CARIDADE

Os grandes Espiritos que, sob a tutela amorosa de Jesus dirigem os destinos da Humanidade, reuniram-se ha pouco tempo, nos planos da erraticidade, para discutirem o método de se estabelecer o Genio da Paz na face da Terra.

A essa assembléa de sábios das coisas espirituais e divinas, compareceram anciãos da sociedade de Marte, estudiosos de Saturno, cientistas e apostolos de Jupiter e outros representantes da vida do nosso sistema solar.

Estudaram, reunidos, todos os séculos passados, esmerilhando a antiguidade egipcia, as éras classicas, o imperio romano, o advento do Cristianismo, os tempos apostólicos, a idade média, a revolução francêsa, o progresso científico e filosófico do seculo XIX e a ultima experiencia dolorosa das criaturas humanas, em 1914, concluindo que, depois de tantas lições sábias e justas, a humanidade terrestre estaria preparada para receber em seu seio o Genio

da Paz, edificando-lhe um templo no coração atormentado e sofredor. E os mentores dos destinos humanos deliberaram aceitar unanimemente essa hipótese, marcando, porém, um dia para nova reunião coletiva, afim-de ouvirem o Mensageiro da Paz, que partiria para a tarefa de investigar todos os elementos ao seu alcance, para a consecução desse grandioso projeto.

E o mensageiro partiu.

Deixava os seus penates celestes cheios de harmonias e de carícias maravilhosas. O sistema solar era todo uma lira de luz, desferindo um cantico de glorificação a Deus no infinito dos espaços. Saturno com as suas luas e com os seus anéis rutilantes, Marte com os seus satélites graciosos, Venus com a sua vida primária, enchendo o Céu de perfumes e as estradas aéreas formadas no éter delicioso, alcatifadas de estrelas e flores evanescentes.

Após atravessar essa região de belezas indefiniveis e, depois de penetrar as camadas de ozone que revestem as massas atmosféricas do orbe terrestre, colocando as criaturas vivas a salvo dos raios desconhecidos e mortiferos do espectro solar, o Mensageiro sentiu-se oprimido sob uma atmosfera de fumo sufocante, e, em breve, estudava a situação de todos os países para colher notícias necessarias aos seus superiores, dos planos espirituais.

No dia aprazado, comparecia, torturado e abatido, á presença dos seus maiores.

Os anciãos veneráveis, que haviam deliberado sua vinda ao planeta terreno, esperavam-no com expectativas promissoras. Mas, o nobre expedicionario começou a expôr as suas opiniões sem ótimismo e sem esperança:

— “Senhores, começou dizendo, nossas previsões não se realizaram. A Terra toda, na actualidade, é um perigoso rastilho de polvora. Todas as nações estão prontas para a guerra. A luta, ali, é um produto inevitavel dos labores ideológicos das criaturas humanas. Procurei um lugar onde fôsse possível estabelecer as minhas actividades, sem encontrar elementos para êsse fim, em parte alguma. Debalde tentei sobrepôr as minhas influências nos gabinetes públicos, nas doutrinas da coletividade, ou no santuario dos corações. Os homens ainda não conseguem entender nossos alvitres e conselhos. Nenhum deles cuida da necessidade de paz, com sinceridade e desinteresse. Alguns falam em meu nome, para levantarem recompensas e honorarias nos torneios politicos, ou literarios. Desgraçadamente, porém, não podem prescindir das necessidades negras da guerra!”

Verificou-se, na assembléia augusta e respeitavel, um movimento penoso de assombro.

Ali se encontravam Espiritos directores de

povos, de raças, e de todos os ideais que nobilitam a humanidade.

E os antigos genios, inspiradores das raças eslavas e germanicas, solicitaram notícias dos seus subordinados, mas a entidade amiga respondeu com franqueza:

— “Os povos que se acham sob a vossa carinhosa tutela vivem a fase terrivel do mais desenfreado armamentismo. A Alemanha já reocupou a Renania, readquirindo, igualmente, o territorio do Sarre e preparando-se para reconquistar o seu imperio colonial. Antevendo as grandes guerras que se aproximam, os alemães estão aproveitando todas as suas capacidades inventivas na criação de novos elementos de destruição, nas industrias belicas.

Seus zepelins atravessam todos os continentes do mundo, a pretexto de turismo, estudando a situação topográfica dos outros países, arquitetando um novo sonho de imperialismo internacional. Com a teoria do racismo, ela procura levantar o plano nefasto da sua hegemonia no globo, criando toda a espécie de aparelhos para o dominio do mundo. A Russia prepara-se, inventando novos engenhos para a industria da guerra, arrancando o suor dos seus filhos para fomentar a sua ideologia politica na face da Terra, incentivando revoltas e sacrificando corações. A Polonia gasta, na actualidade, um terço dos orçamentos com as

fôrças armadas e todas as outras pequenas nacionalidades, que floresceram nas margens do Danúbio, não escondem a sua posição na corrida armamentista destes últimos tempos, fortificando-se para as lutas do porvir...”

El vieram os genios inspiradores das raças latinas, obtendo a mesma resposta:

— “A França e a Italia, prosseguiu o embaixador solícito, que foram sempre as nações diretoras do pensamento da latinidade, estão entregues a todos os desregramentos das indústrias da guerra. A primeira, dominada pelas obrigações de ordem politica, coloca-se numa posição perigosa em face dos países que eram seus antigos aliados; a segunda, acaba de realizar a campanha condenavel de conquista do territorio abissínio, com os mais abjetos espetáculos da fôrça. As aviações francêsa e italiana, seus vasos de guerra, seus milhares de homens da infantaria motorizada, causam dolorosa surpresa aos raros espiritos pacifistas do mundo. A Espanha afoga-se numa onda incendiaria de sangue, e todas as outras nações européias, inclusive a Inglaterra, que despêdaça no momento, todas as lanças ao seu dispor, para a conservação do seu imperio colonial, se preparam para a carnificina do futuro. Não se pôde esperar nenhum esforço em favor da paz, por parte das raças latinas”.

El vieram, em seguida, os sêres tutelares

dos povos da Mongólia, recebendo identica resposta:

— “A China está cheia de fogo e de sangue... O Japão, repleto de associações secretas, de espionagem, para a realização dos projetos niponicos na guerra futura. As ilhas orientais estão dominadas pelo imperialismo do seculo, fomentando-se dentro delas todas as lutas sociais, politicas e religiosas...”

El chegaram, depois, nesse inquerito, os genios que presidem ao destino das livres Americas, obtendo sempre a mesma resposta:

— “Os vossos subordinados, exclamou o lúcido e bem informado Mensageiro, inconcidentes dos tesouros economicos que possuem, perdem-se num labirinto de lutas politicas de todos os matizes. As nações do Norte vivem idealizando todos os poderes destrutivos para serem utilizados na sua defensiva, esperando-se, ali, mais tarde, o perigo das fôrças amarelas. Atormentados pelos preconceitos, entregam-se por vezes a linchamentos e disturbios sociais, incompativeis com o seu alevantado progresso. Os americanos do Sul esquecem as suas possibilidades na solução do problema da concordia humana, entregando-se, de vez em quando, aos excessos das paixões politicas, que os arrastam á sangria fratricida das guerras civís, cujo único objetivo é multiplicar o numero dos infelizes e dos desafortunados do mundo...”

Depois de penosas discussões, vieram os grandes genios inspiradores das ciencias físicas e morais da humanidade terrestre; todavia, o Genio da Paz continuou com a sua palavra inflexível e dolorosa:

— “Não se póde esperar um esforço sério das correntes religiosas da Terra, a favor da tranquilidade dos homens; com raras exceções, quasi todas estão divididas em nucleo de combate recíproco, dentro de atividades e interesses anti-cristãos. Quanto ás ciencias físicas, todas as suas atenções estão voltadas para o extermínio e para a morte. Criaram-se na Terra os mais terríveis aparelhos de defesa anti-aérea, gases mortíferos que fazem explodir aviões e outras poderosas maquinas de guerra, torpedos do ar e do mar, salientando-se o torpedeiro moderno, que poderá carregar 2.800 toneladas e que destrói fatalmente o alvo objetivado e atingido; metralhadoras elétricas, comodas e velozes, de tiros rapidos, graças ao sistema rotativo; canhões anti-aéreos oferecendo capacidade para o tiro vertical de 15.000 metros... A Terra é um vasto pandemio de armas, de maquinários e munições... Percorri todas as cidades, todas as organizações e todos os lares, improficuamente!...”

A essa altura, quando a confusão de vozes se estabelecia no recinto iluminado, onde se reuniam as falanges espirituais do Infinito, o

Genio da Verdade, que era o supremo diretor dêsse conclave angelico dos espaços, exclamou gravemente:

— “Calai-vos, meus irmãos!... Ninguém, na Terra, poderá colocar outro fundamento a não ser o de Jesus Cristo. A evolução moral dos homens será paga com os mais penosos tributos de sangue das suas experiencias. As criaturas humanas conhecerão a fome, a miséria, a nudez, a carnificina e o cansaço, para aprenderem no amor d’Aquele que é o Jardineiro Divino dos seus corações. Transformarão as suas cidades prestigiosas em ossuários apodrecidos, para saberem erguer os monumentos projetados no Evangelho do Divino Mestre. Chega de mensagens, de arautos e mensageiros... No fumo negro da guerra o homem terá a visão deslumbradora da luz maravilhosa dos planos divinos!...”

E depois de uma pausa, cheia de comoção e de lagrimas no espírito de todos os presentes, a lúcida entidade sintetizou:

— “Nunca haverá paz no mundo, sem a Verdade!...”

E, enquanto as aves celestes vojavam nas atmosferas radiosas e eterizadas do infinito e a luz embriagava todas as criaturas e todas as coisas, num turbilhão de claridade e de perfumes ouviu-se uma voz indefinível, brandando na imensidade:

— “Ninguem, na Terra, pôde lançar outro fundamento além daquele que foi posto por Jesus Cristo!”

E, confundida numa luz imensa e maravilhosa, a grande assembléa da Paz foi dissolvida.

2 de Janeiro de 1937.

SÓCRATES

Foi no Instituto Celeste de Pitágoras (1) que vim encontrar, nestes ultimos tempos, a figura veneranda de Sócrates, o ilustre filho de Sofrônisco e Fenareta.

A reunião, nesse castelo luminoso dos planos erraticos, era, nesse dia, dedicada a todos os estudiosos vindos da Terra longinqua. A paisagem exterior, formada na base de substancias imponderaveis para as ciencias terrestres da actualidade, recordava a antiga Hélade, cheia de aromas, sonoridades e melodias. Um sólo de neblinas evanescentes evocava as terras suaves e encantadoras, onde as tribus jônias e eólias localizaram a sua habitação, organizando a patria de Orfeu, cheia de Deuses e de harmonias. Arvores bizarras e floridas enfeitavam o ambiente de surpresas cariciosas,

(1) Nome convencional para figurar-se nos centros de grandes reuniões espirituais no plano invisível. — O autor.

lembrando os antigos bosques da Tessalia, onde Pan se fazia ouvir com as cantilenas de sua flauta, protegendo os rebanhos junto das frondes vetustas, que eram as liras dos ventos brandos, cantando as melodias da natureza.

O palacio consagrado a Pitágoras tinha um aspecto de severa beleza, com as suas colunas gregas á maneira das maravilhosas edificações da gloriosa Atenas do passado.

Lá dentro, agasalhava-se toda uma multidão de Espiritos ávidos da palavra esclarecida do grande mestre, que os cidadãos atenienses haviam condenado á morte, 399 anos antes de Jesus Cristo.

Ali se reuniam vultos venerados pela filosofia e pela ciencia de todas as epochas humanas, Terpandro, Turcídides, Lísis, Esquines, Filolau, Timeu, Símiás, Anaxágoras e muitas outras figuras respeitaveis da sabedoria dos homens.

Admirei-me, porém, de não encontrar ali nem os discipulos do sublime filósofo ateniense, nem os juizes que o condenaram á morte. A ausencia de Platão a esse conclave do Infinito impressionava-me o pensamento, quando, na tribuna de claridades divinas materializou-se, aos nossos olhos, o vulto venerando da filosofia de todos os séculos. Da sua figura irradiava-se uma onda de luz levemente azulada, enchendo o recinto de uma vibração desconhecida, de uma paz suave e branda. Grandes madeixas de

cabelos alvos de neve molduravam-lhe o semblante jovial e tranquilo, onde os olhos brilhavam infinitamente, cheios de serenidade, alegria e doçura.

As palavras de Sócrates contornaram as téses mais sublimes, porém, inacessiveis ao entendimento das criaturas atuais, tal a transcendencia dos seus profundos raciocinios. A' maneira das suas lições nas praças públicas de Atenas, falou-nos da mais avançada sabedoria espiritual, através de inquirições que nos conduziam ao âmago dos assuntos; discorreu sobre a liberdade dos séres nos planos divinos que constituem a sua atual morada, e dos grandes conhecimentos que esperam a humanidade terrestre no seu futuro espiritual.

E' verdade que não posso transmitir aos meus companheiros terrenos a expressão exata dos seus ensinamentos, estribados na mais elevada das justicas, levando-se em conta a grandeza dos seus conceitos, incompreensiveis para as ideologias das patrias no mundo atual, mas, ansioso de oferecer uma palavra do grande mestre do passado aos meus irmãos, não mais pelas visceras do corpo e sim pelos laços afetivos da alma, atrevi-me a aborda-lo:

— Mestre, disse eu, venho recentemente da Terra distante, para onde encontro possibilidade de mandar o vosso pensamento. Dese-

jarieis enviar para o mundo as vossas mensagens benevolentes e sábias?

— Seria inutil — respondeu-me bondosamente — os homens da Terra ainda não se reconheceram a si mesmos. Ainda são cidadãos da patria, sem serem irmãos entre si. Marcham uns contra os outros, ao som de musicas guerreiras e sob a proteção de estandartes que os desunem, aniquilando-lhes os mais nobres sentimentos de humanidade.

— Mas... — retorqui — lá no mundo ha uma élite de filósofos que se sentiriam orgulhosos de vos ouvir!...

— Mesmo entre eles as nossas verdades não seriam reconhecidas. Quasi todos estão com o pensamento cristalizado no ataúde das escolas. Para todos os espiritos, o progresso reside na experiencia. A historia não vos fala do suicidio orgulhoso de Empédocles de Agrigento, nas lavas do Etna, para proporcionar aos seus contemporaneos a falsa impressão de sua ascensão para os céus? Quasi todos os estudiosos da Terra são assim; o mal de todos é o enfatuado convencimento de sabedoria. Nossas lições valem sómente como roteiro de coragem para cada um, nos grandes momentos da experiencia individual, quasi sempre difficil e dolorosa.

Não crucificaram, por lá, o Filho de Deus, que lhes oferecia a propria vida para que co-

nhecessem e praticassem a Verdade? O pórtico da pitonisa de Delfos está cheio de atualidade para o mundo. Nosso projeto de difundir a felicidade na Terra só terá realização quando os Espiritos aí encarnados deixarem de ser cidadãos para serem homens concientes de si mesmos. Os Estados e as Leis são invenções puramente humanas, justificaveis, em virtude de heterogeneidade com respeito á posição evolutiva das criaturas; mas, enquanto existirem, sobrará a certeza de que o homem não se descobriu a si mesmo, para viver a existencia espontanea e feliz, em comunhão com as disposições divinas da natureza espiritual. A humanidade está muito longe de compreender essa fraternidade no campo sociologico.

Impressionado com essas respostas, continuei a interroga-lo:

— “Apesar dos milenios decorridos, tendes a exprimir alguma reflexão aos homens, quanto á reparação do êrro que cometeram, condemnando-vos á morte?”

— “De modo algum. Méletos e outros acusadores estavam no papel que lhes competia, e a ação que provocaram contra mim nos tribunais atenienses só podia valorizar os principios da filosofia do bem e da liberdade que as vozes do Alto me inspiravam, para que eu fôsse um dos colaboradores na obra de quantos precederam, no planeta, o pensamento e o

exemplo vivo de Jesus Cristo. Se me condenaram á morte, os meus juizes estavam igualmente condenados pela natureza; e, até hoje, enquanto a criatura humana não se descobrir a si mesma, os seus destinos e obras serão patri-mônios da dor e da morte.”

— “Poderieis dizer algo sobre a obra dos vossos discipulos?”

— “Perfeitamente — respondeu-me o sabio illustre — é de lamentar as observações mal avisadas de Xenófonte, lamentando eu, igualmente, que Platão, não obstante a sua coragem e o seu heroismo, não haja representado fiélmente a minha palavra junto dos nossos contemporaneos e dos nossos pósteros. A historia admirou, na sua apologia, os discursos sabios e bem feitos, mas a minha palavra não entoaria ladainhas laudatorias aos politicos da época e nem se desviaria para as afirmações dogmaticas no terreno metafísico. Viví com a minha verdade para morrer com ela. Louvo, todavia, a Antístenes, que falou com mais imparcialidade a meu respeito, de minha personalidade que sempre se reconheceu insufficiente. Julgaveis então que me abalançasse, nos ultimos instantes da vida, a recomendações no sentido de que se pagasse um galo a Esculapio? Semelhante expressão, a mim atribuida, constitue a mais incompreensivel das ironias.”

— “Mestre, e o mundo?” — exclamei.

— “O mundo atual é a semente do mundo paradisiaco do futuro. Não tenhais pressa. Mergulhando-me no labirinto da historia, parece-me que as lutas de Atenas e Esparta, as glorias do Partenon, os esplendores do seculo de Péricles, são acontecimentos de ha poucos dias; entretanto, soldados espartanos e atenienses, censores, juizes, tribunais, monumentos politicos da cidade que foi minha patria, estão hoje reduzidos a um punhado de cinzas!... A nossa unica realidade é a vida do Espirito.”

— “Não vos tentaria alguma missão de amor na face do orbe terrestre, dentro dos grandes objetivos da regeneração humana?”

— “Nossa tarefa, para que os homens se persuadam com respeito á verdade, deve ser toda indireta. O homem terá de realizar-se interiormente pelo trabalho perseverante, sem o que, todo o esforço dos mestres não passará do terreno do puro verbalismo.”

E, como se estivesse concentrado em si mesmo, o grande filósofo sentenciou:

— “As criaturas humanas ainda não estão preparadas para o amor e para a liberdade... Durante muitos anos, ainda, todos os discipulos da Verdade terão de morrer muitas vezes!...”

E, enquanto o illustre sabio ateniense se retirava do recinto, junto de Anaxágoras, dei por terminada a preciosa e rara entrevista.

7 de Janeiro de 1937.

ESCREVENDO A JESUS

Meu Senhor Jesus. — Diriço-vos esta carta quasi como nos ultimos tempos em que o fazia na Terra, fechado nas perplexidades da incompreensão. Muitas vezes, imaginei que estivesseis acessivel á visão de todos aqueles que se evadem do mundo pela porta escura da Morte, afim de premiar os bons e punir pessoalmente os culpados, como os modernos chefes de Estado, que distribuem medalhas de honra nas datas festivas e exaram sentenças condenatorias em seus gabinetes.

Mas, não é assim, Senhor! Todas as ingenuas e doces concepções do catolicismo se esfumaram na minha imaginação. A morte não faz de um homem um anjo; amontôa-nos, aos magotes, onde possa caber toda a imensidade das nossas fraquezas e aí, na contemplação das nossas realidades e das nossas misérias, descerra um fragmento dos véus do seu grande misterio. Então, sentimo-nos reconfortados pela esperança, e basta esse raio de luz

para que sejamos deslumbrados na vossa gloria.

Se é verdade que não vos buscavamos nos caminhos da Terra, não era justo que nos viesseis esperar á porta do Céu.

Todavia, Senhor, não é para exprobrar o meu passado, no mundo, que vos diriço esta carta. E' para vos contar que os homens vão reviver novamente a tragedia da vossa morte. Muitos judeus influentes promovem, na atualidade, uma ação tendente a esclarecer o processo que motivou a vossa condenação. E' verdade que esses movimentos tardios, para apurar os erros do passado, não são novos. Joana d'Arc foi canonizada após a calúnia, o martirio e o vilipêndio e, ainda agora, no Brasil, foi revivido o processo que fizera de Pontes Visgueiro um monstro nefando, movimento esse que lhe atenuou a falta, humanizando-se a sua figura através da análise minuciosa dos fatos recapitulados pelo sr. Evaristo de Moraes.

Os descendentes dos vossos algozes querem reparar a violencia dos seus avós. Objetivam a reconstrução do mesmo cenario de antanho. A côrte provincial romana, o tribunal famoso dos israelitas, copiando a situação com a possível fidelidade. Eu queria, porém, acrescentar, entre parêntesis, que o mesmo Caifaz ainda estará no Sinhedrio para punir e julgar.

Foi pensando tudo isso, Senhor, que fui a Jerusalém observar detidamente os lugares

santos. Se ultimamente contemplei a cidade arruinada dos profetas no momento em que se comemorava a vossa paixão e a vossa morte, tendo fixado no espirito os quadro dolorosos do vosso martirio, não pude observar detalhadamente as suas ruínas, desde o momento em que a minha atenção foi solicitada pela magnanima figura de Iscariote.

E' verdade que os seculos guardarão aí, para sempre, os traços indeléveis da vossa ligeira passagem pelo planeta. Jerusalém proseguirá contando aos peregrinos do mundo inteiro a sua historia de lamentações e dores. Reconheci, contudo, a dificuldade para copiar o passado com as suas coisas e com as suas circunstancias.

Conta-se que, anos depois da vossa crucificação, o Rabí Aguiba, foi, com alguns companheiros, visitar as ruínas do templo onde haviam ecoado as vossas divinas palavras. Mas, o local sagrado onde se venerava o Santo dos Santos era refúgio dos chacais, que fugiram espantados com a presença dos homens.

Hoje, igualmente, Senhor, Jerusalém não possui a fisionomia de outrora. Nos lugares onde se derramava o perfume do incenso e da mirra, ha um cheiro pronunciado de gasolina e vapores. Os burricos graciosos foram substituidos pelos automoveis confortaveis. Os Iglesees vivem occidentalizando as ruínas aban-

donadas. Sobre o mar da Galiléia, em Tibériades, foi construido um balneario elegante, cheio de banhistas com seus trajés multicores, sentindo-se ali, como em Copacabana, ou Biarritz. A Judéia está cortada de linhas férreas, de estradas macadamizadas, de cinematógrafos, de iluminações elétricas, de serviços modernos. Ha, até, Senhor, um poderoso judeu russo chamado Rutemburgo, que captou energia elétrica nas aguas mansas do Jordão, á força de mecanismos e represas. Aquelas aguas sagradas e claras, que batizaram os cristãos, movem hoje poderosa turbinas. As usinas estão em toda parte. Todas essas instalações têm alterado a fisionomia da região.

Certamente, Senhor, conhecestes Haifa, que era um ninho tranquilo e doce, á sombra do monte Carmelo, sobre o qual Elias encontrou os profetas de Baal, confundindo-os com a sabedoria das suas palavras. Pois, hoje, palpita ali uma enorme cidade, guardando uma grande estação de deposito de petroleo, onde a marinha inglesa costuma abastecer-se.

O campo suave de Mizhep, onde a voz de Samuél se fez ouvir durante trinta dias consecutivos, exortando Israel, transformou-se num imenso aerodromo onde pousam as aves metálicas do progresso, cheias de notícias e de ruidos.

Torna-se difícil reconstituir o ambiente da

vossa injusta condenação. Mas, os homens, Senhor, nunca dispensaram a teatralidade e as máscaras de suas vidas. E' possível que engendrem um dramalhão, no qual, a pretexto de *vos rehabilitar* perante a Historia, subvertam ainda mais, no abismo da sua materialidade, a profunda significação espiritual da vossa doutrina.

As multidões não serão inquiridas agora a respeito da sua preferencia por Barrabás. Os pontífices do Sanhedrim não conseguirão colocar nos vossos braços misericordiosos uma cana á guisa de ceptro, nem ferir vossa fronte com a corôa de espinhos. Certamente, todavia, mandarão erigir ironicamente um colosso de pedra, á vossa semelhança, injuriando a vossa memoria. Os chamados crentes ajoelhar-se-ão aos pés dessa estátua impassível, suplicando, no seu cepticismo elegante, a vossa benção, antes de se levantarem para devorar-se uns aos outros, como Caíns desvairados.

Ah! Senhor! nós sabemos que do vosso trono estrelado vindes velando por esse orbe tão pequenino e tão infeliz! A manjedoura e a cruz ainda constituem o maior tesouro dos humildes e dos infortunados. Mas, vêde, Senhor, como as ervas más se alastram pela Terra...

Cortai-as, Jesus, para que o trigo loiro da paz e da verdade resplandeça na vossa seara

bendita. E que os homens, reunidos no mesmo jugo suave da fraternidade que nos ensinastes, descansem embalados no cantico sublime da vossa misericordia e do vosso amor.

8 de Março de 1937.

A MAIOR MENSAGEM

Muita gente bôa poderá supôr na Terra que o homem, atravessando as aguas escuras do Aqueronte, encontrará na outra margem o pôço maravilhoso da Sabedoria. Um homem de bons costumes, que andasse aí na Terra vendendo pastéis, depois dos banhos prodigiosos da Morte, voltaria aos cenários da vida sentenciando em todos os problemas que ensandecem o cerebro da Humanidade.

Mas, não é assim.

Cada individuo conserva, no Além, a posição evolutiva que o caracterizava na Terra. Cada entidade comunicante é, portanto, o homem... desencarnado, ressalvando-se, todavia, a posição elevada dos Espiritos missionarios que, de vez em quando, pousam no mundo abnegadamente, sem lhe reparar a miseria e a estreita relatividade.

Arrebatados, assim, para o imperio das sombras, não estamos vagueando em paisagens

lunares, ou no céu dos teólogos. O nosso mundo é de perfeita transição.

Já Raymond, na Inglaterra, com o apôio da autoridade científica de Sir Oliver Lodge, falou ao mundo terrestre, das nossas paisagens bizarras, repletas de coisas semelhantes ás coisas da nossa vida e das nossas atividades no planeta. Seus arroubos descritivos não comoveram o espirito cristalizado da ciencia oficial, e provocaram exclamações pejorativas de muitos filosofos espiritualistas.

De minha parte, porém, já não quero fazer passar os olhos curiosos dos meus leitores sob o Arco de Esopo, movimentando as minhas criações do Tonél de Diógenes. Agora, mais que nunca, reconheço que cada qual compreende como pôde, aí no mundo, e não me animo a provocar o riso despreocupado dos meus semelhantes, desejando sómente levar-lhes o coração para as questões nobres e uteis, da Vida.

Para contar-lhes, assim, o que fiquei conhecendo daqui, como a Maior-Mensagem existente da Terra, devo dizer-lhes que, no casarão dos espaços onde nos encontramos agasalhados, existe o Grande Salão dos Invisiveis. E' aí que nos reunimos, muitas vezes, em amavel "tête-á-tête", reconfortando-nos após as lutas terrestres, e recebendo, frequentemente, as opiniões esclarecidas dos mestres da espirituali-

dade. Aparelhos delicadíssimos, de uma radiotelegrafia mais avançada, nos colocam em contacto com entidades angelicas, tal como os politicos do Rio de Janeiro podem ouvir o governo de Tokio, trocando, entre si as impressões de um momento, sem se afastarem de suas cidades respectivas.

No dia a que me reporto, encontravamos ali em animada palestra. Escritores franceses, ingleses, asiaticos e americanos, discutiamos os progressos da Terra. Não ha mais aqui a barreira dos idiomas. Cada qual pôde falar á vontade, porque o pensamento já é por si mesmo uma especie de Volapuk universal.

— “O que mais me admira na actualidade do mundo — exclama um dos companheiros — é a obra perfeita da engenharia moderna. Na America do Norte cuida-se da captação da energia eléctrica existente na fôrça das ondas maritimas, dentro do mecanismo de poderosas turbinas e, talvez, antes que o homem penetre o segredo do aproveitamento das fôrças atômicas, para repousar as suas actividades na electricidade atmosferica, já terá construido formidaveis usinas captadoras da energia dos ventos, a mais de duzentos metros de altura. A mecanica da aviação progride a cada minuto e o homem está prestes a adotar os mais avançados

sistemas de locomoção aérea, com os futuros aparelhos de vôo individual.”

— “Todavia, atalhou outro, temos de considerar igualmente o elevado plano evolutivo das criaturas, nos laboratorios. O alemão Todenhaupt demonstrou a maneira de se transformar a caseína do leite em lã artificial. Os tecnologistas descobriram todos os meios de se copiar perfeitamente a natureza e os produtos sintéticos fazem, por toda a parte, as comodidades da civilização. Os raios X devassaram a organização de todos os corpos, provando que todas as materias, na crosta terrestre, são cristalinas, facilitando o exame de suas disposições atômicas e moleculares. Essas revoluções no campo imenso das industrias modernas, hão de fatalmente determinar profundas modificações na vida atormentada dos homens.”

Eu ouvia, interessado, esses argumentos sem poder participar com veemencia dos problemas debatidos, em virtude de trazer muito pouca bagagem do nosso pobre Brasil, com exceção das idéias politicas, quando outro amigo interveiu:

— “Muito me têm preocupado as questões de medicina e é com assombro que vejo a evolução dos processos terapeuticos no orbe terráqueo. Os hormonios, as vitaminas e as glandulas, tão desconhecidos ali, antigamente,

são objeto de toda uma revolução científica. Ainda agora os hospitais de Moscow realizam, com êxito, as mais extraordinárias transfusões de sangue cadaverico. Os medicos moscovitas descobriram os recursos de conservar o sangue retirado de um cadaver, no instante imediato á morte, por mais de 20 a 30 dias, applicando-o com felicidade a outros organismos enfermos. Os processos de saneamento e de higiene não ficam aquem dessas conquistas. Ha tempos saneou-se, na Italia, a região das Lagoas Pontinas e onde havia pantanos e fócios microbianos, florescem hoje cidades prestigiosas e progressistas."

E, nesse diapasão, todos os escritores desencarnados manifestaram seus pensamentos otimistas. Falou-se da fisica, da bacteriologia, dos processos pedagogicos, da industrialização, do nacional-socialismo de Hitler e dos principios democraticos de Roosevelt.

Mas, quando a palestra atingia o fim de seu curso, uma voz cuja origem não poderiamos determinar, exclamou em nosso meio com melancolica imponencia:

— "Todas as conquistas e todas as comodidades da civilização terrestre da atualidade são questões secundarias nos ciclos eternos da Vida... A mão invisivel e poderosa que destruiu o orgulho impenitente de Babilonia e de Persépolis, que aniquilou os poderes de Roma

e de Cartago, pode reduzir o mundo occidental a um punhado de cinzas!...

"As plataformas politicas, os laboratorios scientificos, os diplomas de novos conhecimentos, são segundos valores em todos os caminhos evolutivos, porque, sem o amor, que é a fraternidade universal, todas as portas da evolução estarão fechadas... Póde Einstein devassar novos segredos na teoria da relatividade; Segismund Freud poderá descobrir novas causas dos padecimentos humanos com a perseverança e a paciencia de suas análises; a tecnologia pode modificar visceralmente a estrutura das industrias no planeta; Hitler, Mussolini, Roosevelt e Trotsky, podem aventar novas sistematizações da politica, renovando as concepções do Estado; mas a Maior Mensagem no mundo ainda é o Evangelho. Sem o amor de Jesus Cristo, todos os povos estão condenados a morrer, com todo o pêso de suas conquistas e de suas glórias, porque sómente o Amor póde salvar o mundo que se aniquila... Podereis todos vós descer á face escura e triste da Terra, proclamando a vossa imortalidade, porém, nada fareis de util se não entregardes ao espirito humano essa chave maravilhosa, para que se abram as portas imensas da Paz no coração amargurado dos homens!..."

Diante dessa voz suave e terrivel, todos nós silenciaramos.

Ao longe, muito ao longe, por um esforço pronunciado de nossa ação, divisávamos a Terra longinqua... Furacões destruidores pareciam envolve-la. Suas atmosferas estavam enegrecidas, pejudadas de nuvens de fumo e de poeira sangrenta. Um secreto pavor dominou nossas almas e guardámos, então, no íntimo aquela voz profetica e ameaçadora: — “A mão invisível e poderosa que destruiu o orgulho impenitente de Babilonia e de Persépolis, póde reduzir a Civilização Ocidental a um punhado de cinzas...”

17 de Abril de 1937.

RESPONDENDO A UMA CARTA

Minha senhora. Eu sempre julguei que, terminadas as lutas da Vida, jamais poderia voltar o meu espirito das correntes tenebrosas do Stige, que os homens colocaram no Pelopóneso escuro da Morte.

Mas, eis que volto dos palacetes aéreos onde se reconforta minha alma, esquecida do jazigo subterraneo onde repousam meus quebrados ossos e recebo o angustioso apêlo do seu coração. A senhora envia-me uma cartinha breve, escrita com as proprias lagrimas da sua dôr, fazendo-me confidente da sua imensa amargura, como se eu ainda estivesse aí no mundo, escravizado a todas as suas algemas e a todas as suas conveniencias, por mal dos meus pecados. Agora, porém, graças a Deus, estou isento de todas as pesadas contribuições terrestres, inclusive a do imposto do sêlo para enviar-lhe o meu pensamento.

Falo-lhe do mundo de vida nova e de maravilhosa ressurreição, onde a esperam aquele

espôso dedicado e amigo e aquele filho valoroso e leal que a senhora viu partir para as fronteiras tristes e nubladas da Morte, como Niobe petrificada no seu desespero inconsolável.

Os movimentos revolucionarios do Brasil destroçaram-lhe o coração amoroso e sensibillissimo. Em 30, quando os politicos novos se rejubilavam sobre os destroços da Republica Velha, enquanto se enfunavam bandeiras e vibravam mocidades, a sua alma de mulher, sózinha e triste, chorava sobre o tumulto do companheiro que Deus lhe havia dado e com quem edificara, através da luta e dos anos, o ninho quente e doce em cujos delicados contornos o seu espirito se havia dilatado, prolongando-se nos filhos, satélites abençoados do seu amor e do seu coração. Esse golpe foi a grande espada de dôr, estraçalhando para sempre a tranquilidade da sua vida.

Em 35, eis que perde seu filho, digno sucessor da patente do pai, num outro movimento de fôrças homicidas. Sua alma de viúva e de mãe cobriu-se então de luto e de lagrimas, para sempre. Uma saudade oceanica absorve-lhe todas as atividades e todos os momentos, e no silencio da noite, quando todos se entregam ao amolecimento e ao repouso, seu Espirito está vigilante como os soldados de Pompéia, apesar dos decretos irrevogaveis

do Destino, esperando que surjam as visões consoladoras do companheiro bem amado e do filho inesquecido, até que as primeiras claridades do dia venham desfazer o magnetismo suave das suas esperanças. No mundo das suas recordações fulguram relampagos e, assombrada, a sua alma vê passar todos os dias, nas estradas imensas da sua amargura, os fantasmas de todos os sonhos mortos, mergulhados no ataúde de suas desilusões.

Para uma alma de mãe que chora, nunca ha consolação bastante no mundo. Um coração materno, pranteando sôbre as lutas fratricidas é sempre um simbolo dos sofrimentos da Humanidade crucificada no madeiro das hostilidades patrioticas, que separaram os povos do amor fraterno, distilando o veneno do odio nos seus corações.

Já se disse que a guerra é o fator de todos os progressos do orbe, mas temos que convir em que toda a civilização é um produto detestavel do martirologio das mães desveladas e sofredoras. E' por isso, talvez, que a civilização dos homens cai sempre, na esteira infinita do tempo, como um fruto amargo e apodrecido. Todos os calendarios surgidos nos milenios, assinalam épocas de opulencia e de grandeza, para se desfazerem nos abismos da miseria e da morte. No declinio de cada periodo evolutivo do planeta reúnem-se, em vão,

os políticos e os guerreiros para salva-lo, como agora acontece no mundo ocidental, no desfiladeiro da destruição. Criam-se conciliabulos de paz impossível, porque, através de todos os edificios suntuosos e de todas as doutrinas politicas, faz-se ouvir a mesma voz compassiva e lamentosa: — “Caím, que fizeste do teu irmão?”

E' que nunca se reuniram os homens para salvar a civilização, com a ternura das mães, com os seus devotamentos e com os seus sacrificios; nunca se recordaram de uma estatística dos corações maternos antes de prepararem uma batalha, embora se deva á mulher todos os monumentos de fé realizadora que os homens têm construído na face do mundo.

E, no seu caso, a dor que a martiriza fere mais fundo o seu coração, porque seu espôso e seu filho não pereceram num campo inimigo, onde batalhassem com o titulo de “bravos”, titulo esse ainda justificavel em virtude da ignorancia das leis divinas, mas, assassina-dos por seus proprios irmãos, com estúpida crueldade. Os fatos, em verdade, não pertencem á Historia Patria, mas, sim, á legislação do Código Penal. Todavia, minha senhora, não busque a proteção das leis judiciais, estruturadas pelos homens. Subordine os julgamentos dos atos perversos de que foi objeto

ao Tribunal Divino, que legisla acima de todas as forças politicas da Terra.

Sofra o seu martirio com amargurada resignação.

O sofrimento é como um absinto maravilhoso. Se a sua taça está hoje cheia de fêl inevitavel, esse líquido amargo nunca se es-côa. Aqueles que lho deram vêm atrás dos seus passos. O mesmo fêl os aguarda nos caminhos tortuosos da Vida.

Eu não tenho argumentos para consola-la, senão os de minha propria sobrevivencia, fornecendo-lhe a certeza de que um dia encontrará numa vida melhor os bem-amados do seu coração. Sua mágoa é daquelas que a esponja insaciavel do Tempo não apaga na Terra; mas, viva a sua existencia com as esperanças colocadas no Céu. Lembre-se da Mãe de Jesus: ela sintetiza as angustias de todos os corações maternos, perdidos como flores divinas entre as urzes e espinhos do mundo, e sentir-se-á tocada de uma luz suave e misericordiosa. Uma sagrada e terna esperança balsamizará, como um luar perene, a noite das suas desventuras, adquirindo a força necessaria para vencer nas estradas ríspidas e espinhosas.

Amparada na sua fé, espere no altar da oração o dia da sua liberdade espiritual. Nessa hora de claridades doces e alegres para o seu coração, a senhora verá que, no turbilhão das lutas da Terra, todos os que contemplam o Céu são também por ele contemplados.

20 de Abril de 1937.

TIRADENTES

Dos infelizes protagonistas da Inconfidência Mineira, no dia 21 de abril de todos os anos, aqueles que podem excursionar á Terra, voltam ás ruínas de Ouro Preto, afim de se reunirem entre as velhas paredes da casa humilde do sitio da Cachoeira, trazendo a sua homenagem de amor á personalidade do Tiradentes.

Nessas assembléias espirituais, que os encarnados poderiam considerar como reuniões de sombras, os preitos de amor são mais expressivos e mais sinceros, livres de todos os enganos da Historia e das hipocrisias convencionais.

Ainda agora, comparecí a essa festividade de corações, integrando a caravana de alguns brasileiros desencarnados, que para lá se dirigiu, associando-se ás comemorações do próto-martir da emancipação do país.

Nunca tive muito contacto com as coisas de Minas Gerais, mas a antiga Vila Rica, atualmente elevada á condição de Monumento

Nacional, pelas suas reliquias prestigiosas, sempre me impressionou pela sua beleza sugestiva e legendaria. Nas suas ruas tortuosas, percebe-se a mesma fisionomia do Brasil dos Vice-Reis. Uma corôa de lendas suaves paira sobre as suas ladeiras e sobre os seus edificios seculares, embriagando o espirito do forasteiro com melodias longinquoas e perfumes distantes. Na terra empedrada, ainda existem sinais de passos dos antigos conquistadores do ouro dos seus rios e das suas minas e, nas suas igrejas, ainda se ouvem soluços de escravos, misturados com gritos de sonhos mortos, do seu valoroso heroismo. A velha Vila-Rica, com a névoa fria dos seus horizontes, parece viver agora com as suas saudades de cada dia e com as suas recordações de cada noite.

Sem me alongar nos lances descritivos, acerca dos seus tesouros do passado, objeto da observação de jornalistas e escritores de todos os tempos, devo dizer que, na noite de hoje, a casa antiga dos Inconfidentes tem estado cheia das sombras dos mortos. Aí fui encontrar, não segundo o corpo, mas segundo o espirito, as personalidades de Domingos Vidal Barbosa, Freire de Andrade, Mariano Leal, Joaquim da Maia, Claudio Manoel, Inacio Alvarenga, Dorothea de Seixas, Beatriz Francisca Brandão, Toledo Pisa, Luiz de Vasconcellos e muitos outros nomes, que participaram dos

acontecimentos relativos á malograda conspiração. Mas, de todas as figuras veneraveis ao alcance dos meus olhos, a que me sugeria as grandes afirmações da patria era, sem dúvida, a do antigo alferes José Joaquim da Silva Xavier, pela sua nobre e serena beleza. Do seu olhar claro e doce, irradiava-se toda uma onda de estranhas revelações, e não foi sem timidez que me acerquei da sua personalidade, provocando a sua palavra.

Falando-lhe a respeito do movimento de emancipação politica, do qual havia sido o herói extraordinario, declinei minha qualidade de seu ex-compatriota, filho do Maranhão, que tambem combatera, no passado, contra o dominio dos estrangeiros.

— “Meu amigo — declarou com bondade — antes de tudo, devo afirmar que não fui um herói e sim um espirito em prova, servindo simultaneamente á causa da liberdade da minha terra. Quanto á Inconfidencia de Minas, não foi propriamente um movimento nativista, apesar de ter aí ficado como um roteiro luminoso para a independencia da patria. Hoje, posso perceber que a nossa ação era um projeto alto em demasia para as forças com que podia contar o Brasil daquela época, reconhecendo como o idealismo eliminou em nosso espirito todas as noções da realidade prática; mas, estavamos embriagados pelas idéias generosas

que nos chegavam da Europa, através da educação universitária. E, sobretudo, o exemplo dos Estados Americanos do Norte, que afirmaram os principios imortais do direito do homem, muito antes do verbo inflamado de Mirabeau, era uma luz incendiando a nossa imaginação. O Congresso de Filadélfia, que reconheceu todas as doutrinas democraticas, em 1776, afigurou-se-nos uma garantia da concretização dos nossos sonhos. Por intermedio de José Joaquim da Maia procurámos sondar o pensamento de Jeferson, em Paris, a nosso respeito; mas, infelizmente, não percebiamos que a luta, como ainda hoje se verifica no mundo, era de principios. O fenomeno que se operava no terreno politico e social era o desprezo do absolutismo e da tradição, para que o racionalismo dirigisse a Vida dos homens. Fomos os títeres de alguns portugueses liberais, que, na colonia, desejavam adaptar-se ao novo período historico do planeta, aproveitando-se dos nossos primeiros surtos de nacionalismo. Não possuíamos um índice forte de brasilidade que nos assegurasse a vitoria, e a verdade só me foi intuitivamente revelada quando as autoridades do Rio mandaram prender-me na rua dos Latoeiros."

— "E nada tem a dizer sobre a defecção de alguns dos seus companheiros?" — perguntei.

— "Hoje, de modo algum desejaria avivar minhas amargas lembranças... Aliás, não foi apenas Silverio quem nos denunciou perante o Visconde de Barbacena; muitos outros fizeram o mesmo, chegando um deles a se disfarçar como um fantasma, dentro das noites de Vila Rica, avisando quanto á resolução do govêrno da provincia, antes que ela fôsse tomada publicamente, com o fim de salvaguardar as posições sociais de amigos do Visconde, que haviam simpatizado com a nossa causa. Graças a Deus, todavia, até hoje, sinto-me ditoso por ter subido sozinho os vinte degraus do patíbulo."

— "E sobre esses fatos dolorosos, não tens alguma impressão nova a nos transmitir?"

E os labios do Herói da Inconfidencia, como se receassem dizer toda a verdade, murmuraram estas frases soltas:

— "Sim... a Sala do Oratorio e o vozeiro dos companheiros desesperados com a sentença de morte... a Praça da Lampadosa, minha veneração pelo Crucifixo do Redentor e o remorso do carrasco... a procissão da Irmandade da Misericordia, os cavaleiros, até o derradeiro impulso da corda fatal, arrastando-me para o abismo da Morte..."

E concluiu:

— "Não tenho coisa alguma a acrescentar

às descrições historicas, senão minha profunda repugnancia pela hipocrisia das convenções sociais de todos os tempos."

— "E' verdade, acrescentei, reza a historia que, no instante da vossa morte um religioso falou sobre o tema do Ecclesiastes — "Não atrações o teu rei, nem mesmo por pensamentos."

E terminando a minha observação com uma pergunta, arrisquei:

— "Quanto ao Brasil actual, qual a vossa opinião a respeito?"

— "Apenas a de que ainda não foi atingido o alvo dos nossos sonhos. A nação ainda não foi realizada para criar-se uma linha historica, mantenedora da sua perfeita independencia. Todavia, a vitalidade de um povo reside na organização da sua economia e a economia do Brasil está muito longe de ser realizada. A ausencia de um interesse comum em favor do país, dá causa não mais á derrama dos impostos, mas á derrama das ambições, onde todos querem mandar, sem saberem dirigir-se a si proprios."

Antes que se fizesse silencio entre nós, tornei ainda:

— "Com relação aos ossos dos inconfindentes, vindos agora da Africa para o antigo teatro da luta, hoje transformado em Panteon

Nacional, são de fato autenticos esqueletos dos apóstolos da liberdade?"

— "Nesse particular, respondeu Tiradentes com uma ponta de ironia, não devo manifestar os meus pensamentos. Os ossos encontrados tanto podem ser de Gonzaga, como podem pertencer, igualmente, ao mais miseravel dos negros de Angola. O orgulho humano e as vaidades patrioticas têm tambem os seus limites... Aliás, o que se faz necessario é a compreensão dos sentimentos que nos moveram a personalidade, impelindo-nos para o sacrificio e para a morte..."

Mas, não pôde terminar. Arrebatado numa aluvião de abraços amigos e carinhosos, retirou-se o grande patriota que o Brasil hoje festeja, glorificando o seu heroismo e a sua doce humildade.

Aos meus ouvidos emocionados ecoavam as notas derradeiras da musica evocativa e dos fragmentos de orações que rodeavam o monumento do Herói, afigurando-se-me que Vila Rica ressurgira com os seus coches dourados e os seus fidalgos, num dos dias gloriosos do Triunfo Eucaristico; mas, aos poucos, suas luzes se amorteceram no silencio da noite, e a velha cidade dos conspiradores entrou a dormir, no tapete glorioso de suas recordações, o sono tranquilo dos seus sonhos mortos.

21 de Abril de 1937.

O PROBLEMA DA LONGEVIDADE

Os cientistas de todos os continentes se interessam, no mundo, pela solução do problema da longevidade humana. A' maneira do doutor Fausto, ensandecem as suas faculdades intellectivas buscando o ambicionado xarope miraculoso. Corações de cães e de galinhas são objeto de experimentos fisiologicos e não faz muitos anos o dr. Voronoff andava pelo mundo com a sua gaiola de símios, vendendo o elixir prodigioso da juventude aos velhos gozadores da vida. Agora, um dos seus continuadores, o dr. Alexis Carrell, em cooperação com Lindbergh, inventou um aparelho para investigar a vida das células e a produção de hormônios, onde se encontra vivo o coração de um gato, pulsando indefinidamente, esquecido de morrer, certamente enganado com a temperatura do recipiente de vidro que o encerra.

Nos ultimos tempos, é o professor Woodruff o iniciador de experiencias novas. Cultivando carinhosamente um microbio e sua

progênie, no laboratorio de suas pesquisas científicas, todos os dias transforma o ambiente do microbio estudado, mudando a gota de agua e o tubo que constituem o seu grande mundo liliputiano, tendo repetido essa experiencia mais de mil vezes, constatando a immortalidade do seu paciente e guardando a esperança de poder aplicar seus estudos ás criaturas humanas, criando uma nova teoria da longevidade com a eliminação dos residuos celulares do organismo, olvidado, porém, de que as celulas cerebrais do homem, elementos constitutivos do aparelho mais delicado de manifestação do espirito dos sêres racionais, não são suscetiveis de nenhuma alteração no decurso da vida. Os corpusculos do cerebro nunca se reproduzem. Podem os cientistas imitar todos os fenômenos da natureza. Um coração humano póde saltar numa retorta de laboratorio. Os rins e o fígado podem segregar os seus produtos especificos, separados do corpo, mas os estudiosos do mundo inteiro jamais poderão fazer pensar o cerebro de um cadaver.

Todas essas atividades da ciencia moderna, através de movimentos mecanicos poderão organizar novos sistemas terapeuticos, mas nunca afastar do coração inquieto dos homens o gládio afiado da Morte.

A par dos professores, cujas téses objetivam a prolongação da existencia das criaturas,

temos os políticos nacionalistas incentivando a natalidade, como Mussolini, instituindo premios para as mães italianas e conquistando a ferro e fogo o territorio abissínio, afim de localizar os súditos do novo imperio.

E' verdade que o "crescei e multiplicai-vos" representa um imperativo das leis divinas, mas é necessario saber-se o "como" dessa conciliação do espirito com a natureza. Os homens tentaram organizar, em todos os tempos, um codigo de moral, para que os imperativos evangelicos da multiplicação se cumprissem com decencia e pureza. As igrejas criaram o casamento religioso, e os legisladores o matrimonio civil. Houve, tambem, os que tentaram organizar nesse sentido uma diretriz de ordem economica, como os ingleses, que instituiram o "birth control". Mas, eu não voltaria do mundo das sombras ignoradas para fazer a apologia de Roberto Malthus e sim para perguntar se valeria a pena conservar-se indefinidamente a vida do homem, sobre o vale de lagrimas do Salmista.

Quando ainda não se resolveu o problema do pão de cada dia, quando ha multidões de famintos e desesperados, quando a sociologia não passa de palavra a ser interpretada, é licito cogitar-se da longevidade das criaturas? Se vingassem as teorias modernas, teriamos igualmente a eternização do egoismo, da ambi-

ção e do orgulho, porque cada um não cogitaria senão da sua propria immortalidade.

As atividades inoportunas de semelhantes cogitações, no objeto de se fazer de cada homem um Matusalém sobre a terra, são a criação incessante dos institutos da Morte. A politica que incentiva a natalidade, não quer a criança senão para fazer dela, mais tarde, um soldado ou uma vivandeira, de acôrdo com a determinação do sexo. O monstro da guerra aí está, ainda, como a Hidra de Lerna, envolvendo todos os povos do planeta nos seus tentáculos destruidores.

Todos os progressos da civilização se canalizam para esse gôsto homicida. O animal politico de Aristoteles não vive senão para destruir seus semelhantes e, nos departamentos de guerra de todos os países existem os técnicos de novos aparelhos de destruição.

Nestes ultimos tempos, um illustre médico europeu inventou piedosamente uma especie de máscara protetora contra todos os gases mortíferos conhecidos. Apresentando o invento humanitario ao seu diretor de laboratorio, obteve uma resposta curiosa:

— "Muito bem, meu amigo. A tua criação merece o apoio do governo e a admiração dos teus colegas; todavia, é preciso agora que utilizes as tuas faculdades inventivas na criação de um gás mais poderoso do que essa

máscara, e que a possa inutilizar no momento oportuno”.

E' dentro dessa mentalidade que se desdobram as atividades humanas.

Os cientistas que desejarem prestar o concurso dos seus conhecimentos á humanidade, devem ocupar-se de problemas menos complexos do que o da inconveniente longevidade das criaturas.

Antes de tudo, é necessario educar o espirito para o saneamento moral da vida das coletividades. Quando o homem conhecer a sua condição de usufrutuário do patrimonio divino, as armas da ambição, do egoismo e do orgulho estarão ensarilhadas para sempre. A morte, nesse plano ideal de conhecimento superior, deixará de ser a espada de Dâmocles, no banquete da vida, porquanto não mais existirá na imaginação das criaturas integradas no conhecimento de sua imortalidade espiritual.

Os cientistas que estudam a longevidade do corpo são os que tateiam, voluntariamente, nas sombras da noite, despercebidos de que as claridades do dia virão fatalmente iluminar-lhes o caminho da ascensão para Deus.

Que se desviem de semelhantes excentricidades, empregando os seus esforços na solu-

ção de problemas mais uteis e mais urgentes. Em vez de criarem novas teorias para que o mundo fique repleto de corpos imortais, seria melhor que cultivassem batatas, afim de que os pobres da Terra tenham um pão pela hora da vida.

30 de Abril de 1937.

O ELOGIO DO OPERARIO

A's portas do Céu bateram, um dia, um Politico, um Soldado e um Operario. Mas, Gabriel, o anjo que na ocasião velava pela tranquillidade do Paraiso, não quis atender-lhes ás rogativas, sem préviamente consultar ao Senhor sobre aquelas três criaturas recém-chegadas da Terra.

Depois de inquiri-las quanto ás suas atividades na superficie do mundo, procurou o Mestre, a quem falou humildemente:

— Senhor, um Politico, um Soldado e um Operario, vindos da Terra longinqua, desejam receber vossas divinas graças, ansiosos de gozar das felicidades celestes.

— Gabriel — disse o Salvador — que habilitações trazem do mundo essas almas, para viverem na paz da Casa de Deus? Bem sabes que cada homem edifica, com a sua vida, o seu inferno, ou o seu paraiso... Mas, vamos ao que nos interessa: Que fez o Politico lá na Terra?

O anjo, bem impressionado com a figura do diplomata, que impetrara os seus bons officios, exclamou com algum entusiasmo:

— Trata-se de um homem de elevado nivel cultural. Suas informações revelaram-me um espirito de gosto refinado no trato da civilização e das leis. Foi um preclaro estadista, cuja existencia decorreu nos bastidores da administração pública e nos torneios eleitorais, onde consumiu todas as suas energias. Em troca de seus labores, os homens lhe tributaram as mais subidas honras nas suas exéquias. Seu cadaver, embalsamado, num ataúde de vidro, percorreu duzentas léguas para ficar guardado nos marmores preciosos do Panteon Nacional.

— Mas... — objetou entristecido o Mestre — esse homem teria cumprido as leis que ditava para os outros? Teria observado a prática do Bem, a unica condição para entrar no Paraiso, absorvido como se achava na enganosa voluptia das grandezas terrenas?

— A luta politica, Senhor, tomava-lhe todo o tempo — respondeu solícito o anjo — os tratados juridicos, as tabelas orçamentarias, as fontes historicas, as questões diplomaticas, os compendios de ciencias sociais, não davam lugar a que ele se integrasse no conhecimento da vossa palavra...

— Entretanto, o meu Evangelho deveria

ser a bússola de quantos se colocam na direção da humanidade...

E, como se intimamente lastimasse a situação do infeliz, o Mestre rematou:

— Aqui não ha lugar para ele. Não se conquistam as venturas celestes com a riqueza de teorias da Terra. Dir-lhe-ás que retorne ao mundo, afim-de voltar mais tarde ao Paraíso, pela porta do Bem, da Caridade e do Amor.

— E o Soldado, que serviços apresenta em favor da sua pretensão?

— Esse — replicou Gabriel — foi um herói na terra em que nasceu. Seus atos de valor e de bravura deram causa a que fôsse promovido pelos superiores hierárquicos á posição de chefe das forças militares em operações, na última guerra. Tem o peito coberto de medalhas e de insignias valiosas, das ordens patrióticas e das legiões de honra; seu nome é lembrado no mundo com carinhoso respeito. Aos seus funerais compareceram representações de varios países do mundo e inúmeras coletividades acompanharam-lhe as cinzas illustres, que, envolvidas na bandeira da sua patria, foram guardadas num monumento majestoso de soberbo carrara.

— Infelizmente — exclamou amargurado o Senhor — o Céu está fechado para os homens dessa natureza. E' inacreditável que sejam

glorificados no órbe terrestre aqueles que matam a pretexto de patriotismo. Nunca pús no verbo dos meus enviados, no planeta, outra lei que não fôsse aquela do — “amai á Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a vós mesmos.” Nunca houve uma determinação divina para que os homens se separassem entre patrias e bandeiras. De sul a norte, do oriente ao ocidente, todos os Espiritos encarnados são filhos de Deus, e qualquer deles pôde ser meu discipulo. Os homens que semeiam a ruína e a destruição não podem participar da tranquilidade do Paraíso.

E o Operario, que fatos lhe justificam a presença nas portas do Céu?

— Esse — elucidou Gabriel — quasi nada tem a contar dos seus amargurados dias terrestres. Os sôpros frios da adversidade, em toda a existencia, o perseguiram através das estradas do destino, e a fé em vossa complacencia e misericordia foi sempre a sua unica ancora de salvação, no oceano de suas lagrimas por onde passava o barco miseravel da sua vida. Trabalhou com o esfôrço poderoso das máquinas e foi um colaborador desconhecido do bem-estar dos afortunados da Terra. Nunca recebeu uma compensação digna do seu trabalho, e consumiu-se no holocausto á coletividade e á familia... Entretanto, Senhor, ninguem conheceu as tenpestades de lagrimas

do seu coração afetuoso e sensível, nem as dificuldades dolorosas dos seus dias atormentados do mundo. Viveu com a fé, morreu com a esperança e o seu corpo foi recolhido pela caridade de mãos piedosas e compassivas, que o abrigaram na sepultura anónima dos desgraçados...

— O Céu pertence a esse herói, Gabriel — disse o Mestre alegremente. Suas esperanças colocadas no meu amor são sementes benditas que frutificarão na percentagem de mil por um. Se os homens o ignoram, o Céu deve conhecer os seus heroísmos obscuros e os seus sacrifícios nobilitantes. Enquanto o Politico organizava leis que não cumpria, ele se imolava no desempenho dos deveres santificados. Enquanto o Soldado destruía irmãos, seus braços faziam o milagre do progresso e do bem-estar da humanidade. Enquanto os despojos dos primeiros foram encerrados nos marmores frios e imponentes das falsas homenagens da Terra, seu corpo de lutador se dissolveu no solo, acentuando os perfumes da natureza e enriquecendo o grão que alimenta as aves alegres, na mesma harmonia eterna e doce que regeu os sentimentos do seu coração e os atos do seu Espirito. Esse, Gabriel, faz parte dos heróis do Céu, que a Terra nunca quis conhecer.

E, enquanto o Politico e o Soldado vol-

tavam ao caminho das reencarnações dolorosas, da Terra, o Operario de Deus se cobria com as claridades do Infinito, buscando outras possibilidades de trabalho para o seu amor e para o seu devotamento.

1 de Maio de 1937.

ANIVERSARIO DO BRASIL

Vem o Brasil de comemorar o 437º. ano do seu descobrimento. Em todos os centros culturais do país foi lembrada a célebre expedição de Alvares Cabral, que, em março de 1500, deixou Lisbôa com as mais severas recomendações para os régulos da Asia e aportou, primeiramente, na ilha de Vera Cruz, cheia de arvores fartas e de rolas morenas, cantando a inocencia das terras inexploradas e virgens, cujo dominio Portugal havia pleiteado em Tordesilas.

Os naturais ainda pareciam permanecer com a benção divina no paraíso terrestre, pois não conheciam o sentimento que fizera Adão e Eva buscarem a folha de parra, envergonhados dos seus pormenores anatomicos; mas, Frei Henrique de Coimbra, na primeira missa celebrada naquele deserto maravilhoso, tentou prégar para as gentes de Porto Seguro, que não lhe compreenderam as palavras, tomando, logo após aquele ato católico, os seus

arcos e os seus tacapes, prosseguindo nas suas dansas exóticas, sobre as ervas rasteiras da praia.

Sôbre as grandes comemorações brasileiras destes ultimos dias, não podemos mencionar as da politica administrativa, que, no momento, estava preocupada com a eleição do Presidente da Camara Federal, sendo de destacar-se, sómente, a Congregação Mariana no Rio de Janeiro. A Igreja, conhecendo profundamente a psicologia das massas, reuniu mais de dez mil católicos na capital do país, realizando os seus movimentos com o apoio governamental. Mas, não nos surpreendemos. Não se tratou de um congresso para a generalização do livro ou de novas facilidades da vida. Como Frei Henrique de Coimbra, no dia 3 de maio de 1500, entre as madeiras toscas da Baía, Monsenhor Leovigildo Franca, na Feira de Amostras do Rio de Janeiro dava explicações da missa ao povo do Brasil, com a diferença de que falava pelo radio e com pouca esperança de ser entendido pelos seus patricios, que, como outrora, se levantariam dali com as suas cuicas e os seus pandeiros, procurando a Favela ou a Mangueira para um samba de quintal. Aliás, semelhante fato não será estranhavel, considerando-se que o govêrno que apoiou a última concentração católica é o mesmo que subvenciona as festas carnavalescas,

incentivando, por essa fôrma, o turismo no Brasil.

Todavia, longe das apreciações superficiais, que teria feito a nação em mais de quatrocentos anos de vida historica e mais de um seculo de independencia política? Com um territorio imenso, onde caberá possivelmente toda a população da Europa moderna, ela apenas conhece pouco mais de um décimo de suas possibilidades economicas. Do vale soberbo do Amazonas ás planicies do Prata, ha um perfume de matas virgens na terra misteriosa e o mesmo livro infinito de sua natureza extraordinaria espera ainda a raça ciclópica que escreverá, nas suas paginas em branco, a mais bela talvez de todas as epopéias da Humanidade, nos triunfos do Espirito.

E' lastimavel que as paixões politicas aí permaneçam, intoxicando inteligencias e corações. A esses sentimentos nefastos deve-se a sensação de angustiosa expectativa que o país vem experimentando, nestes anos derradeiros, perturbando os seus surtos de trabalho e empobrecendo as suas fontes de produção. Os espiritos que aí se entregam ao vinho sinistro do interesse e da ambição, andam esquecidos de que são criminosos todos aqueles que destroem um abrigo diante da tempestade furiosa, sem apresentar um refúgio melhor aos naufragos desesperados. Como inaugurar-se uma nova

experiencia de novos regimens politicos no país, se o proprio princípio democratico ainda não foi devidamente assimilado? Contudo, o que vemos no Brasil, nos ultimos tempos, é a tendencia para a desagregação das forças construtivas da nacionalidade, em lutas esterilizadoras.

Reza a Historia que, nos seculos passados, quando as hordas de barbaros ameaçavam a Europa medieval, o sultão Amurat submeteu ao seu dominio as provincias gregas da Tracia, da Albania e da Macedonia. Cheio de galardões e de vitorias, avançou para o norte em direção dos sérvios e dos búlgaros que, comandados por Lazaro e Sisman, lhe opuseram a mais encarniçada resistencia. O orgulhoso sultão ganhou-lhes a grande batalha de Kossovo, mas, quando vitorioso contemplava com feroz alegria o campo forrado de sangue e de cada-veres, orgulhoso do seu feito e da sua glória, o sérvio Miloch levantou-se, no silencio da praça destruida e, lesto, cravou-lhe um punhal no coração.

A politica brasileira dos ultimos anos tem sido a repetição do mesmo quadro. Sempre um Amurat escalando o caminho da glória e da evidencia, sobre as humilhações dos seus semelhantes e sempre um Miloch saindo do seu anonimato para desferir-lhe o golpe supremo.

Mas... não falemos de assunto tão ingrato, quanto inoportuno.

Nos dias aniversarios do Brasil, recordemos que o professor Tyndall acaba de anunciar os dez problemas mais importantes que a ciencia terrestre terá de resolver nos proximos cem anos, neles incluindo a viagem á Lua e a alimentação química, lembrando ao illustre cate-drático da Pensylvania que, não obstante as suas mestranças, esqueceu a questão do triunfo do Evangelho. E olhando o país maravilhoso onde todas as raças do planeta se encontraram para a glorificação da fraternidade e do amor, saudemos, com as emoções de nossa esperança, as terras afortunadas de Santa Cruz.

7 de Maio de 1937.

UMA VENERAVEL INSTITUIÇÃO

Parecerá estranho que os Espiritos desencarnados volvam á Terra para visitar as instituições humanas, velando pelo mecanismo dos seus trabalhos e agindo, indiretamente, nas suas deliberações.

A verdade, porém, é que isso constitue um acontecimento natural. Se os vivos continuam os trabalhos daqueles que os antecederam na jornada da Morte, as almas do mundo invisível, nos planos em que me encontro, têm de voltar, em sua maioria, ás lutas terrestres. Todas as edificações de uma época têm as suas bases profundas nas épocas que a precederam. Nenhum homem pode criar, por si só, alguma coisa e sim desenvolver os principios encontrados, aproveitando o material disperso para continuar a obra evolutiva, imprimindo-lhe a expressão do seu pensamento pessoal. Mesmo o inventor e o artista, com as largas reservas de possibilidade e paciencia que os seculos de experiencias acumularam nos escaninhos de

suas personalidades, estão englobados nessa classificação. E' que o progresso é uma obra coletiva. Cada criatura deixa uma nota na sua admiravel sinfonia. As éras se interpenetram umas ás outras, tal como se confundem, no oceano largo do tempo, os vivos e os mortos. A vida é o resultado das trocas incessantes e o isolamento é a unica morte no concêrto universal.

E' considerando essas verdades que me tenho dedicado a conhecer, dentro das minhas possibilidades, as instituições dos homens, voltando para falar delas com a minha linguagem característica, evitando o terreno do transcendentalismo, para fornecer, espontaneamente, a minha carteira de identificação.

* * *

Nas proximidades do edificio do Tesouro Nacional, na Avenida Passos, ergue-se a Federação Espirita Brasileira, guardando, na cidade maravilhosa, as grandes tradições da caridade e da esperança, filhas do coração de Ismaél, cujo pensamento inspira as atividades do Evangelho nas terras de Santa Cruz.

Já tive ocasião de manifestar o meu respeito por essa instituição veneravel, cujas portas se abrem generosas para os famintos do pão espiritual e para os necessitados do

corpo, ao lado do formigueiro humano, onde se agitam cerca de dois milhões de pessoas. Conhecendo-lhe, embora, a finalidade evangelica, em cuja base imortal repousam os seus labores associativos, no objetivo de emprestar a minha colaboração humilde ao desdobramento dos seus programas, procurei alcançar numa visão de detalhe a sua obra edificadora.

A visita de um desencarnado não se verifica conforme as praxes sociais que presidem, no mundo dos homens de carne, a um ato dessa natureza; mas, no pórtico da Casa de Ismael encontrei o mesmo Pedro Richard, que me levou a observar as intimidades do seu santuario.

Visitei, uma a uma, as suas dependencias.

Nas suas escadarias e nos seus gabinetes amplos, não somente se reúnem os médiuns abnegados e os sofredores que aí os procuram diariamente. Verdadeiras legiões de sêres invisíveis, que os vivos considerariam como fileiras de sombras, deslisam pelas salas e pelos corredores, revezando-se no sagrado mistér da caridade, fornecendo o que podem, no labor piedoso e cristão.

A presença dos enfermeiros invisíveis enche a atmosfera da casa de fluidos suaves e balsamicos. E', talvez, por esse motivo, que alguns amigos meus procuravam descansar na

Federação, quando passavamos nas vizinhanças da antiga rua do Sacramento, cansados dos rumores urbanos e das longas distancias, acreditando alcançar aí um banho regenerador de suas energias psíquicas.

— Aqui, explicava Pedro Richard, reunimo-nos todos nós, os que amamos as clari- dades do Evangelho, ansiosos de repartir as esperanças da Bôa-Nova. Ha lugar nesta casa para todos os trabalhadores, e basta querer para que cada um seja encorporado á caravana que nunca se dissolve. A' maneira daqueles coxos e estropiados a que se referia Jesus no seu ensinamento, vivemos pela misericordia do Senhor, que não nos desampara com a sua bondade infinita. O banquete de Ismael está aqui sempre posto e, das alturas divinas caem sobre o seu templo humano as flores da esperança, da piedade e do perdão, transformadas em bençãos de Deus, repartidas, como a luz do sól, com todos os corações. Aproveitamos, nos estudos da doutrina, aquela parte que representava a predileção de Maria, em contraposição com os trabalhos apressados e inquietos de Marta, segundo a observação do Divino Mestre, e pugnamos pelo esforço da reforma interior de cada um, reconhecendo que sómente na assimilação dos principios morais da doutrina, em sua feição de Cristianis-

mo restaurado, poderemos atingir a finalidade de nossas preocupações.

— “Mas — perguntei admirado — a instituição desprezará, porventura, as expressões científicas do Espiritismo?”

— “De modo algum — respondeu-me solícito — seus aspectos fenomenicos merecem da Federação todo o zêlo possível, mas essas expressões da ciencia representam os meios e não o fim, constituindo, desse modo, corolarios das expressões morais do ensinamento dos Espiritos, chegando-se á ilação de que nada se terá feito sem a edificação das consciencias, á luz dos seus principios. Haja vista o que aconteceu na Europa, bafejada por tantos fenômenos extraordinarios. Com algumas exceções, os sabios que alí se ocuparam do assunto, possuidos do mais avançado personalismo, definiram os fatos mediúnicos dentro de suas vaidades pessoais, complicando o estudo da doutrina com o sabor científico de suas palavras, desconhecendo a profunda simplicidade dos ensinamentos revelados.

— “E’ com essa expressão religiosa e regeneradora que o Espiritismo conta esclarecer os problemas do campo social?” — perguntei ainda.

“De fato — continuou o meu generoso amigo — toda a vitória da doutrina tem de começar no coração. Sem o sêlo da renova-

ção interior, qualquer tentativa de reforma constitue um caminho para novas desilusões. Seria, pois, inutil organizarmos grandes movimentos para uma salvação imediata, se o espirito geral se encontra nas sombras. Onde se terá visto uma colheita sem o trabalho da sementeira? A missão dos espiritas não representa, portanto, uma tarefa artificiosa e nem lhes compete disseminar os laboratorios de ilusões. Suas responsabilidades são muito grandes no campo da educação evangelica das massas e no plano da caridade pura, assistindo os soffredores e os desesperados. Esse campo de trabalho moral é o imenso reservatorio das forças indestrutíveis da Nova Revelação e a beleza dos seus aspectos tem seduzido muitas mentalidades de élite, do mundo inteiro. Mesmo a esta casa têm aportado muitos espiritos brilhantes, vindos da Politica e da Ciencia, considerando que o Espiritismo, verdadeiramente interpretado, é a síntese maravilhosa que abrange todas as atividades humanas, no sentido de aperfeioa-las para o bem comum.

— “Mas, ponderei, não seria aconselhavel movimentarem-se os elementos da doutrina projetando-se as expressões de seus valores no mundo das realizações?”

— “Não reprovamos quantos se entregam, desde já, aos trabalhos dessa natureza, reconhecendo que o Espiritismo é um campo imen-

so onde cada qual tem a sua tarefa a desempenhar, e onde o exclusivismo pecará sempre pela inoportunidade; mas, julgamos prudente criar-se a mentalidade evangelica antes das obras espiritas, afim-de que elas não se percam nos labirintos do mundo, e para que sejam devidamente cultivadas pelos verdadeiros discipulos do unico Mestre, que é Jesus Cristo”

As palavras esclarecedoras de Richard calaram-me no espirito.

Compreendi que, de fato, nunca, como agora, a sociedade humana precisou tanto de recorrer ao auxilio sobrenatural do mundo invisível para reorganizar as suas energias. afim-de manter a sua propria estabilidade moral.

Em companhia do mesmo amigo, voltei para o saguão de entrada do edificio, onde se reunia a legião de aflitos e de consolados.

Era noitinha. A avenida Passos regorgitava de automoveis de luxo, plena de luz e de movimento. E, enquanto os sujeitos felizes procuravam, no coração enorme da cidade, as casas alegres da noite, uma grande multidão de pessoas, ricas e pobres, subia com humildade as escadas do grande edificio, para se curvarem sobre o Evangelho, procurando aí a lição divina e o socôrro espiritual. E, antes que me confundisse, de novo, com as coisas da minha nova vida, lembrei-me das primitivas assem-

bléias cristãs, onde se misturavam todas as posições sociais no exemplo de fraternidade apostólica, no recanto humilde das catacumbas romanas.

Pedro Richard estava com a razão.

E' verdade que Néro não está hoje no poder, mas os circos dos suplicios foram substituídos, prevalecendo a mesma perversidade entre os homens, envenenando-lhes o coração. Aos funestos efeitos de uma nova aliança com Constantino é preferível, portanto, esclarecer e iluminar o coração de Constantino.

2 de Agosto de 1937.

CARTA A' MINHA MÃE

Hoje, mamãe, eu não te escrevo daquele gabinete cheio de livros sábios, onde o teu filho, pobre e enfermo, via passar os espetros dos enigmas humanos, junto da lampada que aos poucos lhe devorava os olhos, no silencio da noite.

A mão que me serve de porta-caneta é a mão cansada de um homem paupérrimo, que trabalhou o dia inteiro buscando o pão amargo e cotidiano dos que lutam e sofrem. A minha secretária é uma tripeça tósca, á guisa de mesa e as paredes que me rodeiam são núas e tristes, como aquelas da nossa casa desconfortavel em Pedra do Sal. O telhado sem fôrro deixa passar a ventania lamentosa da noite e deste remanso humilde, onde a pobreza se enconde exausta e desalentada, eu te escrevo sem insonias e sem fadigas, para contar-te que ainda estou vivendo para amar e querer a mais nobre das mães.

Queria voltar ao mundo que deixei, para

ser novamente teu filho, desejando fazer-me um menino, aprendendo a rezar com o teu espirito santificado nos sofrimentos.

A saudade do teu afeto leva-me constantemente á essa Parnaíba das nossas recordações, cujas ruas arenosas, saturadas do vento salitroso do mar sensibilizam a minha personalidade e, dentro do crepúsculo estrelado da tua velhice cheia de crença e de esperança, vou contigo, em espirito, nos retrospectos prodigiosos da imaginação, aos nossos tempos distantes. Vejo-te com os teus vestidos modestos, em nossa casa de Miritiba, suportando com serenidade e devotamento os caprichos alegres de meu pai. Depois, faço a recapitulação dos teus dias de viuvez dolorosa, junto da máquina de costura e do teu "terço" de orações, sacrificando a mocidade e a saúde pelos filhos, chorando com eles a orfandade que o destino lhes reservava e, junto da figura gorda e risonha da Midoca, ajoelho-me aos teus pés e repito.

— "Meu Senhor Jesus Cristo, se eu não tiver de ter uma boa sorte, levai-me deste mundo, dando-me uma boa morte."

Muitas vezes o destino te fez crer que partirias antes daqueles que havias nutrido com o beijo das tuas carícias, demandando os mundos ermos e frios da Morte. Mas, partimos e tu ficaste. Ficaste no cadinho doloroso da Saudade, prolongando a esperança numa vida

melhor no seio imenso da Eternidade. E o culto dos filhos é o consôlo suave do teu coração. Acariciando os teus netos, guardas com o mesmo desvelo o meu cajueiro, que aí ficou como um simbolo plantado no coração da terra parnaibana, e, carinhosamente, colhes das suas castanhas e das suas folhas fartas e verdes, para que as almas boas conservem uma lembrança do teu filho, arrebatado no turbilhão da Dôr e da Morte.

Ao Mirocles, mamãe, que providenciou quanto ao destino desse irmão que aí deixei, enfeitado de flores e passarinhos, estuante de seiva, na carne moça da terra, pedí velasse pelos teus dias de isolamento e velhice, substituindo-me junto do teu coração. Todos os nossos te estendem as suas mãos bondosas e amigas e é assombrada que, hoje, ouves a minha voz, através das mensagens que tenho escrito para quantos me possam compreender. Sensibilizam-me as tuas lagrimas, quando passas os olhos cansados sobre as minhas paginas póstumas e procuro dissipar as dúvidas que torturam o teu coração, combalido nas lutas. Assalta-te o desejo de me encontrares, tocando-me a generosa ternura de tuas mãos, lamentando as tuas vacilações e os teus escrúpulos, temendo aceitar as verdades espiritas em detrimento da fé catolica, que te vem sustentando nas provações. Mas, não é preciso,

mãe, que me procures na sobrevivencia do teu espirito e, para creres na sobrevivencia do teu filho, não é preciso que abandones os principios da tua fé. Já não ha mais tempo para que teu espirito excursione em experiencias no caminho vasto das filosofias religiosas.

Numa de suas paginas, dizia Coelho Neto que as religiões são como as linguagens. Cada doutrina envia a Deus, a seu modo, o voto de sua súplica ou de sua adoração. Muitas mentalidades entregam-se, aí no mundo, aos trabalhos elucidativos da polemica ou da discussão. Chega, porém, um dia em que o homem acha melhor repousar na fé a que se habituou, nas suas meditações e nas suas lutas. Esse dia, mamãe, é o que estás vivendo, refugiada no confôrto triste das lagrimas e das recordações. Ascendendo ás culminancias do teu Calvario de saudade e de angústia, fixa os olhos na celeste expressão do Crucificado e Jesus, que é a providencia misericordiosa de todos os desamparados e de todos os tristes, te falará ao coração dos vinhos suaves e doces de Caná, que se metamorfosearam no vinagre amargoroso dos martirios e das palmas verdes de Jerusalém, que se transformaram na pesada corôa de espinhos. A cruz, então, se te afigura mais leve e caminhas. Amigos devotados e carinhosos te enviam de longe o terno consôlo dos seus afetos e, prosseguindo no teu culto de

amor aos filhos distantes, esperas que o Senhor, com as suas mãos prestigosas, venha decifrar para os teus olhos os grandes misterios da Vida.

Esperar e sofrer têm sido os dois grandes motivos, em torno dos quais rodopiaram os teus quasi setenta e cinco anos de provações, de viuvez e de orfandade.

E eu, minha mãe, não estou mais aí para afagar-te as mãos trêmulas e os teus cabelos brancos que as dores santificaram. Não posso prover-te de pão e nem guardar-te da furia da tempestade, mas, abraçando o teu Espírito, sou a fôrça que adquires na oração, como se absorveses um vinho misterioso e divino.

Inquirido, certa vez, pelo grande Luiz Gama sobre as necessidades da sua alforria, um jóven escravo lhe observou:

— “Não, meu Senhor!... a liberdade que me oferece me doeria mais que o ferrete da escravidão, porque minha mãe, cansada e decrepita, ficaria sózinha nos mesteres do cativo.”

Se Deus me perguntasse, mamãe, sôbre os imperativos da minha emancipação espiritual, eu teria preferido ficar, não obstante a claridade apagada e triste dos meus olhos e a hipertrofia que me transformava num monstro, para levar-te o meu carinho e a minha afeição, até que pudeseamos partir juntos, desse

mundo onde tudo sonhamos para nada alcançar.

Mas, se a Morte parte os grilhões frágeis do corpo, é impotente para dissolver as algemas inquebrantáveis do espirito.

Deixa que o teu coração prossiga, oficiando no altar da saudade e da oração; cantaro divino e santificado, Deus colocará dentro dele o mel abençoado da esperança e da crença, e, um dia, no portal ignorado do mundo das Sombras eu virei, de mãos entrelaçadas com a Midoca, retrocedendo no tempo, para nos transformarmos em tuas crianças bem amadas. Seremos agasalhados então nos teus braços cariciosos, como dois passarinhos minúsculos, ansiosos da doçura quente e suave das asas maternas, e guardaremos as nossas lagrimas nos cofres de Deus, onde elas se cristalizam como as moedas fulgurantes e eternas do erario de todos os infelizes e desafortunados do mundo.

Tuas mãos segurarão ainda o "terço" das preces esquecidas e nos ensinarás, de joelhos, a implorar de mãos postas as bênçãos prestigiosas do Céu. E, enquanto os teus lábios sussurrarem de mansinho — "Salve Rainha... mãe de misericórdia..." começaremos juntos a viagem ditosa do Infinito, sob o dossel luminoso das nuvens claras, tênues e alegres, do Amor.

TRAGO-LHE O MEU ADEUS SEM PROMETER VOLTAR BREVE

Apreciando, em 1932, o "Parnaso de Além Tumulo", que os poetas desencarnados mandaram ao mundo por intermedio de você, chamei a atenção dos estudiosos para a incógnita que o seu caso apresentava. Os estudiosos, certamente, não apareceram. Deixando, porém, o meu corpo minado por uma hipertrofia renitente, lembrei-me do acontecimento. Julgara eu que os bardos "do outro mundo", com a sua originalidade estilar se comprometiam pela eternidade da produção, no falso pressuposto de que se pudessem identificar por outra forma. Encontrando ensejo para me fazer ouvir através de suas mãos, escrevi crônicas póstumas que o Sr. Frederico Figner transcreveu nas colunas do "Correio da Manhã".

Não imaginei que o humilde escritor desencarnado estivesse ainda na lembrança de quantos o viram desaparecer. E as minhas

palavras provocaram celêuma. Discutiui-se e ainda se discute.

Você foi apresentado como habil fazedor de pastiches e os noticiarios vieram averiguar o que havia de verdadeiro em tôrno do seu nome.

Colheram informes. Conheceram a honestidade da sua vida simples e as dificuldades do seus dias de pobre. E, por ultimo, quiseram ver como você escrevia a mensagem dos mortos, qual uma Remington acionada por dedos invisíveis.

Tive pena quando soube que iam conduzi-lo a um "test" e recordei-me do primeiro exame a que me sujeitei aí, com o coração batendo forte.

Fiz questão de enviar-lhes algumas palavras como o homem que fala de longe á sua patria distante, através das ondas de Hertz, sem saber se os seus conceitos serão reconhecidos pelos patricios, levando em conta as deficiencias do aparelho receptor e os desequilibrios atmosfericos. Todavia, bem ou mal, consegui falar alguma coisa. Eu devia essa reparação á doutrina que você sinceramente professá.

Esperariam, talvez, que eu falasse sôbre os fabulosos canais de Marte, sôbre a natureza de Venus, descrevendo, como os viajantes de Julio Verne, a orografia da Lua. Julgo, po-

rém, que, por enquanto, me é mais fácil uma discussão sôbre o diamagnetismo de Faraday.

Admiraram-se, quando enxergaram a sua mão vertiginosa correndo sôbre as linhas do papel.

A curiosidade jornalística é agora levantada em tôrno da sua pessoa. E' possível que outros acorram para lhe fazer suas visitas. Mas, ouça bem. Não me espere como a pitonisa de Endor, aguardando a sombra de Samuel, para fazer predições a Saúl sôbre as suas atividades guerreiras. Não sei movimentar as trípodés espiritas e, se procurei falar naquela noite, é que o seu nome estava em jôgo. Colaborei, assim, na sua defesa. Mas, agora que os curiosos o procuram na sua ociosidade, busque você no desinteresse a melhor arma para desarmar os outros. Eu voltarei provavelmente, quando o deixarem em paz na sua amargurosa vida.

Não desejo escrever maravilhando a ninguém e tenho necessidade de fugir a tudo o que tenho obrigação de esquecer.

Fique-se, pois, com a sua cruz que é bem pesada, por amor d'Aquele que acende o lume das estrelas e o lume da esperança nos corações. A mediunidade posta ao serviço do bem é quasi a estrada do Gólgota; mas, a fé transforma em flores as pedras do caminho. Li aí, certa vez, num conto delicado, que uma mulher,

em meio de sofrimentos acerbos, apelára para Deus afim de que se modificasse a volumosa cruz da sua existencia. Como a filha de Sci-pião, vira nos filhos as jóias preciosas da sua vaidade e do seu amor; mas, como Níobe, vi-ra-os arrebatados no torvelinho da morte, impelidos pela furia dos deuses. Tudo lhe falhára nas fantasias do amor, do lar e da ventura.

— Senhor, exclama ela, porque me dêste uma cruz tão pesada? Arranca dos meus ombros fracos esse insuportavel madeiro!

Mas, nas asas brandas do sono, a sua alma de mulher viúva e orfã foi conduzida a um palacio resplandecente. Um Anjo do Senhor recebeu-a no pórtico, com a sua benção. Uma sala luminosa e imensa lhe foi designada. Toda ela se enchia de cruces. Cruces de todos os feitios.

— Aqui — disse-lhe uma voz suave — guardam-se todas as cruces que as almas encarnadas carregam na face triste do mundo. Cada um desses madeiros traz o nome do seu possuidor. Atendendo, porém, á tua súplica, ordena Deus que escolhas aqui uma cruz menos pesada do que a tua.

A mulher preferiu, concientemente, aquella cujo peso competia com as suas possibilidades, escolhendo-a entre todas.

Mas, apresentando ao Mensageiro Divino

a de sua preferencia, verificou que, na cruz escolhida se encontrava inculpido o seu proprio nome, reconhecendo a sua impertinencia e rebeldia.

— Vai! — disse-lhe o Anjo — com a tua cruz e não descreias. Deus, na sua misericordiosa justiça, não poderia macerar os teus ombros com um peso superior ás tuas fôrças.

Não desanime, portanto, na faina em que se encontra, carregando esse fardo penoso que todos os incompreendidos já carregaram. E agora que os bisbilhoteiros o procuram, trago-lhe o meu adeus, sem prometer voltar breve.

Que o Senhor derrame sobre você a sua benção, que conforta todos os infortunados e todos os tristes.

EM FRATERNAL SAUDAÇÃO A HUMBERTO DE CAMPOS

Começa assim, no volume de suas "Memórias" (1), o capítulo 32, intitulado: "Um amigo de infância":

No dia seguinte ao da mudança para a nossa pequena casa dos Campos, em Parnaíba, em 1896, toda ela cheirando ainda a cal, a tinta e a barro fresco, ofereceu-me a Natureza, ali, um amigo. Entrava eu no banheiro tóxico, próximo ao poço, quando os meus olhos descobriram no chão, no interstício das pedras grosseiras que o calçavam, uma castanha de cajú que acabava de rebentar, inchada, no desejo vegetal de ser árvore. Dobrado sobre si mesmo, o caule parecia mais um verme, um caramujo a carregar a sua casca, do que uma planta em eclosão. A castanha guardava, ainda, as duas primeiras folhas húmidas e avermelhadas, as quais eram como duas joias flexíveis que tentassem fugir ao seu cofre.

— Mamãe, olhe o que eu achei! — grito, contente, sustentando na concha das mãos curtas e ásperas o mostrengo que ainda sonhava com o sol e com a vida.

— Planta, meu filho... Vai plantar... Planta-a no fundo do quintal, longe da cerca... A trinta ou quarenta metros da casa, estaco. Faço

com as mãos uma pequena cova, enterro aí o projeto de árvore, cerco-o de pedaços de tijolos e telhas. Rego-o. Protejo-o contra a fome dos pintos e a irreverência das galinhas. Todas as manhãs, ao lavar o rosto, é sobre ele que tomba a água dessa ablução alegre. Acompanho com afeto a multiplicação das suas folhas tenras. Vejo-as mudar de cor, na evolução natural da clorofila. E cada uma, estirada e limpa, é como uma língua verde e mobil, a agradecer-me o cuidado que lhe dispensei, o carinho que lhe voto, a água gostosa que lhe dou.

Precipito-me, feliz, com a minha castanha viva.

Pois bem, esse recanto do terreno da casa em que ele, na quadra infantil, residiu longos anos, nessa Parnaíba tão recantada em seus escritos e, particularmente, no volume que vimos de citar, foi, após a sua desencarnação, transformado num jardim público, a que deram a denominação de — Parque "Humberto de Campos".

Ociosos dizer que o que inspirou a transformação daquele fundo de quintal em parque, com o nome do humorista notável e talentoso cronista nascido no Maranhão, foi a circunstância de ostentar-se ali o belo e frondoso cajueiro por ele plantado, quando ainda na primeira infância, e ao qual consagrou, em suas "Memórias", nada menos de sete páginas, donde se evola forte o perfume da saudade e das recordações doces, que tantas emoções despertam nas almas sensíveis, mormente em dias de sofrimento e amargor, se já começaram a

(1) Livraria Editora "José Olympio", 6ª. edição.

descer sobre a criatura as sombras merencóreas do ocaso da existencia.

Nem só entretanto, no mencionado capitulo das suas "Memorias" fala Humberto da hoje pujante arvore que as suas mãos de criança viva e travêssa plantaram um dia, em semente, lá perto da cêrca do amplo terreiro em que ele multiplicava, despreocupado, os brincos da meninice, na sua inolvidavel Parnaíba. Além de várias outras referencias ao cajueiro querido, na extensa obra literaria que deixou como escritor humano, ainda agora, como escritor do mundo invisivel, na penultima das mensagens que este volume contém — "Carta á minha Mãe" — alude á arvore amada, nestes termos tocantes, como o são, aliás, todos os dessa comovente pagina que o seu Espirito traçou, da outra margem da vida, acionando o lapis de Francisco Candido Xavier:

Ao Mirocles, que providenciou quanto ao destino desse irmão que aí deixei, enfeitado de flores e pas-sarinhos, estuante de seiva, na carne moça da terra...

Exprime ele assim, sem dúvida, quão grata foi, ao seu coração amavel, a idéia de realçarem a beleza do seu "irmão" frondoso, pondo-o em destaque na moldura de um parque singelo, mas donairoso, onde, "como um simbolo plantado no coração da terra parnaibana", segundo as suas mesmas expressões em "Carta á minha Mãe", aquele, como que orgu-

lhoso do irmão que ali o deixou, se ergue cheio de majestade, a perpetuar, "para as almas boas", a lembrança de quem, "arreatado no turbilhão da dor e da morte", vive agora feliz. Feliz, sim, porque liberto da prisão da carne, e feliz tambem, porque prêso pelos grilhões do afeto transbordante de uma alma de escól, a da veneranda velhinha que aguarda, paciente e resignada, depois de muito sofrer, tambem lhe sõe a hora da libertação, para juntar-se de novo ao filho idolatrado, nos páramos da verdadeira vida.

Assim sendo, gratissimo igualmente nos é a nós associar-nos á homenagem que a bem inspirada e piedosa iniciativa da criação do Parque "Humberto de Campos" envolve, sem, contudo, a restringirmos ao homem que, pelo fulgor da sua inteligencia se impôs á admiração e á estima dos seus contemporaneos e dos pósteros, tanto quanto pela soma de seus dotes morais. Antes, rendemo-la, de preferencia, ao seu Espirito, pela magnitude do esforço e pela caridosa solicitude com que procura, desde que se romperam os véus que lhe impediam a visão da verdade espiritual, demonstrar, aos homens incredulos, não só a realidade positiva da sobrevivencia da alma, como a da sua existencia no Além, qual a revelou e continúa a patentear o Espiritismo, esse Espiritismo que na terra pouco lhe atraiu a atenção.

É tomado de emoção viva e de legitimo encantamento, ante a grandiosidade desse esforço a que ele se lançou com prodigioso devotamento e que lhe conservará, pelos tempos em fóra, o nome e os feitos, mais do que todas as obras que haja produzido e pudesse produzir como homem, como Espirito encarnado, por muito geniais fôsem elas, que nos juntamos aos que lhe exalçaram, para os dias atuais, o nome e a lembrança, fundando o parque onde frondeia, opulento da seiva que lhe fornece "a carne moça da terra", o seu inesquecível cajueiro.

Fazemo-lo da maneira que se nos apresenta objetivamente possível neste instante em que, reunidas em volume, entregamos á deleitação dos estudiosos e aos amantes das belas letras as suas *Cronicas de Além-tumulo*: reproduzindo aqui, como um simbolo, conforme ele proprio o qualificou, simbolo certamente de grandeza e elevação espiritual, pois que instituido "para as almas boas", a imagem da arvore imponente, numa fotografia do parque onde ela altaneira se levanta, fotografia essa que a sua carinhosa progenitora ofertou a um excelente companheiro nosso, quando, em janeiro do ano corrente, a viajar por todo o Norte, logrou visita-la, graças á gentileza de um amigo comum.

Deparando-se-lhe, no visitante, um admi-

rador entusiasta do seu saudoso Humberto, em cujo Espirito conta ele bondoso amigo invisivel, a respeitavel anciã não se contentou com o lhe presentear a reprodução fotografica de uma solenidade que lhe ha de ter feito derramar não poucas lagrimas de comoção e saudade: escreveu-lhe nas costas uma dedicatória bastante eloquente na sua simplicidade.

Esta circumstancia torna para nós a sua transcrição aqui mais que um dever — um ato de culto reverente a esse duplo amor, materno-filial, que de longe nos évos traz enlaçadas duas almas lidimamente irmãs e fundidas, por ele e para sempre, no amor infinito de Deus. Diz assim a dedicatória:

Ao Sr. José Maria Macedo Santos ofereço, como lembrança da honrosa visita que me fez, a fotografia do Parque "Humberto de Campos", no dia de sua inauguração. Com sincera gratidão da humilde criada — *Anna C. Veras*. — Parnaíba, 10 de janeiro de 1937.

Excelsior! dizemos, ao encerrar estas linhas pobres de uma homenagem que só não é desprezível porque feita de coração aberto, dizendo-o em saudação fraternal e á maneira do sincero reconhecimento ao Espirito amigo que foi entre nós — HUMBERTO DE CAMPOS.

F I M

Dr. J. A. NOGUEIRA

AMOR IMORTAL

Transcrevemos algumas apreciações de criticos eminentes, que revelam a superioridade dêsse precioso livro.

O tom simbólico dos contos dá-lhes um sabor exquisito e elevado. As idéias reveladas exaltam sempre, deixam-nos entrever uma beatitude "post mortem" consoladora e excelsa.

Nos dias aflitos de hoje, em que toda a humanidade sofre como nunca, essas vozes de promessa nos alentam, embora mentirosas. E quem nos pode garantir a inveracidade da metempsicose ou do panteísmo?

Tal como o vemos no seu livro, o sr. Nogueira é uma alma afeita ao super-natural, ás emotividades superiores, aos lances de bondade verdadeira que só têm os corações iluminados de uma filosofia cuja moral riscou dos seus preeitos castigos e merecês.

— JOSE' OITICICA.

(Crônica Literária d'A *Eua*, de 1-8-1915).

Póde-se dizer do autor o que Hugo disse de Beaudelaire — deu-nos um novo aspecto do Belo, um novo modo de sentir. A leitura de "AMOR IMORTAL" mergulha-nos numa atmosfera estranha, numa irrealdade transcendente, que é um deleite para os cultores das finas estesias. — GODOFREDO RANGEL.

Queria exprimir a impressão de deslumbramento que me ficou da leitura de "AMOR IMORTAL", ao mesmo tempo assaltava-me o receio de dizer sandiees indignas d'ele e da minha admiração. — RICARDO GONÇALVES.

J. A. Nogueira, com o seu estranho romance "AMOR IMORTAL" é citado como um dos nossos escritores de mais forte personalidade, profundo na intenção filosófica, ousado na concepção, feliz na realização, "capaz de grandes coisas", na frase de Alberto de Oliveira. — HILARIO TACITO.

(Prólogo da "Vida Ociosa", de Godofredo Rangel).

Broch. 6\$000 — Enc. 8\$000

ÓBRAS DE

ERNESTO

BOZZANO :

**PENSAMENTO E
VONTADE**

Br. 4\$; enc. 6\$

**OS ENIGMAS DA
PSICOMETRIA**

Br. 5\$; enc. 8\$

**METAPSIQUICA
HUMANA**

Br. 5\$; enc. 8\$

**A CRISE DA
MORTE**

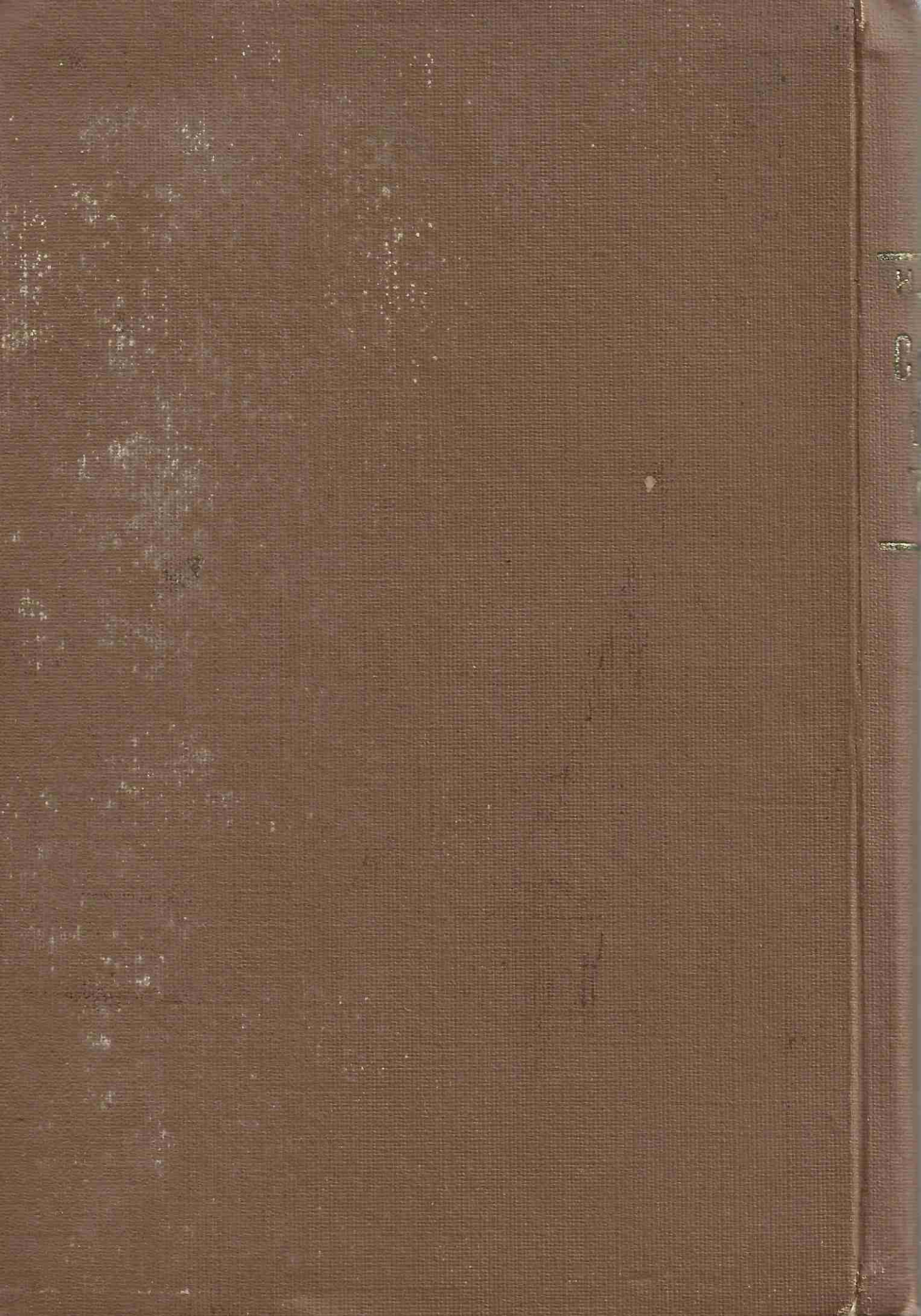
Br. 4\$; enc. 6\$

**XENOGLOSSIA
(MEDIUNIDADE
POLIGLOTA)**

Br. 5\$; enc. 8\$

**FENOMENOS
PSIQUICOS NO
MOMENTO DA
MORTE**

Br. 5\$; enc. 8\$



Francisco Candido Xavier

○ Consolador

Ditado por EMMANUEL.

Este o título da nova obra com que Emmanuel, iluminado servo do Senhor, vem enriquecendo a bibliografia espirita, através da mediunidade de Francisco Candido Xavier.

Vasado em fórmula dialogal, á feição do LIVRO DOS ESPIRITOS, dir-se-ia um desdobramento deste, mas com a vantagem de perfeita adaptação á mentalidade do nosso proselitismo, e atendendo ao conceito progressivo da Revelação, em seu aspecto prismático de muitas e ricas facetas.

Em 411 respostas a outras tantas perguntas a ele formuladas, acerca dos mais simples, como dos mais complexos problemas que de-frota-m o crente a cada passo na vida de relação, o lúcido Espirito de Emmanuel con-sen-sa, com admirável clareza permeavel a quaisquer inteligencias um prontuario de ensinamentos dinamizados na mais genuína ética evangelica.

CONSOLADOR, neste sentido, tambem se poderia chamar ASSESSOR CRISTÃO, que de fato o é, em roteiro aclarado de inteligencias e consciencias.

Lê-lo e meditá-lo, não é apenas balsamizar o coração, é enriquecer a mente e dilatar a percepção da propria vida, em coerencia com as suas necessidades e a sua fé.